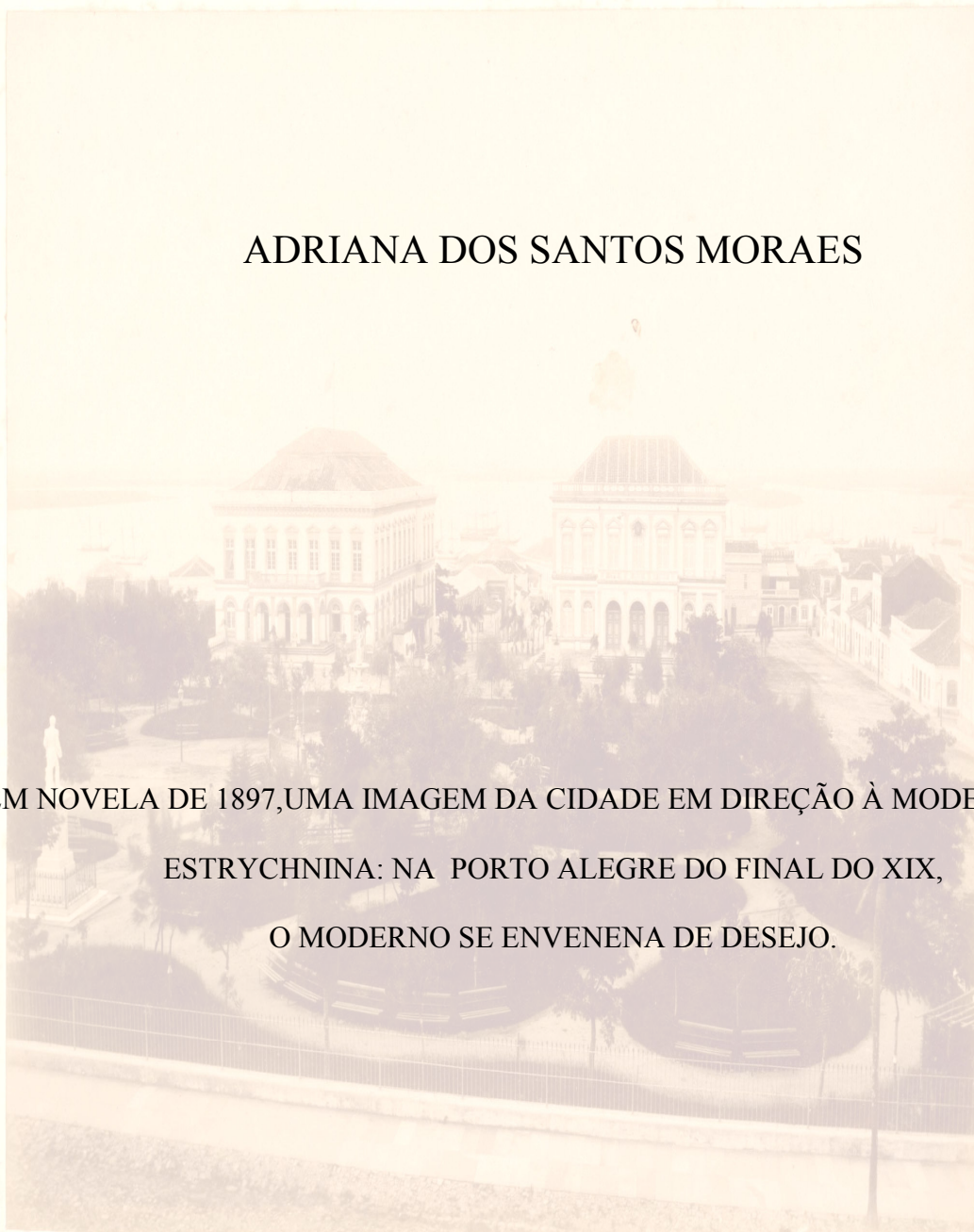


PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ADRIANA DOS SANTOS MORAES



EM NOVELA DE 1897, UMA IMAGEM DA CIDADE EM DIREÇÃO À MODERNIDADE.

ESTRYCHNINA: NA PORTO ALEGRE DO FINAL DO XIX,

O MODERNO SE ENVENENA DE DESEJO.

PRAÇA PEDRO II.

PHOT. FERRARI & IRMÃO.

Rua Duque de Caxias 247 B.

Porto Alegre
2006

ADRIANA DOS SANTOS MORAES

**EM NOVELA DE 1897, UMA IMAGEM DA CIDADE EM DIREÇÃO À
MODERNIDADE. ESTRYCHNINA: NA PORTO ALEGRE DO FINAL DO XIX,
O MODERNO SE ENVENENA DE DESEJO.**

Dissertação apresentada como requisito para
obtenção do grau de Mestre, pelo Programa de
Pós-Graduação da Faculdade de História, da
Pontifícia Universidade Católica do Rio
Grande do Sul.

Orientador: Prof^ª. Dra. Ruth M. Chittó Gauer

Porto Alegre
2006

FICHA CATALOGRÁFICA:

981

M827n Moraes, Adriana dos Santos

Em novela de 1897, uma imagem da cidade em direção à modernidade. *Estrychnina*: na Porto Alegre do final do XIX, o moderno se envenena de desejo / Adriana dos Santos Moraes; orientado por Ruth M. Chittó Gauer. -- Porto Alegre, 2006.

131p.

Inclui fotos, tabela e DVD.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul para obtenção do título de Mestre em História.

1. História do Brasil. I. Gauer, Ruth M. Chittó. II. Título.

CDU

ADRIANA DOS SANTOS MORAES

**EM NOVELA DE 1897, UMA IMAGEM DA CIDADE EM DIREÇÃO À
MODERNIDADE. ESTRYCHNINA: NA PORTO ALEGRE DO FINAL DO XIX,
O MODERNO SE ENVENENA DE DESEJO.**

Dissertação apresentada como requisito para
obtenção do grau de Mestre, pelo Programa de
Pós-Graduação da Faculdade de História, da
Pontifícia Universidade Católica do Rio
Grande do Sul.

Aprovada em _____ de _____ de _____ .

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Charles Monteiro - PUCRS

Profª. Dra. Francisca Ferreira Michelin - UFPEL

*Pra ti,
que como em estado de
entorpecimento e embriaguez,
está nas entrelinhas.*

AGRADECIMENTOS

À professora Ruth M. Chittó Gauer, por orientar-me na trilha desta conquista, de percepção metafísica e, porque não, ontológica do existir. Pela mão condutora ao refletir diante do que tantas vezes o foi, pelo acreditar e creditar o encaminhamento do projeto, tão discutido pela modernidade, por seu respeito e alteridade e, enfim, por estar ali.

Ao Programa de Pós-Graduação em História da PUCRS, pelo acolhimento.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em História da PUCRS e, em especial ao professor Charles Monteiro, também amante da Literatura e de suas imagens.

Ao professor Jayme Paviani, que me foi apresentado por tão nobres mãos da professora Ruth. A partir de então, um encantamento transcendente e meta/físico adentrou o meu ser.

Ao Programa de Incentivo à Capacitação Docente do CAPES, pela concessão da Bolsa de Estudos, que viabilizou a realização do curso, bem como ao FAQ/SINPRO, pela complementação a esse financiamento.

Aos funcionários dos Arquivos e Museus onde as coletas foram realizadas, por sua disponibilidade, atenção e interesse.

A Rogério Carriconde, pelo olhar atento, inquiridor e encantador das pontuações decorrentes, muitas vezes, das emanações poéticas de um mover-se para além do normatizado.

A meus pais, pela presença, incentivo, parceria, e porque, através das diversas formas discursivas, mostraram-me ser possível ler o entorno. A elas, dirijo aqui o olhar.

A Frontelmo, por me fazer crer que as palavras, em sua sonoridade, sempre carregam algo mágico, ponto de fusão do conhecimento acadêmico com a sabedoria popular.

A Elsa (in memorian), por me adentrar no mundo dos sonhos em seus mais profundos significados e transparências.

A Bruna, por me mostrar a possibilidade de encaminhar o projeto de um devir agregado à vida acadêmica e, concomitantemente, encantar-se com os devaneios poéticos das imagens que a circundam, não esquecendo da importância do “poetar”.

A Ana, pelo eterno retornar que trouxe a possibilidade do ser/estar em conceitos não muito enraizados no decorrer do trabalho. Pelo desmembrar das sonoridades das palavras, prumo, direção e racionalidade na hora precisa em que prevalecia o mero devanear e projetar-se para fins não muito enquadrados no movimento.

A Gustavo, Fernando e Paola pelo acreditar na chegada, pelo filosofar e participar do espírito de nosso tempo.

A Ivam por conseguir sempre as mais sábias e belas traduções.

A Carla, que parece ter invadido a “louca da casa” e captado as mais sutis imagens circulantes de meu imaginário. O estar junto, aqui, foi o grande possibilitador de transformação do devaneio em sonho.

Reitero os agradecimentos a todos já mencionados e também a André, Cristiane, Denis, Sílvia e Marise por participarem de minha angústia de viver atrelada ao projeto de modernidade, auxiliando-me na ordenação deste caos.

“Em tuas imediações, fluirão em sonhos a curiosidade das antigas multitudes e luxos ociosos. Tua memória e teus sentidos serão o único alimento de teu impulso criativo. Quanto ao mundo, quanto tu saíres, o que ele será? Em todo caso, nada dessas aparências atuais.”

Arthur Rimbaud

RESUMO

O moderno se envenena de desejo na Porto Alegre do final do XIX: Estrychnina , novela de 1897, uma imagem da cidade em direção à modernidade.

Adriana dos Santos Moraes

A questão da modernidade ainda nos coloca como sujeitos de sua submissão e, talvez, por esta razão, se torne tão em voga, presente nas discussões de identidade e ocupação de espaços. Espaços estes de fragmentação do ser, onde o indivíduo se evidencia como sujeito, e a cultura passa a ser constituída enquanto clivagem de um conhecimento. Uma visão de modernidade contendo perpassado veloz de uma imagem do passado, que se permite fixar quando de seu reconhecimento. È a ânsia e a ressonância nas tramas que circundam a modernidade.

Às vésperas da virada do século XIX, três escritores porto-alegrenses se reuniram, a fim de relatar aspectos da vida cotidiana, enfocando, dentre outros, os referentes ao desenvolvimento da cidade. Mário Totta, Paulino Azurena e Souza Lobo, criaram *Estrychnina*, novela escrita em 1897, uma imagem da cidade em direção à modernidade, em cujo drama se torna possível perceber essa transitoriedade, a de um pretérito repercutindo concomitantemente com o agora.

A cidade de Porto Alegre, ao final do século XIX, experimentava, também, através do estabelecimento de novos mitos, a fluidez que dela advinha, de um moderno como que se envenenando de desejo. As notícias veiculadas no *Correio do Povo*, a esta época, igualmente revelavam aspectos em que se destacava a importância de estar em sintonia com os novos ideais que, mitificados e já vivenciados por outras capitais do centro do país, apresentavam-se a uma sociedade então já identificada com os mesmos.

História e Literatura, ao apresentarem-se como formas lingüísticas que pressupõem um processo e estratégias de organização da realidade, ultrapassagem do documento X ficção; fato/verdade X imaginário, constituindo busca de aproximação, significação e polissemia através do imaginário, são aqui tomadas como referência e fonte para uma análise a respeito do período e visão em questão.

Sentindo-se impotente frente à convenção estabelecida e bem demarcada pela sociedade, o indivíduo percebe-se fadado à falência do que projetado nele foi. Este homem, fruto de um vazio social, enigma da modernidade, não se sente autorizado à posse plena do mundo e de si mesmo, uma vez que a seu interior e da vida social e da natureza foi transferido o caráter de outro, alteridade. Tentando encontrar a sublevação longe dos limites da finitude, que lhe acena com uma reconciliação e integração possível com o mundo, evoca o suicídio, um rompimento com os laços sociais.

O desejo pela morte, não significando necessariamente uma oposição à vida, pode ser visto como condição promotora de encontro com a realidade absoluta, através de uma vida mais completa, em que se inclui a experiência da morte. Assim concebida, anseio por uma transformação rápida, ela se afirma como parada e fim de qualquer processo; mais instigante, por demandar resposta vitalmente completa; representação de embate com a tragédia, em que se extingue o meramente pessoal, na transposição da vida para dentro do mito.

PALAVRAS-CHAVE: Modernidade. Literatura. História. Porto Alegre. Suicídio. Morte. Romantismo. Imaginário. Memória.

ABSTRACT

Porto Alegre, end of the XIX century, the modern is poisoned of desire: Estrychnina, soap opera of 1897, an image of the city towards modernity.

Adriana dos Santos Moraes

Modernity still puts us as subjects of its submission and, maybe, for this reason, it becomes so in vogue, present in identity discussions and space occupations. Spaces where the being's fragmentation occur, where individual is evidenced as subject and culture becomes something like fragmentations of a knowledge. A modernity vision containing a fast imbue of an image of the past, which allows itself to be fixed when it is recognized. It's the anguish and the resonance in the plots that surround modernity.

On the eve of XIX century turning three writers from Porto Alegre got together in order to tell aspects of the daily life, focusing, among others, those regarding the city development. Mário Totta, Paulino Azurena and Souza Lobo created Estrychnina, a soap opera written in 1897, an image of the city towards the modernity, in whose drama becomes possible to notice a transitoriness, one of a preterite echoing at the same time with the present.

Porto Alegre City at the end of the XIX century was also experimenting through the establishment of new myths the fluidity that came from herself, something modern getting poisoned of desire. News transmitted in Correio do Povo newspaper, at this time, equally revealed aspects where the importance of being in syntony with new ideals were the highlights. Ideals which were mythicized and already lived by other capitals at the center of the country and which were introduced to a society identified with the same ones already.

History and Literature being presented as linguistic forms that presuppose a process and strategies of reality organization, passing the X fiction document; X imaginary fact/truth, constituting na approach search, significance and polissemey through the imaginary, they are taken here as reference and source for an analysis regarding the period and vision in question.

Feeling impotent in front of the established convention and well demarcated by the society, it noticed itself predestined to the bankruptcy of what projected in him was. This individual, fruit of a social emptiness, enigma of modernity, doesn't feel himself authorized to a full possession of the world and of himself, once to himself and to social life and to nature a character was transferred from another, alterity. Trying to find the stir up far away from the

limits of finiteness, which waives to him with a reconciliation and a possible integration with the world he evokes suicide, a breaking with the social ties.

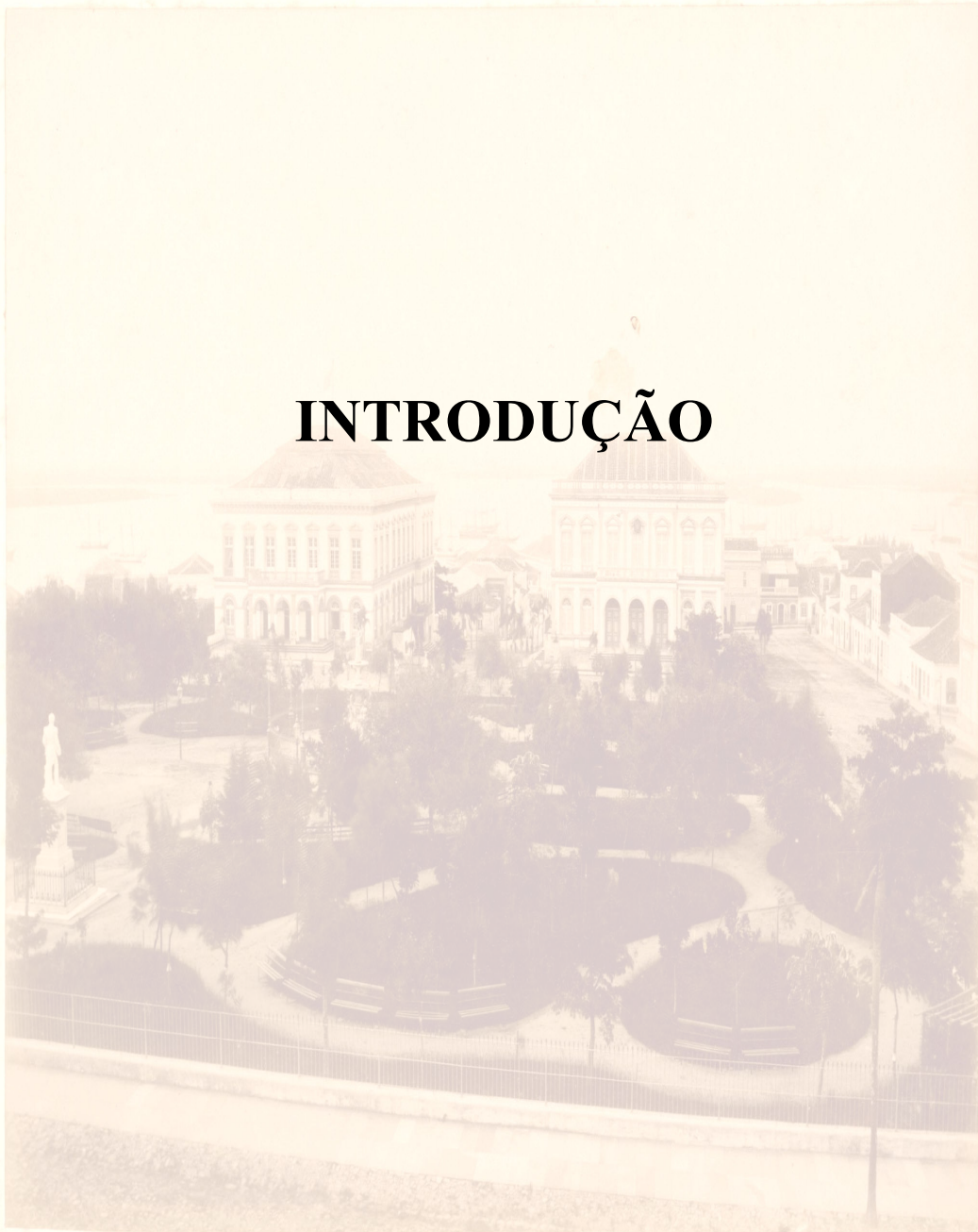
Desire for death, necessarily not meaning an opposition to life, can be seen as condition promoting meetings with absolute reality through a more complete life, where death experience is included. Being conceived this way it desires for a fast transformation, it's affirmed as stopped, wishing any process; more arousing for demanding an answer vitally complete; collision representation with tragedy where the merely personal fades away through the transposition of life inside myth.

KEY-WORDS: Modernity. Literature. History. Porto Alegre. Suicide. Death. Romanticism. Imaginary. Memory.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. CAPÍTULO I - As Tramas do Drama	18
3. CAPÍTULO II – Ânsia e Ressonância	39
4. CAPÍTULO III – Do Veneno e de Suas Doses	66
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	90
– Imagens constantes do DVD	95
7. ANEXOS A – Apresentação	100
– Notícias publicadas no Correio do Povo	102
8. ANEXOS B – Apresentação	126
– Tabela de Nascimentos e Óbitos 1896	127
9. ANEXOS C – Apresentação	130
– DVD: Envenenamento e Duas Mortes	131

PORTO ALEGRE



INTRODUÇÃO

PRAÇA PEDRO II *“Mas me avivaram um desejo que nunca esteve extinto.”*

PHOT. FERRARI & IRMÃO.

Estrychnina
Rua Duque de Caxias 247 B.

INTRODUÇÃO:

História e Literatura, numa fusão de, muitas vezes, difícil delimitação, avivaram-me um desejo de transcendência interpretativa, que, creio, não chegará a ser extinto, de uma época não vivida de corpo e alma.

Possibilitadoras de olhares polissêmicos de criação a partir das inúmeras combinações das imagens que nelas se apresentam, estas formas de discursos, e tantas outras, quando entrecruzadas, permitem uma leitura do significado de um tempo, de um refletir a respeito do comportamento da sociedade moderna.

A visão de modernidade, ainda tão em discussão, já nos faz partir e fragmentar os espaços vividos, solidificados e acreditados como sendo os do próprio anseio. Na ânsia de demonstrar que o conhecimento não é fragmentado, mas sim fluido, no sentido de possibilidade de mistura, sem limite e/ou fronteira, os discursos aqui investigados se moverão em direção à ampliação de espaços, a esse “desejo que nunca esteve extinto”.

A novela *Estrychnina*, de Mário Totta, Paulino Azurenha e Souza Lobo, eleita como fonte interpretativa do comportamento da urbe no final do século XIX, e cito aqui os anos de 1896 e 1897, foco da pesquisa, representou, à época, importante descrever dos movimentos de uma Porto Alegre desejosa de modernidade. Em adaptação da pesquisadora, ela é contada e recriada no DVD que compõe o anexo C, podendo ser lida nas entrelinhas das imagens referentes à cidade de Porto Alegre, quando do final do século XIX, do texto que a resume e da música de Giuseppe Verdi, visando a composição das cenas vividas pelos protagonistas.

Tomando-se a obra literária aqui analisada como imagem refletora dos aspectos culturais vivenciados por seus habitantes, buscar-se-á olhar diferenciado dos tematizados por algumas discussões até então observadas. Com espírito do Romantismo, ela é lançada, em 1897, alcançando grande aceitação da parte do público, tornando-se a imagem-identidade do leitor, que ali se espelhava.

Considerando que, no período em questão, *Estrychnina* destaca – enquanto as demais, publicadas no mesmo ano, situam somente o ideário do campo e do rural – o urbano, dela podem-se obter dados que, ao permearem-se, no desenrolar do enredo, permitem compor um cenário de imagens de modernidade.

A melancolia, a saudade, aspiração daquilo que não se conseguiu ser até então, denotam as características românticas, bem como impotência frente à superação do ideal e

fuga através da morte, o que permite situar as manifestações do comportamento da população urbana como sendo reflexo da fase analisada. É a imagem do seu tempo.

Ao reconhecimento deste papel ativo da linguagem nos discursos narrativos, na apresentação e relato da realidade histórica, que sempre será recheada de subjetividades, que se dirigirá, por tal razão, um merecedor olhar diferenciado.

Partindo-se de uma proposta de desvelamento do significado dos acontecimentos – o que aqui deve ser entendido como toda e qualquer coisa que logra existir uma vez que a ela se passa a fazer referência -, em que se coloca como pressuposto que jamais se poderá chegar a uma única verdade, objetiva, o que teremos serão vários olhares, permeados de sentido ressonante de quem os vê. A imagem, quando exposta à contemplação, transpõe as barreiras da racionalidade e do modelo único. Sob a forma de discurso histórico, em transposição, pode se constituir instrumento de transformação que, ao ser escrito e inscrito, passa a constituir nova forma de abordagem do passado.

A novela *Estrychnina*, de 1897, o *Correio do Povo*, em seus exemplares datados de 1º de Janeiro de 1896 a 31 de Dezembro de 1897, aqui investigados, e constantes, os últimos, dos anexos A, sob a forma de publicações relacionadas ao tema do suicídio desenvolvido na presente dissertação, constituem-se tempero da História, compondo a imagem do comportamento dos indivíduos de uma Porto Alegre que, já envenenada pelo desejo de rompimento com o projeto moderno, se apresenta e é representada nos discursos correntes à época.

Os relatos e as repercussões dos atos de suicídio compartilhados com os espectadores denotavam uma preocupação com o trauma-reflexo desencadeado pelo ordenamento, fluxo da modernidade normativa racionalista. Amálgama de significados decorrentes desta representação, quando enfocados por um olhar atento, possibilita um desvelar a partir do exame destas imagens.

As *Tramas do Drama* abrirão um caminho para visualização do que vivido foi pelos protagonistas da novela, descortinando um enredo em que se pode contemplar Porto Alegre ao final do século XIX, no período que enfoca os anos de 1896 e 1897, cidade que, em plena movência, vai deixando transparecer seus ares de modernidade. A respeito dela e de seu trânsito, trata de referir, também, o meio jornalístico, acrescentando suas pitadas de impressões aos fatos ocorridos neste cenário. A imprensa informa tais acontecimentos, reveladores, estes, do espírito do tempo em questão.

Na *Ânsia e Ressonância* sentidas pelo indivíduo, reflexo do moderno, Literatura e História, imbricadas, revelam-se potenciais discursos, em que pesam e se devem considerar imaginário e memória, enquanto reveladores do comportamento e ação do sujeito desejante.

Do Veneno e de Suas Doses, da estricnina, aqui tentativa de caminho para atingir a imortalidade e encontro da plenitude de si mesmo, a Medicina, o Estado e a Igreja podem constituir-se representativos de um poder que, em sua forma visível/invisível, incidem sobre o indivíduo, protagonista do projeto de modernidade. Este, portador da angústia advinda de uma linearidade a ele imposta, considera o suicídio e a ele evoca, com a disposição de quem procura o eterno, uma existência plena, a continuidade do ser, a Vontade, a coisa-em-si, deixando para trás meros fenômenos que, colhidos pelo observador, receberão forma e possibilidade de transcendência.

CAPÍTULO I

PORTO ALEGRE

**AS TRAMAS DO DRAMA**

“Adiante damos mais alguns detalhes sobre o lutuoso sucesso, que tanto impressionou a população de Porto Alegre, tornando-se o assumpto obrigado de todas as palestras”.

*Trecho de notícia intitulada Duplo Suicídio,
In Correio do Povo, 06 de Setembro de 1896.*

PRAÇA PEDRO II.

Em novela de 1897, uma imagem da cidade em direção à modernidade¹. *Estrychnina*: na Porto Alegre do final do XIX, o moderno se envenena de desejo.

Às vésperas da virada do século XIX, três escritores porto-alegrenses se reuniram, a fim de relatar aspectos da vida cotidiana, enfocando, dentre outros, os referentes ao desenvolvimento da cidade (chegada da luz elétrica, modernos guindastes no porto, bondes, higienização). Mário Totta (05/01/1874-17/11/1947); José Paulino Azurena (1860–01/07/1909) e José Carlos de Souza Lobo (11/10/1855 – 18/10/1935), todos naturais de Porto Alegre, o primeiro médico, os dois seguintes jornalistas, ambos jovens e o último deles filho de José Teodoro de Souza Lobo, emérito professor e membro da Sociedade Parthenon Literário, representavam a nova geração, herdeira dos anseios intelectuais da agremiação. *Amigos e companheiros de imprensa*, nas palavras de Guilhermino César², utilizaram-se do gênero novela para retratar uma Porto Alegre em modernização, num período em que a crônica era a difusora do movimento da cidade. Eram denominados *Geração Correio do Povo*. Vislumbrados com o progresso e com a modernidade, estavam em sintonia com seu tempo, abrindo mão, temporariamente, do gênero cotidianamente utilizado no meio jornalístico, a fim de se lançar a um feito de porte maior, a criação de *Estrychnina*:

Os nossos companheiros Souza Lobo, Mario Totta e Paulino de Azurena, aproveitando peripecias do facto que nos ultimos dias muito tem impressionado a população desta capital, deliberaram escrever um romance de actualidade.

Intitula-se *Estrychnina* o romance, e será publicado brevemente, pois já se acha em preparo, e os autores trabalham com afinco para que ele apareça quanto antes.

Como se vê, vae ser um livro de sensação, pelo interesse que despertará³.

¹ Entendendo-se, aqui, por modernidade um modo de civilização, modo este vinculado a um devir que se contrapõe à tradição, apegado ao progresso em fluxo contínuo. Embora determinados autores utilizem os conceitos de modernidade e modernização como complemento, a modernidade, aqui, é entendida como conjunto de “idéias e atitudes” específicas, nas palavras de Franklin Baumer. A discussão é antiga e, ainda hoje, submetenos a seus meandros. Alain Touraine apresenta-a como sendo a própria difusão da racionalidade, tendo a Ciência e a tecnologia meios de alcance de uma modernização causadora deste atrelamento modernidade/modernização como sinônimos, muito vinculado a uma idéia de oposição a um modelo tradicional. Beatriz Helena Domingues trata de “ciclo de modernidades”, ponto de vista a partir do qual pode-se conceber a Porto Alegre do final do século XIX como moderna, à medida que possui a liberdade subjetivista de perceber o mundo se colocando como a caminho do progresso, procurando modernizar seu passado na coexistência subjetivismo/objetivismo. Acrescente-se, aqui, a visão de Baudelaire, que a considera algo transitório, efêmero e contingente, e salienta: “Houve uma modernidade para cada pintor antigo” (...); e a de Benjamin, que sobre ela assim se refere: uma vez conquistada, torna-se antigüidade, porque passado; “caracteriza uma época e, simultaneamente, a força que age nesta época, e que faz com que ela seja parecida com a antigüidade.”

² CÉSAR, Guilhermino. *História da Literatura do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora Globo. 1971. p.337.

³ *Correio do Povo*, 09 e 10 de setembro de 1896, in *Diversas*. A reprodução desta e de todas as publicações retiradas do *Correio do Povo* aqui registradas corresponde a encontrada na fonte de consulta, respeitados aspectos tais como os de grafia, possíveis erros gramaticais e de impressão.

A novela, gênero situado entre o romance e o conto, se instaura no Romantismo, com características modernas. No século XIX, era um dos entretenimentos mais buscados pela burguesia em ascensão, que se interessava pelo aventureiro e fantasioso de configuração popular: era o meio de comunicação com o leitor comum, uma das razões pela qual a obra, à época de seu lançamento, tenha alcançado grande aceitação e vendagem.

No decurso do século XIX, as novelas de folhetins, publicadas semanalmente nos periódicos e posteriormente reunidas em livro, eram correntes. Seu tempo da narrativa segue uma estrutura linear, onde há uma pluralidade dramática, uma sucessividade que se interligará pelos personagens protagonistas. O espaço se alia ao tempo e as ações denotam um deslocamento contínuo, sinal de modernidade, atreladas ao movimento constante e linear observado neste gênero. A novela se identifica com a plasticidade, o predomínio da ação, da atividade, assim como a modernidade. Não se detém especificamente à subjetividade dos personagens, mas sim às situações que os envolvem, formando uma imagem de contemplação, e não de interrogação. É clara, explícita, não deixando em sua narrativa margens para o oculto; é um modo de conhecimento da realidade pelo que ela apresenta de pitoresco; ilude e mistifica ao mesmo tempo em que apresenta o cotidiano; uma fotografia da realidade subjetiva do leitor a que se dirige.

Aqui, o material histórico aparece recheado de subjetividade, pelo que já atravessou a consciência dos autores, fazendo-se necessária a linguagem – vista como representada pela palavra - para efeito de organização das informações. História e Literatura apresentam-se como formas lingüísticas que pressupõem um processo e estratégias de organização da realidade, ultrapassagem do documento versus ficção; fato/verdade versus imaginário. Constituem-se busca de aproximação, significação e polissemia através do imaginário, já que ambas são construídas fora da experiência vivida, real, reconfigurando um passado⁴ que reside na memória.

A Literatura é uma forma representativa da reflexão histórica que insinua modos de observar, compreender, nomear, sentir e expressar. É a subjetividade impregnando os fenômenos históricos. Denotadora de transformações ocorridas na sociedade, dedica-se a refletir sobre estas mudanças, deixando impresso o pensar de uma época. Assim assinala Nicolau Sevcenko⁵, ao constatar que os textos artísticos tornaram-se termômetros admiráveis dessa mudança de mentalidade e sensibilidade e que diante de acontecimentos, mesmo que

⁴ DECCA, Edgar Salvadori de e LEMAIRE, Ria (orgs.). *Pelas Margens, Outros Caminhos da História e da Literatura*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2000. Prefácio.

⁵ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1999, p. 238.

semelhantes aos de um passado próximo, os escritores demonstravam entendimentos e interpretações diferenciados.

Os textos literários, alude Paul Ricoeur⁶, configuram o que no agir humano já se apresenta, com seu simbolismo e temporalidade, trazendo à linguagem uma experiência, como qualquer discurso. Conforme destaca o autor,

é às obras de ficção que devemos, em grande parte, a ampliação do nosso horizonte de existência. Longe de produzir imagens enfraquecidas da realidade (...) só pintam a realidade aumentando-a com todos os significados que elas próprias devem às suas virtudes de abreviação, de saturação e de culminação⁷(...)

Apresentando-se a Literatura como um discurso e, portanto, sinônimo de movimento, mudança, como bem assinala a etimologia da palavra⁸, sempre se volta para uma reflexão *metadiscursiva*, no entender de White, “sendo um produto dos esforços da consciência para estabelecer um acordo com domínios problemáticos da experiência, serve de modelo para as operações” que transcendem a lógica racional “pelas quais a consciência, na práxis cultural e geral, efetua tais acordos com seu meio social ou natural⁹.”

Paulino Azurena, Mário Totta e Souza Lobo, compunham, inicialmente, o quadro de interessados nas *belas letras*, do Jornal do Comércio, juntamente com Zeferino Brasil, Múcio Teixeira, Damasceno Vieira, Octávio Dornelles e tantos outros. Caldas Júnior, neste período, participava como redator do mesmo jornal, passando a abrir seu próprio periódico por volta de 1895, tendo, também, como colaboradores, os autores da novela. Assim nascia o Correio do Povo, e o anúncio de suas aspirações assinala-se no editorial dos exemplares que circularam no primeiro dia do mês de outubro deste ano¹⁰.

⁶ Sobre o assunto, ver RICOUER, Paul. *Tempo e Narrativa*. São Paulo: Papyrus Editora, 1994.

⁷ Idem, p.123.

⁸ do latim *discurrere*, sugere um movimento “para frente e para trás”, ou um “deslocamento para cá e para lá”. Citado em WHITE, Hayden. *Trópicos do Discurso*. São Paulo: EDUSP, 2001, p.16.

⁹ Idem, p.18-19.

¹⁰ “Ficam definidos em poucas linhas os compromissos em que esta folha entra para o convívio do jornalismo rio-grandense.

O *Correio do Povo* será noticioso, litterario e commercial e occupar-se-á de todos assumptos de interesse geral, obedecendo a feição característica dos jornais modernos e só subordinando os seus intuitos às inspirações do bem publico e do dever inerente ás funções da imprensa livre e independente.(...)

Independente, nobre e forte, procurará sempre ser o Correio do Povo, que não é órgão de nenhuma facção partidaria, este não se escravisa a cogitações de ordens subalternas.

O *Correio do Povo* aspira a hora de se fazer uma folha lida e apreciada por todos, e para isto não poupará esforços nem medirá sacrificios. (...)

(...) estas columnas estarão sempre francas a quantos queiram (...) tratar de assumptos de interesse geral, discutindo ideas, opiniões sobre política ou litteratura, industria ou commercio, ciências ou artes.

Este jornal vae ser feito para toda a massa, não determinados indivíduos de uma ou outra facção.

Ao final do século XIX, percebe-se um aumento populacional em quase todas as capitais brasileiras, onde uma parte considerável correspondeu às atividades intelectuais já existentes, como a administração, as instituições públicas, a política, bem como acrescentando novos elementos, provenientes do rápido crescimento dos setores relacionados à educação, jornalismo e diplomacia, fazendo surgir novas colocações. Dentre estas, apenas o jornalismo dispunha de um espaço alheio ao controle do Estado. A visão idealizada das funções intelectuais que viveu a cidade modernizada fixou mitos sociais derivados do uso da letra, os quais eram perseguidos na busca por posições mais respeitáveis e admiradas. A letra apareceu como a alavanca de ascensão social e também de incorporação aos centros do poder, promovendo, muitas vezes, autonomia em relação a eles, sustentada pela pluralidade de centros econômicos que a sociedade burguesa em desenvolvimento gerava. Exemplo disto são os escritores que desempenhavam várias funções, como as de tradutor, repórter, mestre, letrista de canções populares, entre outras¹¹.

A imprensa, desde que foi fundada no Rio Grande do Sul, teve uma preocupação meramente político – partidária, pois as grandes discussões, os idealismos e dissidências entre farrapos e caramurus, liberais e conservadores, republicanos e federalistas, além de ocorrerem na tribuna popular, eram correntes no jornalismo. A linha ideológica assinava a publicação letrada nas gazetas, já que “partido que se prezasse devia botar na rua seu jornal¹²”, sobrando pouco, ou nenhum espaço, nestas *folhas soltas*, para as publicações de trabalhos literários. A matéria política era o sensacionalismo de então e dela se ocupavam os jornalistas/ intelectuais:

O gaúcho teve sempre uma vida partidária muito ativa, de modo que os próprios homens de letras, mesmo aqueles mais encharcados de subjetivismo, mais indiferentes às quizílias das parcialidades, se viram arrastados aos debates de imprensa, o que até certo ponto cavou entre uns e outros profundas divergências e antagonismos partidários, que se substituíram aos de ordem meramente artística¹³.

Os escritores e poetas, talvez na ânsia de dar voz a suas inquietudes, trataram de fundar em 1853 suas *folhas literárias* e assim alcançar o grande público. A revista da *Sociedade Parthenon Literário* de 1869 está entre as criadas nesta fase.

Emancipado de convencionalismos retrogados e de paixões interiores, procurará esclarecer imparcialmente a opinião, apreciando com isenção de espírito os sucessos que se forem desenrolando e os actos dos governantes, para censural-os quando reprováveis, para aplaudil-os quando meritorios” Conforme fonte.

¹¹ RAMA, Angel. *A Cidade das Letras*. São Paulo: Brasiliense, 1985, p.78-79

¹² CÉSAR, Guilhermino. *História da Literatura do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora Globo.1971, p.380.

¹³ Idem, p. 379-380.

Os intelectuais da cidade circulavam pelas redações dos jornais da época, as quais representavam um espaço de socialidades, diversidades e confluência de mentalidades, de encontro e difusão das letras de então. Ao final do século XIX e início do XX, aproximadamente por volta de 1885 a 1916, Porto Alegre contava com cento e sessenta e três periódicos (jornais e revistas) publicados¹⁴. É o reflexo da cidade em movimento:

Novas técnicas de impressão e edição permitem o barateamento extremo da imprensa. O acabamento mais apurado e o tratamento literário e simples da matéria tendem a tornar obrigatório o seu consumo cotidiano pelas camadas alfabetizadas da cidade. Esse ‘novo jornalismo’, de par com as revistas mundanas, intensamente ilustradas e que são o seu produto mais refinado, tornam-se mesmo a coqueluche da nova burguesia urbana¹⁵(...)

Porto Alegre, com uma população de 73.674 habitantes, em 1900, caminhava também nas letras, indicativo de sua modernidade. Os estilos do período eram variados. Denotando a diversidade e o interesse em abarcar esta população em ebulição, transitavam entre o humorístico, variedades, licenciosidades, crônicas e poesias, através dos quais registravam o momento presente.

Neste final de século, o jornalismo não chegava a ser uma profissão, mas teve muita expressão, pois consta da época o surgimento dos primeiros grandes jornais: *A Reforma*; *Gazeta de Porto Alegre*; *A Federação*; *Correio do Povo*, dentre outros. Não perfaziam, ainda, a indústria e o comércio em que mais tarde se transformariam. Neles, os intelectuais que atuavam eram considerados jornalistas românticos - por dedicarem ao jornal os seus lazes, defendendo um ideal político - não recebendo, muitas vezes, outro pagamento senão o reconhecimento do partido político a que pertenciam¹⁶.

A modernização que se impõe por volta de 1870 propõe novos questionamentos à cidade letrada, fruto da formação produzida pela universidade. Gazetas populares, folhas soltas e revistas incorporam-se à letra, desafiando seu poder, à medida que contrapunham formas de representação para a realidade. Reconhecendo o império de letra e introduzindo nele novos grupos sociais que originariam as leis de educação comum, promotoras de progressivas transformações da universidade que, ao incorporar-se ao positivismo, amplia-se através das escolas técnicas, investindo na formação de novos profissionais que contrabalançam a hegemonia de advogados e médicos, combatiam a cidade letrada e

¹⁴ SILVA, Jandira M. M. da; CLEMENTE, Irmão Elvo; BARBOSA, Eni. *Breve Histórico da Imprensa Sul-Riograndense*. Porto Alegre: CORAG. 1986, in PESAVENTO, Sandra J. *O Imaginário da Cidade*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002. p. 291.

¹⁵ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1999, p.94.

¹⁶ CÉSAR, Guilhermino, 1971, p.380.

diminuíam seus privilégios abusivos. Segundo Angel Rama¹⁷, quando a cidade real muda, se destrói e se reconstrói sobre novas proposições, a cidade das letras encontra a conjuntura favorável para incorporá-la à escritura e às imagens que estão igualmente datadas, privilegiando o desejo aos dados reais que se inserem através de imposições ideológicas. Obra do desejo e da imaginação, resposta ao movimento desintegrador do sólido cenário dos homens, a construção da cidade futura apresenta-se semelhantemente a da cidade passada.

A popularização dos meios de informação, já no século XIX, que passam a ser apresentados aos habitantes da urbe como sendo o acesso mais rápido, real e verdadeiro aos acontecimentos da cidade em progressão, parecem não dar o direito de passar ao largo de um mundo informativo sem a ele não lançar um olhar, mesmo que seja de desdém. Representam o fruto de um desejo de se investir em uma imagem moderna, que não é, necessariamente, resultado de uma necessidade de comunicação. A sedução imposta por uma forma de viver apresentada como ideal, através da abundância de informações com as quais o indivíduo se depara o tempo todo, restringe e limita a experiência urbana, enquanto experiência mediática.

Assim aduz Sevcenko:

Mudanças que foram registradas pela literatura, mas sobretudo mudanças que se transformaram em literatura. Os fenômenos históricos se reproduziram no campo das letras, insinuando modos originais de observar, sentir, compreender, nomear e exprimir. A rapidez e profundidade da transfiguração que devassou a sociedade inculcou na produção artística uma inquietação diretamente voltada para os processos de mudança¹⁸(...)

A obra *Estrychnina* foi à única publicação em prosa do ano de 1897 a apresentar um olhar urbano¹⁹. Editada pela Livraria Americana, de Porto Alegre, um dos principais órgãos difusores das letras de então, recebeu como subtítulo *Página Romântica*, termo que sugeria discussões a respeito de sua classificação: “A verdade é que se trata de uma novela, na qual a matéria romanesca assume umas vezes a feição de crônica (...), outras vezes a do noticiário policial à antiga²⁰.” Reflete um caráter naturalista, demonstrado na caracterização dos costumes e hábitos rotineiros da cidade de Porto Alegre e, ao mesmo tempo, romântico. Os escritores da obra acompanham tal impulso de transição. O ideal da vida no campo, longe dos venenos da cidade, estão presentes na literatura local, mas o cotidiano, a tragédia, a

¹⁷ RAMA, Angel, 1985, p. 99.

¹⁸ SEVCENKO, 1999, p.237.

¹⁹ Sobre as publicações literárias do período em questão, bem como sobre os temas por eles desenvolvidos, ver PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Uma Outra Cidade – O mundo dos Excluídos no Final do Século XIX*, São Paulo Companhia Editora Nacional, 2001 e *O Imaginário da Cidade – Visões Literárias do Urbano – 2ª ed.* Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

²⁰ CÉSAR, 1971, p.337.

desacomodação não deixaram de suscitar a curiosidade dos indivíduos que buscavam imagens e idéias de representação coletiva.

Quando de seu lançamento, em nota no jornal *Correio do Povo* do dia 10 de junho de 1897, os editores agradecem a cortesia da Livraria Americana ao oferecer-lhes um exemplar para fins de análise e publicação de crítica: “A *Livraria Americana* offereceu-nos hontem um exemplar de *Estrychnina*. Por agora, limitamo-nos a agradecer a deferencia.”

Três dias após, em 13 de junho do mesmo ano, na coluna intitulada *Bibliographia*, de periodicidade semanal, a crítica comenta a obra, sob o subtítulo *Estrychnina*:

(...) É que não tínhamos que dizer mal.

Como é de publica notoriedade, tão vulgarisada vae sendo a *Estrychnina*, a pagina romantica daquelles esperançosos patricios é nada mais, nada menos que a breve historia triste, de côr local, de Chiquita Gomes, essa malaventurada rapariga, impurissima de corpo mas tão formosa de alma como se nos afigurou nos derradeiros dias angustiados e do seu desditoso amante, esse pobre rapaz bohemio que submergiu-se com ella na vaga trevosa do suicidio impotente para resistir á impulsividade morbida do seu hysterismo fatal.

(...)

Trata-se pois de um livro que, no genero, não constitue uma novidade: não deriva da expontaneidade creadora do talento pessoal: é, antes, feito da suggestividade accidental de um desses determinados casos interessantes, magnificos de exploração, especialmente sob o ponto de vista do successo mercantil para o editor perspicaz, e tão ao sabor do publico que lhes aspira soffrego o capitoso perfume, que enlanguesce ao farejar-lhes as subtilezas emocionantes e almiscaradas de alcova suspeita: é o produto, emfim, da influencia ambiente de que se enamoram todos os carinhos de suas intelligencias de primo.

E só mesmo num trabalho assim, banida a ideia de revelar o cunho singular da propria individualidade litteraria, se poderá comprehender o consorcio estreito, insuspeitoso de fracasso, de organizações intellectuaes e psychologicas tão fundamentalmente oppostas.

(...)

E o crítico do jornal aconselha: “(...) desenvolvam suas felizes facuidades de observação e de assimilação na convivencia assidua dos trabalhos sadios, fortes, maravilhosos, de Flaubert, de Zola, de Alphonse Daudet: attentem carinhosamente no lavor caprichoso do estylo adoravel de Musset, Coelho Neto e Jules Janin (...)”

Em 29 de Junho de 1897, ano III do *Correio do Povo*, em meio a outras notícias referentes a suicídio, dá-se o primeiro anúncio do lançamento da obra, que seguiu sendo publicado pelo mês de julho desse mesmo ano. No dia 1º de Julho, o editorial justifica o novo e maior formato do jornal, “impresso na grande e aperfeiçoada máquina Marimoni” que acabava de chegar da Europa, a fim de atender “á corrente de annuncios e outras publicações” que se encaminhavam ao periódico, pois “o formato primitivo que a principio julgáramos sufficiente para as necessidades dessa folha, em pouco se tornou pequeno demais (...) Assim

foi que por força de circunstâncias tivemos de ficar em falta para com nossos favorecedores, por absoluta carencia de espaço.” É a demonstração de identificação com o público, habitante da urbe. É a imagem de movimento do seu tempo.

Esta commovente pagina romantica como a qualificam os seus autores, causou ruidoso successo, sendo bem recebida pela imprensa.

A *Estrychnina* é a narração verdadeira e triste dos amores desventurados de dos dois jovens²¹, que pelo mez de Setembro, nesta capital, envenenaram-se ingerindo grande quantidade do terrível toxico que deu nome ao livro.

Escrepto com grande vigor de estylo, cheio de peripecias romanticas, aproveitando episodios reaes da vida dos dois amantes, o novo livro é digno de leitura e recomenda-se ao bom gosto do illustrado publico²².

Segundo a classificação de autores como Regina Zilberman e Luís Augusto Fischer²³, a obra é nitidamente romântica, diferenciando-se dos estilos emergentes, como o realismo e simbolismo, vistos no centro do país à mesma época. Em manuais de literatura, o ano de 1836 é determinado como marco para o início deste movimento no Brasil, o que, paradoxalmente, como aponta Zilberman, dá-se fora do país, quando da publicação de manifestos de autores brasileiros em editoriais da *Revista Niterói*, em Paris, e efetivação, mais tarde, através da poesia de Gonçalves Dias e do romance de José de Alencar, ambos de cunho indianista.

O Romantismo, e tantos outros ideais modernos, chegam ao Brasil intermediados pela França. A estrutura social brasileira, marcada pelo binômio aristocracia/escravo, não apresentava a organização de sociedade observada nos países europeus industrializados, onde a burguesia/proletariado era premente. Para o brasileiro, o “ser burguês” era mais um estado de espírito, uma norma de comportamento, do que uma condição social, o desejo da modernidade em ebulição.

Emerge então uma literatura regional com valorização do folclórico e popular, onde os costumes urbanos, a sociedade da época, desigualdades econômicas, intrigas amorosas, supervalorização das emoções pessoais, da subjetividade e a visão de morte como solução dos problemas são retratados com excessivo sentimentalismo: o indivíduo passa a ser o centro das atenções. O movimento ganha as ruas, ao apresentar-se mais acessível como forma de expressão, fazendo surgir um novo público consumidor. Os temas regionais inspiram o teatro

²¹ (*de dos dois*), tal como fonte.

²² Correio do Povo, 29 de Junho de 1897.

²³ Ambos os autores comentam *Estrychnina: a primeira*, no prefácio da seguinte obra: ZILBERMAN, Regina. *A Literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982, enquanto que, em TOTTA, Mário; AZURENHA, Paulino e LOBO, Souza. *Estrychnina*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1998, Luís Augusto Fischer faz a apresentação referente a esta edição, comemorativa do centenário de publicação da novela.

que, neste momento, recebe novo impulso. As constantes fugas da realidade através do álcool, prostíbulos, saudades da infância, idealizações da sociedade, fazem com que se percam os referenciais de tempo e espaço, tendo-se somente como elo um conjunto de imagens e, como possível solução, a morte.

E assim descortina-se a novela, quando de seu início:

Representava-se a Dama das Camélias.(...)O público acompanhava com interesse aquela cena tocante, uma das mais belas, quiçá a maior e a mais comovente da velha história sentimental em que o amor, prodigioso e mágico, vai tirar do fausto e do ruído de uma vida escandalosa uma alma simples, ainda não contaminada de todo da impureza e do vício²⁴.

O ano de 1881 é marcado como final do Movimento Romântico nas regiões do centro do país, período em que o ideal republicano, luta abolicionista e Guerra do Paraguai são referenciais de ressonância e inspiração para o Realismo, no Brasil. O positivismo, evolucionismo e a filosofia alemã apresentam-se, a fim de reinterpretar a realidade conturbada e em transformação.

Em Porto Alegre, o Parthenon Literário (1868-1879) representava a orientação literária de então, apresentando uma linha romântica, onde os assuntos relacionados à infância, morte e amor eram referência para as produções e onde havia também uma corrente que procurava deixar presente a memória do passado, traçando modelos épicos e utilizando-se de motivos regionais: é o Romantismo do meio sulino, que se estende para além do século XIX, rompendo com a idéia de século fechado, hermético e com marco estabelecido. Seria talvez por esta razão que os autores classificaram a obra *Estrychnina* como pertencente a um Romantismo tardio. Franklin Baumer, em *O Pensamento Europeu Moderno*²⁵, já assinalava o movimento como demonstração do moderno e difusor de uma pluralidade de conhecimentos amalgamados. Os românticos tentam fundir a Ciência à poesia, como porta para o Infinito, a fim de captar um homem que faz parte de um todo sem perder sua individualidade, dotado de razão e de entendimento. O Movimento Romântico, segundo o autor e tendo como base referenciais europeus, tem raízes nos séculos XVII e XVIII, estendendo-se para além do XIX, século que se apresenta como que fugindo à regra de um conceito de século fechado, pela expansão de seus movimentos para fora de seus limites.

²⁴ TOTTA, Mário; AZURENHA, José Paulino de; LOBO, José Carlos de Souza. *Estrychnina*. Porto Alegre, Artes e Ofícios, 1998, p.13.

²⁵ BAUMER, Franklin Le Van. *O Pensamento Europeu Moderno*. Séculos XIX e XX. Vol. II. Lisboa/Portugal: Edições 70, 1977, capítulo intitulado: *O Mundo Romântico*.

O ideal da vida no campo, longe dos venenos da cidade, estão presentes na literatura local, mas o cotidiano, a tragédia, a desconformação não deixaram de suscitar a curiosidade dos indivíduos que buscavam imagens e idéias de representação coletiva.

A rápida aceitação de *Estrychnina* pelos leitores denota um público identificado com as imagens por ela mencionadas. É a cidade movida por seus habitantes que impõe seus ritmos, ruídos, hábitos, prazeres e angústias, neste final de século. Um novo estilo de vida urbana, ligado à velocidade, ao tempo de projeção e de fluxo dos acontecimentos, desconhecedor da estabilidade, ligado a uma idéia de devir, de progresso, de mundo evolucionário, constituíam um caleidoscópio de imagens em que se pode contemplar tal época.

A aceitação da obra, lançada em 1897, e cuja vendagem foi extraordinária, estendeu-se à edição do jornal *Correio do Povo* de 04 de Setembro de 1896, que teve a tiragem do dia esgotada. Após um dia sem lançar maiores detalhamentos acerca do acontecido “Envenenamento e duas mortes”, em 06 de Setembro vem a alusão ao ocorrido e a novas descobertas, feitas inclusive pelos repórteres, fato que denotava a movência deste grupo nos casos ditos de investigação policial, em que o privado, como que em trama, mesclava-se ao público, após investidas e divulgações do meio jornalístico.

Ainda hontem continuou preocupando a atenção publica o tragico drama epilogado pelo duplo suicidio de Antonio Borges e Chiquinha Gama.

O retrato desta (encontrado por um repórter após “porfiadas diligências”) esteve exposto á porta do nosso escriptorio, onde, durante todo o dia e até á noite, estacionaram centenas de pessoas, curiosas de conhecerem a physionomia da desventurada victima de um amor infeliz.

A edição do *Correio do Povo* de antehontem, em que relatamos o facto com todas as suas peripecias mais interessantes, foi completamente esgotada, de modo a não podermos satisfazer o grande numero de pessoas que ainda hontem vinham procurar a folha em nosso escriptorio²⁶.

Não obstante a indisponibilidade de fotografias impressas nos exemplares do *Correio do Povo* aqui analisados, o veículo não se furta da possibilidade de divulgação da imagem de Chiquita, expondo-a à curiosidade de seus leitores na redação do jornal.

A partir de tal fato e de sua análise, pode-se verificar aquilo que assinala Michelin:

Os atributos de realidade e verdade conferidos à fotografia são decorrências de uma forma de pensamento cuja viabilidade era o contexto do século XIX e cujos anseios demandavam a ocorrência de respostas práticas e operacionais. E, mais

²⁶ *Correio do Povo*, 06 de setembro de 1896.

ainda, à fotografia impressa aplicavam-se tais atributos, pois essa firma-se no meio, por excelência, da informação e da divulgação do fato: o jornalismo e, posteriormente e como consequência, toda a mídia impressa²⁷.

A repercussão da exposição do retrato de Chiquinha deu-se também sob a forma de participação ativa de leitor que, sobre o episódio, não deixa de tecer suas impressões, enviadas em carta, dirigida à redação, e publicada no dia 11 de setembro de 1896, na então diária coluna *Malacacheta*:

Recebemos hontem a seguinte carta pelo correio urbano:

Sr. Redator. – Como o *Correio do Povo* anda na ponta em notícias de suicidio e exposição de retratos, e como também eu pretendo pôr termo á existencia, previno-o de que amanhã serei um cadaver.

Estou escrevendo cartas que darão para encher seis columnas da sua apreciada folha e que V.S. irá publicando aos poucos, em pequenas doses, fazendo o caso render, para maior lustre da sua activissima *reportagem*.

Essas cartas ser-lhe-ão entregues depois do suicidio, por minha querida sogra, que já se comprometteu a desempenhar com solitudine tão caridosa missão.

Para adiantar trabalho, mando-lhe antecipadamente o meu retrato, que V.S. exporá á porta do seu escriptorio logo que circular na cidade a triste nova da lamentavel desgraça.

Cabe salientar que a coluna denominada *Malacacheta* – palavra que, segundo o Novo Dicionário Aurélio Buarque de Holanda Ferreira de Língua Portuguesa, define mineral brilhante muito usado por sua transparência e não fusibilidade – constante dos exemplares do *Correio do Povo* no período compreendido entre os anos de 1896 e 1897, comentava fatos locais ou de repercussão nacional ocorridos no dia anterior a sua publicação, tendo sido, nesse período, assinada por Tenório, D. Riego e D. Procopio. Apresentava, ao analisar tais acontecimentos, caráter irônico, satírico e de forma a não perder de vista sua transparência, fazendo jus a sua denominação.

Estrychnina diferenciava-se ao ocupar-se dos movimentos da cidade que se dava a conhecer também através de seus periódicos, localizando não só as transformações do espaço físico, como também as referentes ao comportamento do homem habitante da urbe, oferecendo ao leitor a visão de uma pequena Porto Alegre, onde já se podiam perceber os efeitos daquilo a que se denominava modernidade, ou seja, valorização e busca dos ideais

²⁷ MICHELON, Francisca Ferreira. *Cidade de Papel: A Modernidade nas Fotografias Impressas de Pelotas (1913-1930)*. Tese de Doutorado, PUCRS, Pos-Graduação em História, Porto Alegre, 2001, p.110.

republicanos de progresso, tendo em vista a transformação da capital em centro urbano compatível com modelos de referência encontrados no restante do país.

Porto Alegre, no período que compreende o final do século XIX, é vista como que em progressão, comparativamente a algumas cidades litorâneas brasileiras, que apresentavam um índice populacional elevado. Não é aldeia e nem metrópole, porém possui referenciais da modernidade urbana, conforme os próprios autores, da obra em questão, assinalam: “(...) pela rua dos Andradas, que, àquela hora de movimentação e de ruído, sob a luz seca e áspera das lâmpadas elétricas, resplandecia gloriosa, no seu orgulho triunfante de flor de capital, com doirados matizes de civilização e de luxo²⁸”, denotando um futuro promissor e condição de possibilidade.

Aspectos imediatamente identificadores do ser moderno, na visão dos autores e da mídia impressa corrente, a tecnologia é referida pela obra, em passagem na qual Ramalho e Galvão, amigos de Neco Borba, encontram-se para conversar sobre a paixão desenfreada do amigo por sua amante, Chiquita Gomes²⁹. Ao avistarem, em sua caminhada, os armazéns do cais do porto, os autores relatam a paisagem por eles vislumbrada: um edifício “meio construído sobre água”, próximo ao rio; “vasto armazém de dois andares”, em que armazenavam-se mercadorias as mais variadas, desde “líquidos alcóolicos”, até “aparelhos de diversos misteres”, que seriam conduzidas por “modernos e sólidos ascensores que, com o simples esforço de uma criança, levavam ao pavimento superior o volume mais pesado; “o braço potente de um negro e poderoso guindaste³⁰.”

Neste espaço urbano, no ano de 1896, ao final do século XIX, época em que se assinala a ocorrência de vários casos de tentativa e de suicídio associados a causas amorosas, levados a cabo pela ingestão de mesmo veneno, a estricnina³¹, amplamente noticiados pelos periódicos, os autores localizam – relatando-o em forma de novela – o verídico drama moral em que se constitui o episódio vivido por Chiquinha-Francisca Tavares da Gama -, então com 19 anos, e Antônio Borges Lima – Neco -, com 21 anos de idade, ambos residentes na capital.

²⁸ TOTTA, Mário; AZURENHA, José Paulino de; LOBO, José Carlos de Souza, 1998, p. 85.

²⁹ Assim é denominada a protagonista por seus autores, diferentemente da mencionada pelo jornal, Chiquinha da Gama, Francisca Tavares da Gama.

³⁰ TOTTA, Mário; AZURENHA, José Paulino de; LOBO, José Carlos de Souza, 1998, p. 98-99.

³¹ Alcalóide presente na *nux vomica*, expressão que indica as sementes de uma árvore nativa da Índia, *Strychnos nux vomica*. A palavra *vomica* significa depressão ou cavidade, que é uma característica da semente da planta, atribuída pela lenda à impressão digital do Criador. A *nux vomica* foi introduzida na Alemanha no século XIV como veneno para ratos e outros animais daninhos, sendo ainda muito utilizada como pesticida. Foi empregada na Medicina em 1540, mas seu uso só tornou-se mais difundido cerca de 200 anos depois. GOODMAN, Louis S., GILMAN, Alfred Goodman. *As Bases Farmacológicas da Terapêutica*. Ed. Guanabara, 7ª edição. Rio de Janeiro: 1987, p.381-382.

Sendo, porém, a obra *Estrychnina* nada mais do que o resultado de uma compilação de excertos anteriormente publicados em moldes folhetinescos, no *Correio do Povo*, é-nos apresentada muito semelhantemente à série de notícias divulgadas e veiculadas desde Setembro de 1896, a que se acrescentavam a descrição da cidade, com seus sinais e desejos de modernidade.

Neco Borba, um jovem “elegante, desfibrado e sentimental³²”, natural da região próxima a Alegrete, se criou na fazenda Vista Alegre, pertencente a seu pai:

Aí, nas campinas intérminas da estância, fora ue ele vivera até os dezoito anos, e nessa atmosfera pura e saudável robustecera o seu corpo.

Adquirira estranho amor pela vida agitada dos campos e foi com os olhos arrasados d’água que abandonou, em companhia de sua família, as paragens benfazejas e queridas da Vista Alegre.(...)

Os negócios do velho Borba, por causas inesperadas,(...) enredaram-se de tal forma que obrigaram o honrado estancieiro (...) a vender as suas terras e a vir procurar, numa repartição pública da capital, os recursos necessários aos últimos e tristíssimos dias de sua existência³³.

Neco, também encontrado em alguns manuais como Nico, se envolve então com uma cortesã, Chiquinha Gomes – Chiquita, na obra em questão – e a trama é tecida. Esta, como o protagonista, abandona sua terra natal, Viamão, e aporta na capital. Filha de pais pobres, começa a trabalhar desde muito cedo e se encontra, ainda na puberdade, quando “desabotoava como uma flor”, com um “degenerado e ocioso, que fora o primeiro prazer dos seus olhos”. Chiquinha foge de casa, torna-se amante e cortesã, na Porto Alegre no final do século XIX. “E aqui andou ela de mão em mão, dormindo sobre os torpes lençóis das camas de aluguel, patenteando as linhas do seu corpo a tanto por hora, como uma vista de caleidoscópio, dando-se sempre a gozar, como o jantar num restaurante a dez tostões por prato³⁴.”

Caleidoscópio, trama, teia. Os referenciais do campo coabitam com os da cidade. A saída do ambiente rural e a expectativa de encontro, salvação e ocupação de um espaço idealizado na cidade moveram as personagens a um encontro/desencontro e desencanto com a visão de urbanidade que carregavam. A dicotomia da melancolia nostálgica de um passado no campo, em contraposição ao movimento, ritmos e ruídos da cidade, compõem a multiplicidade de imagens que virão a constituir a trama do drama vivido pelo casal.

Em festa religiosa, durante os rituais natalinos, Neco e Chiquita se encontram envoltos em atmosfera de oração, no arraial do Menino Deus. Os autores aproveitam o cenário do

³² CÉSAR, 1971, p. 337.

³³ TOTTA, Mario; AZURENHA, Jose Paulino de; LOBO, Jose Carlos de Souza, 1998, p. 55-56.

³⁴ Idem, p.50.

encontro e revelam o movimento urbano de então: “Carros e bondes chegavam, uns sobre os outros, a porções, carregados de gente, despejando no arraial centenas de pessoas, que engrossava a mole de povo³⁵.”

E o romance se estabelece, permeado pela censura da sociedade citadina, bem como pela da própria família de Neco. A crise moral se impõe, amigos buscam colocá-lo de volta “ao bom caminho, ao razoável caminho”, o qual ditava a “boa razão, a razão da sociedade tal qual se acha constituída³⁶.” Considerando tal possibilidade, o protagonista empreende tentativa de retorno, dirigindo-se ao caminho de uma dita normalidade, imposta e estabelecida pelos padrões de então.

O amor de sua família, dos seus amigos, da sua noiva, não bastavam para pôr um termo aos seus sofrimentos? Então a morte era indispensável à sua felicidade, era sua própria felicidade? ‘Não! – dizia ele- não podia ser...’ (...) Então o Neco pensou na noiva... Não, não devia morrer! O suicídio era uma covardia e uma loucura. Era moço e era amado. Havia ainda alguém neste mundo que o adorava, que guardava-lhe intacta a virgindade da alma e a virgindade do corpo (...)³⁷

O protagonista, tendo voz e vez outorgadas pelos autores, apresenta as correntes, doutrinas de pensamento que chegavam à capital, vindas da Europa, como possível saída, salvação ou exílio para seu drama.

O coração, o seu sentimentalismo, porém, teve ímpetos, revoltou-se, e Neco Borba atacou, rude e bravo, a sociedade; chegou a proclamar-se, à livre viração marinha, socialista, anarquista, niilista, que sei eu? Mas, entrando-lhes pela doutrina adentro, como por uma casa a todos aberta, viu que essas idéias não tinham coração nem alma. Então de que lhe serviria provocar o remodelamento da sociedade, se em nenhuma das novas formas em germinação acharia protetor asilo para o seu desgraçado amor? Curvou-se à imposição dos fatos e aceitou-os como lei. Se não quisesse viver como os demais, com a honra ao modo deles, devia deixar de viver³⁸.

Em sua fala, o desfecho da trama já parecia estar sendo anunciado. Chiquita, por sua vez, na tentativa desgarrada de permanecer ao lado do amado e de criar o “entezinho que ela trazia consigo nas suas entranhas³⁹”, questiona seu lugar e sua vida, sem desistir de lutar e perseguir seu projeto de futuro, distanciando-se das marcas do passado que rotulava seu presente.

³⁵ TOTTA, Mario; AZURENHA, Jose Paulino de; LOBO, Jose Carlos de Souza , 1998, p. 51.

³⁶ Idem, p.62.

³⁷ Ibidem, p.92-93.

³⁸ Idem, p. 62-63.

³⁹ Ibidem, p.76.

É a visão de modernidade representada na figura da protagonista, uma visão contendo, ao mesmo tempo, algo de eterno e transitório, particular e absoluto; em que a imagem do passado perpassa e velozmente se deixa fixar quando reconhecida é.

O que está em causa, todo o tempo e sempre, explícita e implicitamente, é o contraponto presente-passado-futuro. A ênfase pode mudar, priorizando-se o presente, o passado ou o futuro, mas esses momentos do devir estão continuamente referidos. Esse o motivo pelo qual a história e a mitologia encontram-se e fundem-se em muitas ocasiões. O pretérito precisa ser esquecido, recuperado ou recriado; pode conferir algum sentido ao presente; ou anunciar algum futuro. O pretérito sempre guarda algum mistério.

A criação da sociedade racional, embasada ora numa ordem, numa arquitetura, matematicamente construída; ora se utilizando da razão como instrumento a serviço do prazer dos indivíduos, relacionando o hedonismo com um progresso contínuo, um porvir onde a diluição do passado com seus ritos, imagens e significados seriam a própria razão submetida à presença da ciência e da técnica, fez com que, apesar do esforço de síntese, conhecimento e ciência se mantivessem separados.

A sociedade, percebida no século XIX, superou velhas instituições, redefiniu o homem social, polarizou seu cotidiano, reapresentando-o sob as formas pública e privada, reinterpretando seus valores básicos em um pensamento múltiplo de estilos completamente instáveis. Deu à luz a doença da vida moderna, ou seja, a fragmentação; a multiplicidade do pensamento impedia a visão do conjunto. A Natureza foi humanizada e espiritualizada; o anseio pelo Infinito como uma busca da eternidade e da solução à crise – e neste aspecto é possível perceber o movimento dos protagonistas da obra em análise, quando do encaminhamento ao duplo suicídio - fez com que a razão/objetividade, ou seja, o espírito do Iluminismo, a emoção/sensação/subjetividade, o espírito do romantismo, interligados, desenvolvessem aspectos da natureza humana que pareciam ter ficado para segundo plano. Formavam a trama que se seguiria adiante do XIX.

A trama não cessa, e nela se interligam novela, notícia, protagonistas do drama, autores, fatos verídicos, público, leitor, cidade em transformação, anseios; enfim, movência e clivagem de referenciais que, período e obra, neles encerram.

Chiquita, ao deparar-se com o amante em passeio com uma moça de família, vê-se em apuros e decide pela morte, a fim de dar cabo aos males que a afligem. É a crise que se instala e, em meio a entradas, saídas, encontros e desencontros, a obra conduz o leitor ao vislumbrar da Porto Alegre do final do século XIX.

Os passantes, os transeuntes, carroças, bondes e carros de passeio moviam-se pelas ruas da cidade, nas palavras marcadas e narradas pelos autores, onde a crítica também possuía seu espaço:

Há dias que é uma vergonha, os bondes levam horas e horas nos desvios. Ainda há pouco tempo, num passeio que eu fiz com o Ramalho, levamos duas horas e quarenta e cinco minutos do Parthenon à praça da Alfândega. O bonde descarrilou três vezes, esperou um quarto de hora em três desvios, as bestas rebentavam as correias de espaço a espaço (...) ⁴⁰.

A vida noturna da cidade, com seus cafés, restaurantes, não deixou de compor a narrativa, fazendo com que o drama, a partir das imagens apresentadas acerca da cidade de então, fosse ocupando o espaço do imaginário coletivo, num misto de identificação e construção da experiência cotidiana dos cidadãos.

Neco, não conseguindo desprender-se de sua amada e percebendo que a diferença social entra em conflito com a diferença natural de sua sensibilidade, propõe-lhe o duplo suicídio:

- Agora o mundo só nos verá quando nós não pudermos mais vê-lo!
- Então, estás decidido? – murmurou a Chiquita.
- Inabalavelmente. Tu hesitas?
- Não. Te acompanharei até à morte- disse ela, enlaçando com o braço o pescoço do amante.
- E por que tens a voz trêmula?
- Não sei. Talvez seja pela lembrança de morrer; a morte sempre horroriza a gente, e depois...
- Depois, quê?
- Causa-me tanto horror a lembrança de matar nosso filho, Neco!
- Mas nós, matando-o, salvamo-lo de uma vida abjeta e miserável ⁴¹.

O suicídio, neste período, era visto como uma elevação ao Infinito, a que os românticos tanto almejavam, ou um sintoma de um trauma cultural, uma não adaptação à sociedade, uma crise de identidade, uma ausência de lugar no mundo social, um poder privado de escolha sobre a vida e a morte, só compartilhado com o público após o fato consumado. A polaridade permanece, mas a transcendência do ato suicida faz com que se questione de onde parte a ação, a que divindade se dirige o sacrifício, já que é um ato teatralmente planejado ⁴².

⁴⁰ TOTTA, Mario; AZURENHA, Jose Paulino de; LOBO, Jose Carlos de Souza .1998, p. 125.

⁴¹ Idem, p.133-134.

⁴² Sobre o assunto, ver VENEU, Marcos Guedes. *Ou não Ser: Uma Introdução à História do Suicídio no Ocidente*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994, onde o autor faz a análise do suicídio na obra de Goethe, especificamente em *Os Sofrimentos do Jovem Werther*.

Promovida a alma, a partir da salvação, pela sobrevivência à ruína do corpo, que também se pretenderá imortal, poderá ela, por tal intervenção, conduzir à desvalorização da dualidade mortal/imortal.

As cartas de despedida de Neco e Chiquita aos amigos e familiares trazem aos vivos revelações, consolo, e mesmo ordens, com autoridade de quem fala a partir do sagrado⁴³, encaminhando pertences e descrevendo seus funerais. A escolha da sepultura prevê uma distinção, sacralizando para os suicidas o terreno, a partir de seus critérios: “Enterrem o meu corpo com o dela, no chão⁴⁴.”

O jornal *Correio do Povo* de Setembro de 1896 publicou tais cartas, a fim de deixar o leitor inteirado a respeito do acontecido. A novela *Estrychnina* se detém a narrar algumas destas, onde é perceptível a preocupação com o futuro pós-morte, uma tentativa de ordenar, projetar, justificar o vindouro, tendo as sentimentalidades uma pitada de racionalidade.

Em carta publicada no *Correio de Povo* de 1896, aos seis dias Setembro, Neco deixa dito aos seus pais:

Peço-vos perdão do que acabo de cometer, mas era meu destino e devia cumpril-o, pois que um amor que não podia aparecer levou-me a este acto de desespero. (...) a sociedade não permittia que eu apparecesse com ella sob pena de ser considerado indigno de seu seio. Sociedade infame aonde existe e impera a luxuria em seu auge e que pretendeu aniquillar aquelle que não possui dinheiro e que por isso não é digno de si.

(...) Se for uma realidade a immortalidade da alma, a minha vos perseguirá, eternamente, caso meu corpo não seja enterrado com o della, que me amou muito e que morreu por mim.

E o ato se consuma. Os amantes ingerem dois gramas de estriçnina cada um, e vem a espera, pois “a morte não tarda a dar-nos o seu abraço; abraço único, mas soberbo⁴⁵.”

Como dando provas de que o meio jornalístico e a Medicina despontavam na época do acontecido, os relatos dos autores quanto aos efeitos do veneno no corpo dos suicidas foi descrito com minúcias, e a palavra final sobre o passamento de Neco é dada por um médico.

Sendo a obra *Estrychnina*, e qualquer outra ligada ao ato criativo, repletas de significados e representações, se torna possível buscar os choques da modernidade nas

⁴³ VENEU, Marcos Guedes, 1994, p.119.

⁴⁴ TOTTA, Mario; AZURENHA, Jose Paulino de; LOBO, Jose Carlos de Souza, 1998, p.137.

⁴⁵ Idem, p.138.

imagens de catástrofe apresentadas pela visão de avanço e progresso no século XIX, afinal como afirmou Lyotard: “O irrepresentável existe⁴⁶.”

Os significados oriundos da representação decorrentes da narrativa de experiências de uma catástrofe, de um choque, apresentado pela modernidade, salientam a miscigenação do saber e do não-saber com suas imagens, no ato de contar, pois, “representar ou não representar: isto não altera, afinal, a consciência do que precisa ser dito⁴⁷.” A imagem permanece. E é o que se pode perceber quando da interação do fato representado na consumação do suicídio pelo casal protagonista com o movimento dos habitantes da cidade em sua direção.

E como o povo, no farejamento de um escândalo, não estaca diante de obstáculo moral ou material de espécie alguma, dentro de poucos minutos a botica em que o Borba se deixara ficar era invadida por uma turbamulta de curiosos, que olhavam para ele de olhos aparvalhados. (...) a notícia do suicídio espalhou-se rápida por toda a parte, despertando a curiosidade da população e notavelmente dos jornalistas, que correram pressurosos a engrossar a multidão que se acotovelava na botica, satisfeitos com aquela desgraça que lhes ia dar ensejo a escreverem, em estilo arrebicado e piegas, meia dúzia de tiras sensacionais em notícias de última hora, puxada a moral e a reclame⁴⁸.

Em tal relato dos escritores, acerca das abordagens de populares e jornalistas em direção ao ocorrido suicídio do personagem principal de Estrychnina, percebe-se o movimento antes referido: o dos populares em direção a uma como que busca de construção da imagem do fato – denotador de aspectos típicos de cidade–aldeia, onde rapidamente a aglomeração em torno da tragédia é possibilitada pela proximidade que caracteriza tais relações, permeando-as de familiaridades - e, ao mesmo tempo, o dos jornalistas, preocupados em acercar-se do mesmo, visando seu registro a tempo e a hora, sem deixar de parcialidade ao cobri-lo. São visões distintas a conviver, amalgamadas, em uma Porto Alegre em modernização.

E à medida que a vida do Borba fugia, que os sintomas sinistros da morte iam-se observando nas contrações do rosto do suicida, mais aumentava em torno dele o zum-zum dos curiosos, ávidos pelo desfecho da tragédia. (...) O médico curvou-se, tomou-lhe o pulso, auscultou-lhe o coração inerte e depois, erguendo-se, deixou cair, do alto da sua gravidade doutoral, a última palavra da ciência:
- Está morto⁴⁹.

⁴⁶ Citado por NESTROVSKI, Arthur e SELIGMANN-SILVA, Márcio. (orgs) . *Catástrofe e Representação*. São Paulo: Escuta, 2000, p.11.

⁴⁷ Idem.

⁴⁸ TOTTA, Mário ; AZURENHA, José Paulino de; LOBO, Souza, 1998, p.145.

⁴⁹ Idem, p.146.

A realidade pode ser, ela mesma, a própria definição de catástrofe, onde intuição, mundo imagético e descrição realista dos fatos se condensam e se lançam a uma projeção social. Os já referidos significados e representações originários das narrativas das experiências desses sujeitos-desejantes formam o campo imagético a partir da mescla mundo manifesto dos signos concretos e a transcendência do significado, condensado em uma projeção da sociedade que vivencia os choques da modernidade expresso nas polaridades ordem-caos; pureza-perigo; bem-mal; higiene-impureza e na noção de hibridismo presente nas relações solidárias estabelecidas num determinado grupo social, no que se considerem aspectos tais como as marcas impressas pelas representações, em sua identidade.

(...) o trabalho histórico como o que ele manifestamente é: uma estrutura verbal na forma de um discurso narrativo em prosa. As histórias combinam certa quantidade de dados, conceitos teóricos para explicar esses dados e uma estrutura narrativa que os apresenta como um ícone de conjuntos de eventos presumivelmente ocorridos em tempos passados. (...) o historiador realiza um ato essencialmente poético, em que prefigura o campo histórico e o constitui como um domínio no qual é possível aplicar as teorias específicas que utilizará para explicar o que estava realmente acontecendo⁵⁰.

O enterro acontece, não aos moldes projetados pelos suicidas, e a cidade mantém-se em plena agitação, buscando projetar-se a partir de outros modelos: “Bondes e carros cruzavam velozmente pelos arrabaldes; as fábricas, apagando os fogos, vomitavam das chaminés largos penachos de fumo; operários surgiam em grupos, daqui e de acolá, de volta do trabalho (...)”⁵¹”

Nela, os habitantes da urbe, em movimento, ainda guardavam “na alma popular a funda impressão causada pelo duplo suicídio⁵²”, já que o jornal noticiou-o com minúcias, alcançando grande vendagem. Há menos de um ano mais tarde, a novela era publicada, provocando tamanha exaltação e aceitação por parte dos leitores, denotando que não é somente o sentido da obra que os atrai, no pensar de Ricouer⁵³, mas a possibilidade, de, por meio dela, das referências e experiências do vivido que tal linguagem e temporalidade desnudam diante do leitor, identificarem-se com sua época, tornando-se juízes e parte do acontecido.

As idéias que chegavam do exterior, obrigatoriamente, ajustaram-se às tendências e comportamentos intelectuais elaborados pelas tradições internas. De todas as ampliações

⁵⁰ WHITE, Hayden. *Meta-História, A Imaginação Histórica do Século XIX*. São Paulo: EDUSP, 1995, p.11-12.

⁵¹ TOTTA, Mário ; AZURENHA, Paulino ; LOBO, Souza, 1998, p.162.

⁵² Correio do Povo, 08 de Setembro de 1896.

⁵³ RICOEUR, Paul, 1994, ver capítulo intitulado: *Mimese III*, Configuração, reconfiguração e leitura, p.117 a 125.

letradas da modernização, a da imprensa resultou beneficiária direta das leis de educação comum. Contrariamente às previsões dos educadores, os novos leitores não aumentaram o consumo de livros, mas abasteceram de compradores os jornais e as revistas⁵⁴.

A popularização dos meios de informação, já no século XIX, que passam a ser apresentados aos habitantes da urbe como sendo o acesso mais rápido, real e verdadeiro aos acontecimentos da cidade em progressão, parecem não dar o direito de passar ao largo de um mundo informativo sem a ele não lançar um olhar, mesmo que seja de desdém. Representam o fruto de um desejo de se investir em uma imagem moderna, que não é, necessariamente, resultado de uma necessidade de comunicação. A sedução imposta por uma forma de viver apresentada como ideal, através da abundância de informações com as quais o indivíduo se depara o tempo todo, restringe e limita a experiência urbana, enquanto experiência mediática.

Eis o veneno... em suas doses.

Na ânsia de encontrar-se no *continuum* do projeto moderno, o indivíduo busca, através do rompimento, da descontinuidade, a ressonância que o conduza a um aprofundamento acerca de sua própria existência.

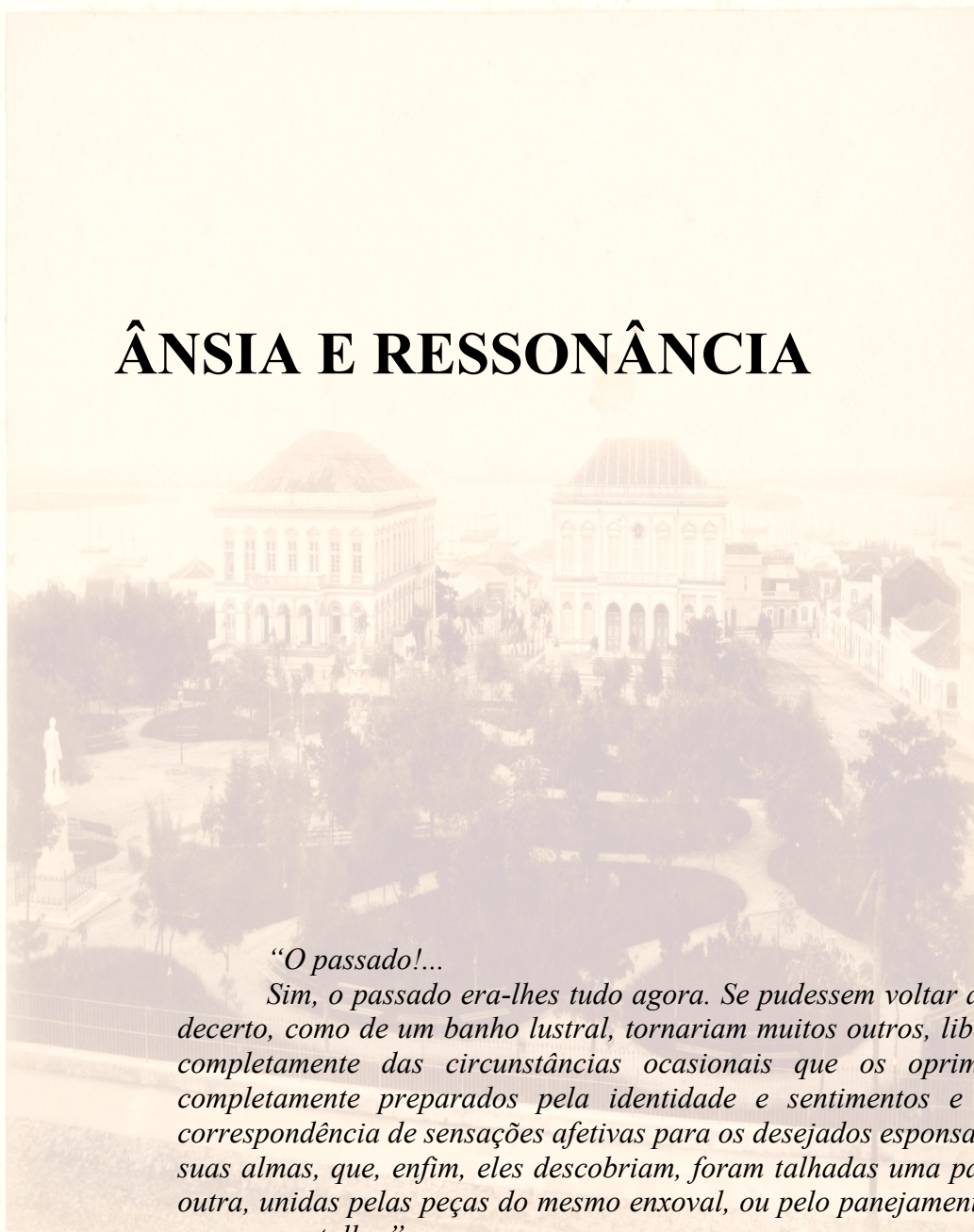
Uma análise e referências a tais aspectos constituirão objeto sobre o qual se aprofundará no capítulo a seguir, através da leitura de confluências História/Literatura e dos rompimentos e imposições decorrentes da modernidade.

⁵⁴ RAMA, Angel , 1985, p.83.

CAPÍTULO II

PORTO ALEGRE

ÂNSIA E RESSONÂNCIA



“O passado!...

Sim, o passado era-lhes tudo agora. Se pudessem voltar a ele, decerto, como de um banho lustral, tornariam muitos outros, libertos completamente das circunstâncias ocasionais que os oprimiam, completamente preparados pela identidade e sentimentos e pela correspondência de sensações afetivas para os desejados esposais de suas almas, que, enfim, eles descobriam, foram talhadas uma para a outra, unidas pelas peças do mesmo enxoval, ou pelo panejamento da mesma mortalha.”

PRAÇA PEDRO II.

Trecho da novela *Estrychnina*

A questão da modernidade ainda nos coloca como sujeitos de sua submissão e, talvez, por esta razão, se torne tão em voga, presente nas discussões de identidade e ocupação de espaços. Espaços estes de fragmentação do ser, onde o indivíduo se evidencia como sujeito, e a cultura passa a ser constituída enquanto clivagem de um conhecimento. Uma visão de modernidade contendo, ao mesmo tempo, algo de eterno e transitório, particular e absoluto; em que a imagem do passado perpassa e velozmente se deixa fixar quando reconhecida é. É a ânsia e a ressonância nas tramas que circundam a modernidade.

No drama apresentado pela novela *Estrychnina*, é possível perceber essa transitoriedade, de um pretérito repercutindo concomitantemente com o agora, ao ser evocado pela nostalgia do protagonista, Neco Borba:

A vida ruidosa da cidade dava-lhe grandes saudades da paz adorável de sua estância. (...)

Que de cousas não dera para ouvir de novo, na paz de sua estância, as cantigas dos seus! Que de cousas não dera para tornar a ver o céu azul da Vista Alegre, a sua casa, que lá ficara, sombria e triste, entre os castanheiros folhudos; o cavalo, a olaria, as coxilhas, o milharal, tudo o que deixara lá para todo o sempre!

Às vezes dormia e sonhava com o sítio. Revia então as paragens saudosas da terra em que nascera e julgava-se feliz, muito feliz...

A vida ruidosa e atraente da capital foi-lhe, no entanto, curando pouco a pouco a chaga que a nostalgia tinha-lhe aberto no coração. Empregou-se no escritório de uma companhia industrial, adquiriu relações e entrou a freqüentar os cafês, os teatros e os bailes.

No fim de algum tempo, a sua alma, outrora de uma pureza e simplicidade primitivas, estava perfeitamente adaptada ao meio hipócrita e falso da capital.

Esquecera de todo a Vista Alegre. Era já herói de meia dúzia de aventuras e contava nas suas conquistas amorosas a quarta ou quinta noiva¹.

O mundo tem sido e continua a ser um emaranhado de tradições, superstições, magias, religiões e racionalizações, constituindo ampla parte dos modos de ser, pensar, sentir, agir, imaginar e fabular de indivíduos e coletividade. São encantamentos que freqüentemente irrompem na filosofia, ciências e artes, impregnando, inclusive, as formas de socialidade, os modos de organizar o trabalho e a produção, as relações, os processos e as estruturas de dominação política e apropriação econômica, as formas de alienação e as condições de emancipação. São muitas as modalidades de encantamento, presentes e ativas, ou hibernando e latentes, nas atividades de uns e outros, indivíduos e coletividades, em todo o mundo. São mitos reveladores de fantasias e exorcismos, alucinações e sublimações, ideologias, utopias e

¹ TOTTA, Mário; AZURENHA, José Paulino de; LOBO, José Carlos de Souza. *Estrychnina*. Porto Alegre, Artes e Ofícios, 1998, p. 56-57.

nostalgias. Essas alegorias adquirem outros e novos significados, povoando, colorindo, movimentando e sonorizando ideais, sonhos, pesadelos, possibilidades e impossibilidades.

A modernidade e, conseqüentemente, a ascensão da razão, chama o mito à condição de não-razão. Curiosamente, essa razão lhe atribui ainda uma nova condição, como se este se colocasse ao lado dela ou fosse simplesmente uma artéria da razão, pronto a dar respostas sempre que a modernidade entra num estado de auto-questionamento, lugar que pertence de igual modo à arte, à literatura.

Há mitos que possuem uma forte e nítida marca nacional. Entram mais ou menos decisivamente na constituição em sua identidade. São repetidos e parafraseados, recriados e caricaturados, contínua e periodicamente, em geral pelos detentores do poder, os grupos e classes ou blocos que sempre trabalham alguma forma de invenção de tradições.

A cidade de Porto Alegre, ao final do século XIX, experimentava, também, através do estabelecimento de novos mitos - em conformidade com o projeto da modernidade-, a fluidez que dela advinha.

Nas notícias do Correio do Povo do ano de 1896, podem-se verificar aspectos que destacam a importância de estar em sintonia com os novos ideais que, mitificados e já vivenciados por outras capitais do centro do país, apresentavam-se a uma sociedade então já identificada com os mesmos.

Em reportagem de 02 de setembro deste ano, respondendo ao anúncio do novo projeto do palácio presidencial, que previa elevados gastos com importações de materiais, comentou-se: “Entendemos que a obra se pôde, se deve e se ha de fazer, por que o Rio Grande do Sul quer resgatar condignamente a falta commettida pelo antigo regimen de alojar os seus presidentes no velho velho barracão que a República mandou arrasar²!”

Com o advento da República, em 1889, fizeram-se necessárias a apresentação, divulgação e afirmação de seus símbolos, com a intenção de se imprimir uma marca nacional, diferenciada daquela apresentada pelo regime do Império, fato que leva ao entendimento e justificativa de posicionamentos como o acima descrito.

Já em relação à Ciência, tida como mito e religião da modernidade, abundavam, periodicamente, referências no periódico analisado, como a que segue, publicada no dia 17 de abril de 1896, na coluna intitulada *Notas Scientificas*:

² A reprodução desta e de todas as publicações, retiradas do Correio do Povo e aqui registradas, corresponde a encontrada na fonte de consulta, respeitados aspectos tais como os de grafia, possíveis erros gramaticais e de impressão.

A photographia do pensamento

Refere um jornal que temos à vista:

De que se poderá duvidar actualmente em photographia depois das maravilhas que nos dizem os raios cathodicos? Parece que já é um resultado muito satisfactorio photographar o conteudo de uma caixa hermeticamente fechada ou o esqueleto de um individuo vivo.

Os photographos, porém, não se contentam com isto e pretendem photographar proprio pensamento.

Ei-nos quasi perto da realização do photographo lendario que pretendia photographar os seus direitos de *memoria*.

(...) Quem sabem se este methodo , consistindo em cortar em laminas successivas o cerebro dos personagens notaveis, não será o methodo de amanhã? E não se poderá aventurar a hypothese de que o cerebro humano conserva a impressão infinitamente delicada das recordações, assim como o cylindro dos photographos conserva os discursos, os cantos para estituil-os á vontade?

É, emfim, uma simples conjectura, uma hyphotese de phenomeno, até hoje inexplicado da *memoria*.

Cabe, aqui, destacar os inúmeros estudos que, à época, vinham-se realizando a respeito da psiquê, sonhos, memória, racionalidade e tempo, dentre outros tantos aspectos que passavam a relativizar conceitos e idéias tidas como verdades absolutas. Obras de relevante referência, a respeito do estudo da memória e do pensamento, são publicadas, como *Matéria e Memória*, de Henry Bergson - um *Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*- (1896); *The Relation of Attention to Memory*, de W.G. Smith (1894) e *Ways of Remembering*, de Mortimer Granville (1879). O reflexo de tais estudos faz-se sentir na literatura de cunho ficcional, em que se destacam *Em Busca do Tempo Perdido*, de Marcel Proust; *O Idiota* e *Crime e Castigo*, ambas de Fiódor Dostoiéwsky, bem como na obra de Rimbaud, Baudelaire, Edgar Allan Poe, Machado de Assis, Cruz e Sousa...

Em 05 de maio de 1896, o Correio do Povo divulga uma circular recebida de São Paulo, direcionada aos jornalistas, em que se podia ler o seguinte:

Apello aos jornalistas

Neste fim de seculo em que a luta pela vida está se tornando cada vez mais dura e aspera, agravada pela febre de enriquecer-se rapidamente, e em que todos os ramos da actividade humana, sem excepção alguma, estão passando por uma tremenda crise, o único meio de remediar os males dahi provenientes é procurar com afinco o que a sciencia nos ensina para facilitar o trabalho e augmentar a produção, nos pondo desta fôrma em condições de entrarmos facilmente em luta com outros povos.

Já em 20 de setembro do mesmo ano, na coluna *Malacacheta*, pode-se perceber a influência exercida pelos periódicos junto à população, uma vez que passavam a representar meio fácil, rápido e verdadeiro – crença corrente – pelo qual circulavam os acontecimentos

referentes à cidade. Verdade incontestável, tal aspecto creditava, sempre e cada vez mais, aquilo que por eles era veiculado³.

No ano de 1897, em 04 de junho, a coluna *Diversas* apresenta:

Já podem ser apreciados em Porto Alegre os celebres raios de Roentgen, que tanto têm dado que falar ao mundo científico.(...)Sujeito um moço á acção dos raios X, deixou-se apreciar, pelas pessoas presentes, toda a sua estrutura ossea.Brevemente serão feitas outras experiências, em presença do corpo medico e dos representantes da imprensa desta capital.

Mesmo sendo um protesto contra o mundo moderno, o Romantismo, com seu cientificismo e racionalismo, não estavam fora de seu tempo “eram mais modernos do que pensavam, especialmente na sua exploração do lado oculto da vida, dos sonhos e do inconsciente, e no fornecimento da base teórica para o nacionalismo moderno⁴.” Foi, sem

³ “A imprensa está ameaçada de uma crise, não originaria da indomita bravura com que ella por ahi se xinga, mas por um verdadeiro *krack de reportagem*.

Agora que o Povoas e todo rapazio do jornalismo diario deu sebo nos calcanhares da actividade, é que, justamente por isso o freio das conveniencias quer fazel-os esbarrar a meia cancha.

É o caso que os rapazes estão bisbilhotando demais, e a sua mexeriqueice vae produzindo resultados funestos, por effeito do contagio. Nada menos que isto:

A imprensa começou a noticiar suicidios, os suicidios começaram a apparecer em tal profusão que só elles davam para encher os noticiarios dos jornaes:

A imprensa entrou a registrar os raptos, e foi um *chover de gatinhas*: era aos bandos que batiam azas as classicas pombas mansas dos poetas; (...)

(...) Contra as noticias de suicídio já de uma feita a *Sociedade de Medicina* fez finca-pé, querendo que a imprensa passasse véu espesso de sigilo sobre os desgraçados que, do pé para a mão, resolvem arrebentar a cabeça com uma bala de revólver.

Era inconveniente a notícia de suicídio, porque está provado que o contágio é forte e que, atraz de uns miolos espedaçados, outros miolos se espedaçam sempre.

(...)

Portanto, a bem dos medos dos desesperados; da moral pública e privada; da integridade das virgens; da tranquilidade dos lares e do Thesouro – seja a imprensa arrollhada a sete rôlhas, respeito a tudo quanto possa alastrar pelo contágio.

Perfeitamente.

Mas então que hão de fazer d’ahi por diante o Povoas, o Daniel, o Renato, o Duarte, o Baptista, o germaninho, o Souza e tantos outros que hoje têm praça ba legião dos bisbilhoteiros?

De duas uma: ou os proprietarios de jornaes terão de pensionar empregados para nada a fazerem, contra o que protestará logo o Eduardo: ou teremos que vagar pelas ruas mais uma boa duzia de desocupados, contra o que protestará o código penal.

E a imprensa, que vae ser della, hoje em dia, si o phenomeno do contagio e o risco da imitação perigosa podem ter elasterio inda maior que a borracha do Pará, em suas multiplas applicações?”

⁴ BAUMER, Franklin Le Van, 1971, p. 23.

⁵ Idem, p.17

sombra de dúvida, uma revolução, uma reação “contra a estreiteza do século XVIII”, ao Iluminismo, “deram livre curso ao lado sentimental e irracional da natureza humana⁵.” Sendo o Romantismo o difusor do nacionalismo moderno, não se poderia concebê-lo de uma forma singular.

O Romantismo, exatamente por apresentar também particularidades de caráter popular, valorizando, dentre outros aspectos, o folclórico, vê reforçado, nestes, seu caráter plural. Porém, o Movimento Romântico, embora apresentando-se plural e não possuidor de uma organização institucional, doutrina básica ou publicação fundamental, “procedia a uma apreciação real dos valores ocidentais⁶.” Foi mais que um movimento artístico e literário, desenvolveu também idéias sobre política e história, tornando-se até mesmo um movimento filosófico. Pode-se dizer que o Romantismo era o senhor do seu tempo, que colocava a “presença do infinito nas coisas finitas⁷.”

Neco Borba, ao ver comprovada sua dúvida quanto ao amor e fidelidade de Chiquita, no momento em que ela ingere sua dose de estriçnina - ao que ele também corresponde, ingerindo a parte que lhe toca -, como ela desespera, o que é descrito pelos autores numa cena nitidamente romântica, através da súplica e promessa final do amante, que a ela garante a felicidade eterna, infinita: “E ajoelhado diante da amante, agarrado ao seu vestido, o Borba suplicava-lhe que não chorasse. “Por que chorar, agora que eram felizes, agora que iam acabar todas as torturas, morrer, enfim, para tornarem a viver depois, na paz do céu, entre esplendores e anjos, no seio magnânimo do Deus piedoso e bom⁸?”

Esta ânsia pelo Infinito manifestava-se não só nas questões seculares como nas religiosas, ampliando o conhecimento, o pensamento do homem, e permitindo livre fluência

⁵ Idem, p.17

⁶ Ibidem, p.24-25.

⁷ WHITEHEAD, citado por José Lino Grünwald, in *Poetas Franceses do Século XIX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991, p.11

⁸ TOTTA, Mário; AZURENHA, José Paulino de; LOBO, José Carlos de Souza. *Estrychnina*. Porto Alegre, Artes e Ofícios, 1998, p.141.

do “lado emocional e irracional da natureza humana”⁹. É o chamado para a renovação da fé, construção de uma religião, que deixada em “vazio metafísico”, decorrente do Século das Luzes, surge não somente com o revigoramento do Catolicismo, Cristianismo, mas também com a criação de novos deuses e mitologias: “A religião não era o mesmo que moral ou filosofia. (...) Schleiernacher ansiava pelo Infinito, que era diferente de tentar conciliar a religião com a razão ou reduzi-la à ética. ‘A verdadeira Religião’, afirmava ele na sua famosa definição, ‘é o sentido e o gosto pelo Infinito’. Mas onde se encontra o Infinito? – Na alma íntima do homem, no ‘sentimento’ ”, dizia¹⁰.

Grande paradoxo dos românticos! Na tentativa de romper, ou unir, o dualismo apresentado pela Era Descartiana, acabavam por fragmentar o pensamento. Ampliavam-no, sim, mas mantinham-se dentro do projeto da modernidade, o constante processo, o devir. Não negaram as *Luzes*, e lançaram-se nas trevas, na noite, como nas palavras de Goethe: “A maior felicidade do homem como ser pensante é ter provado o que é conhecível e venerar calmamente o que não se pode conhecer¹¹”

A certa altura da novela *Estrychnina*, quando os amantes realizam seu último passeio de bonde pela cidade, é possível perceber que a parte conhecível da existência já havia demonstrado sua face cruel, e que, naquele momento, o incognoscível, desconhecido pela razão, lhes traria a salvação:

Ao passar o veículo em frente à igreja das Dores, o Neco reverentemente tirou o chapéu, e, ao depois, cobrindo-se de novo, disse, voltado para a Chiquita:

-Logo mais, se Deus quiser e não mandar o contrário, vamos ver se há ou não há outro mundo. É bom irmos nos preparando para o espetáculo, que deve ser grandioso e único.

- (...) às vezes acredito nessas suposições, outras vezes creio que tudo não passa de balelas. A última hipótese é bem mais consoladora e possível, porque, nesse caso, logo seríamos absolutamente felizes enterrados na treva, escondidos na noite infundável, espessa como um nimbo, perdidos para sempre na inconsciência eterna do Nirvana, na floresta indevassável do Nirvana¹²...

A melancolia do desencontro, o catolicismo romano voltado para a utilidade social, o protestantismo relacionado à experiência individual e até mesmo a criação de novos mitos

⁹ BAUMER, Franklin Le Van, 1971, p.17.

¹⁰ Citado por BAUMER, Franklin Le Van, 1971, p. 33, a partir da obra de Friedrich Scheleiermacher, *A Natureza da Religião*. Jovem capelão de Berlim, Scheleiermacher, adepto do protestantismo romântico, em sua “teologia do sentimento”, rejeitava a “religião dentro dos limites da simples razão”, por volta de 1799.

¹¹ BAUMER, Franklin Le Van, 1971, p.26.

¹² TOTTA, Mário; AZURENHA, José Paulino de; LOBO, José Carlos de Souza, 1998, p.118-119.

compunham o conjunto do sobrenatural vivenciado pelos românticos. O homem romântico, perfeitamente inserido em seu tempo, vivenciava as transformações políticas e sociais, bem como seu próprio flagelo, buscando, assim, controlar seu desejo de viver individualista, através de laços sociais e históricos.

Porto Alegre tomava conhecimento, à época aqui analisada, dos pensamentos políticos, literários, artísticos e estéticos correntes na Europa, fato evidenciado pelas referências que regularmente se faziam na imprensa escrita já antes referidas e/ou constituíam assunto do cotidiano da população. Tal ressonância não suprimia, no entanto, a ânsia de rompimento da linearidade imposta pela modernidade, como se observa no relato de cenas cotidianas, quando a obra *Estrychnina*, aponta, a certa altura, tal direção, no momento em que um amigo de Neco Borba tenta dissuadi-lo da idéia de levar adiante o romance que estabelecera com a cortesã Chiquita: “Desejo que voltes ao bom caminho, ao razoável caminho, ao caminho que todos nós trilhamos¹³”, ao que o protagonista reage:

De fato, aquele estava com a boa razão, a razão da sociedade, tal qual se acha constituída. O coração, seu sentimentalismo, porém, teve ímpetos, revoltou-se, e Neco Borba atacou, rude e bravo, a sociedade; chegou a proclamar-se, à livre viração marinha, socialista, anarquista, niilista, que sei eu? Mas, entrando-lhes pela doutrina adentro, como por uma casa a todos aberta, viu que essas idéias não tinham coração nem alma. Então de que lhe serviria provocar o remodelamento da sociedade, se em nenhuma das novas formas em germinação acharia protetor asilo para o seu desgraçado amor¹⁴.

Baseados na idéia de conter o viver individualista, “selvagem” e “primitivo”, os românticos circularam por vários pensamentos, entre eles, o político do XIX, sendo muitas vezes acusados de participarem de seus “pecados políticos”, nas palavras de Baumer. E não poderia ser diferente, pois o Movimento Romântico, por não apresentar uma imagem única - afinal, fala-se de particularismos, inconsciente, misticismo, enfoque e vivência do nacionalismo; enfim, do pluralismo inerente à natureza humana - pressupõe a movência dentro das revoluções protagonizadas pelo homem.

Surge assim a preocupação com o organismo social, revestido de novo significado e reflexo do medo do caos numa época de revoluções, onde as certezas eram transitórias, a mudança no olhar dirigida aos problemas da sociedade, saliente-se aí oposição à visão

¹³ TOTTA, Mário; AZURENHA, José Paulino de; LOBO, José Carlos de Souza, 1998, p. 61.

¹⁴ Idem, p. 62-63.

Iluminista. O Estado deveria atuar como “conjunto orgânico”, pois “constituía a forma mais elevada de organismo social¹⁵”, e não como máquina.

O Estado é apresentado como um sistema aberto, um “corpo vivo composto por partes heterogêneas que se completam umas às outras. Exerce funções diversas que se implicam mutuamente¹⁶”, conforme definição de Bergson.

O nacionalismo é fomentado pela visão Estado-Nação trazida à luz pelo Romantismo, que não abandonava, apesar disto, o individualismo romântico. Aparece um forte sentimento de identidade entre indivíduo e Estado. A nação era um grande indivíduo. O Movimento Romântico é paradoxal.

A natureza espiritual só foi capaz de representar a essência da humanidade como graduações multifacetadas de indivíduos e da individualidade, em geral, das nações. Só na medida em que cada uma destas nações, sozinha, se desenvolve e toma forma, de acordo com as suas próprias peculiaridades, e na medida em que cada indivíduo, em cada uma destas nações se desenvolve e toma forma, de acordo com as suas próprias particularidades, bem como as suas peculiaridades individuais, é que o fenômeno da divindade se reflete do modo como deve ser¹⁷...

A imagem de Povo e de um Espírito do Povo, partindo da singularidade de cada país, amplia-se, fundida a um ideário nacionalista recheado de popular e folclórico. Não constituía-se apenas enquanto uma aglomeração de homens, mas associação por comunhão e cumplicidade, grandes reuniões plurais. É mostrar o Estado como sendo mais que uma agregação de indivíduos e onde, através dele, conseguiriam a liberdade. A idéia de organismo era dinâmica e apresentava uma continuidade com o passado, com a origem:

A duração é o progresso contínuo do passado que rói o porvir e que incha ao avançar. Uma vez que o passado aumenta incessantemente, também se conserva indefinidamente.(...) o amontoamento do passado sobre o passado prossegue sem trégua. Na verdade, o passado conserva-se por si mesmo, automaticamente. Inteiro, sem dúvida, ele nos segue a todo instante¹⁸(...)

O romantismo também participou da visão de um futuro, muitas vezes utópico, que demonstrava a busca de liberdade social e justiça, ressaltando a situação do grupo dos oprimidos e explorados pela industrialização. Sobre isto, podia-se ler, no Correio do Povo do

¹⁵ BAUMER, Franklin Le Van, 1971, p. 46.

¹⁶ BERGSON, Henri. *A Evolução Criadora*. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p.13.

¹⁷ BAUMER, Franklin Le Van, 1971, p 47.

¹⁸ BERGSON, Henri, 2005, p.5.

dia 08 de janeiro de 1896, assinado por Campello: “Quem pode prevêr o futuro? Sejam aqueles que se julguem felizes, porque possuem um pouco de dinheiro, a adversidade ensinál-os-ha a serem commedidos em seus esplendores”.

O sentido histórico, o historicismo, voltava à cena. Apesar de aparecer no final do século XIX, a palavra não é romântica, mas significa empatia pelo passado, conforme citou Baumer em obra já referida. Os românticos transformaram seus antepassados em heróis, passaram a apreciar “o espírito único de cada época” como salientou o mesmo autor. Os românticos tinham consciência de estarem num mundo em permanente mudança, transformação, onde o devir poderia estar ligado ao ser, ou “talvez fosse mais correto dizer que o ser estava agora identificado com o devir¹⁹.” E neste mundo em processo, o Romantismo impregnou a imagem do século XIX, mantendo-se em estado de latência nos tempos vindouros.

Foi graças ao Romantismo que, ao final do século XIX, artistas e intelectuais brasileiros começaram a se preocupar em mostrar em suas obras as características de uma nação recém-fundada, distinta de todas as outras nações. Aqui registra-se o anúncio, no Correio do Povo do dia 04 de setembro de 1896, da fundação do jornal diário *A República*, por representantes de diversos estados do Brasil: “e tendo por fim discutir com imparcialidade as questões occurrentes, tornando conhecida nesta capital a política dos Estados”. Tratava-se de destacar os sentimentos e valores nacionais que nos tornavam diferentes, possibilitando a construção da nossa identidade. Para isso, deveriam buscar nas tradições, religião, costumes, história e natureza, o material que permitisse expressar a nossa nacionalidade. Assim, no Brasil, o Romantismo adquiriu características especiais, defendendo os motivos e temas brasileiros, principalmente indígenas, expressos numa linguagem também nova, mais próxima da fala popular brasileira e mais distante da portuguesa.

Formadas e transformadas através de representações, produtoras de sentidos com os quais se pode identificar, as identidades nacionais não são inatas, mas constroem identidades ao produzirem sentidos sobre a nação. Passam, assim, a constituir uma imaginação a partir de narrativas a seu respeito, tais como contadas e recontadas nas histórias e nas literaturas nacionais; pela ênfase nas origens, na continuidade, na tradição e na atemporalidade; pela invenção da tradição - tradições que parecem ou alegam ser antigas são muitas vezes de origem bastante recente e algumas vezes inventadas - através de mitos fundacionais - , que localizam a origem da nação e do povo, e na busca da idéia de um povo puro e original.

¹⁹ BAUMER, Franklin Le Van, 1971, p.57.

Uma arte que expresse com imagens a particularidade social e nacional irá acontecer como projeto político no século XIX. Com a hora emergencial das nações surge a representação dos anseios de liberdade política e social que tornavam os parâmetros estéticos do barroco ultrapassados. No Brasil Oitocentista, a complexidade da vida civil desponta com a fabulação da natureza romântica que se ergue como modelo da identidade nacional, através da linguagem acadêmica. Origem e liberdade, mitologia e símbolo de raízes culturais, projetam no tempo passado o marco da moderna utopia da origem, propondo com as imagens do índio, uma essência mítica para a história emergencial, através de uma ótica sentimental. Assim, alguns artistas projetaram a nomeação das pluralidades políticas.

No Rio Grande do Sul, o espírito romântico, que em algumas regiões brasileiras já declinava, ainda fornecia estímulo e modelo, promovendo as tradições pátrias, exaltando a figura do gaúcho. Este, sublimava nas artes seu sentimento de identificação com a cultura local, privilegiando os feitos heróicos e revolucionários. Também era corrente a exploração dos costumes, hábitos e tradições, a preocupação com as boas maneiras e a defesa de princípios político-sociais, contra os quais bravejou Neco Borba à saída do Teatro São Pedro, após assistir a *Dama das Camélias*, incomodando-se com a reação da sociedade ao pranto de Chiquita, que, na desgraça da personagem, a sua mesma percebera:

Vinha-lhe agora um asco invencível do mundo e da vida, e uma grande vontade de soltar à cara cínica da moral a bofetada do desprezo, e cuspir na face da sociedade intrujona e torpe todo o seu ódio, mais do o seu ódio, todo o seu nojo.

Acudiam-lhe ao cérebro, atropeladamente, em aluvião, idéias violentas de vingança, implacável, e um desejo intenso, irresistível, indomável, de lutar heroicamente contra as leis sociais e contra os melindrosos preceitos mundanos.

(...)

Pouco lhe importaria que viessem os homens, o universo inteiro atirar-lhe desprezivelmente a pá de cal da comisseração e da lástima. Mais, muito mais, lhe havia de custar a suportar, como até aí, o pesado fardo da obediência vil e covarde às coisas do mundo²⁰.

Em trecho da narrativa de *Estrychnina*, encontram-se, também, referências à Revolução Federalista, objetivando os autores localizar o passado da personagem Chiquita, no interior do Estado:

Por essa época, brigava-se nos campos, encarniçadamente: a guerra civil andava na odiosa faina de devastar o Rio Grande. Na Campanha, a lança secava ao sol o sangue em que se embestia; na cidade, a temeridade dos linguarudos inventava a *rodela*. Patriotas e voluntários, como cogumelos, brotavam de toda a parte, prontos

²⁰ TOTTA, Mário; AZURENHA, José Paulino de; LOBO, José Carlos de Souza, 1998, p. 24-25.

e decididos à carnificina, todos dando vivas à República, os olhos postos nas próprias conveniências²¹.

Vivia-se entre dois mundos: um, o passado distante, destruído, que se quer esquecer; outro, o futuro de que pouco se sabia, mas que se projetava e vagamente se adivinhava.

A História da Modernidade é também a história dos seus enigmas e das suas antinomias. São enigmas e antinomias com os quais se defronta o indivíduo, como sujeito do conhecimento e sujeito de emancipação. São desafios inseridos muitas vezes no âmago da própria razão, que se busca, realiza ou desvanece à procura do esclarecimento, mesmo porque a razão e as suas formas de esclarecimentos estão em geral atravessadas pelas configurações e movimentos da história. A modernidade está desafiada principalmente por um enigma: as figuras e as figurações do indivíduo. Situado está no centro de vários dos principais dilemas da modernidade e pode ser visto como ser social singular e coletivo, compreendendo grupos sociais e classes sociais, etnias e gêneros, economia e política, religião e língua, cultura e civilização.

A modernidade constrói um indivíduo ordenado pela História e, ao mesmo tempo, inconscientemente iniciado na existência responsável pela circunstância mesma da sua historicidade. Neste homem, racional, prisioneiro da linearidade e, por isso, da história, ainda permanece vivo o fantástico, o sobrenatural, o mítico, o mágico. São, portanto, os personagens que modificam totalmente sua atitude em relação ao que lhes acontece.

Sob muitos aspectos, o indivíduo é a figura principal das realizações e fantasias da modernidade, mas também tem sido a figura principal dos ceticismos e niilismos da atual conjuntura. Em larga medida, o indivíduo moderno tem sido idealizado, visto como um valor em abstrato e também narrado como um mito; mas ainda é pouco real, realidade, ser social emancipado, capaz de relacionar-se de forma transparente com os produtos materiais e espirituais da sua atividade. Está emaranhado em determinações por meio das quais as diversidades transformam-se em desigualdades, as hierarquias em alienações, os traços fenotípicos em estigmas.

A cidade, espaço que convida à ação, se impõe, com suas possibilidades e desdobramentos possíveis, na figura do indivíduo que a vive. A transformação do espaço público, na Porto Alegre do XIX, é lenta, desejosa mas não desviante das tendências modernas apresentadas como modelo pelas capitais do centro do país. O modo de vida típico dos deslocamentos, ora angustiantes, ora eufóricos, construtores da felicidade futura, tão

²¹ TOTTA, Mário; AZURENHA, José Paulino de; LOBO, José Carlos de Souza, 1998, p. 47.

característicos do homem moderno, compõem o cenário vivido por quem escreve, relata, discorre o centro da ação – o indivíduo.

A literatura, em seus discursos, não representa uma mera imitação do mundo. Ela se ocupa dele, tornando-se juiz e parte, espectadora e espetáculo das imagens moventes, transitórias, tão representativas de uma cidade/homem moderno. O indivíduo que a lê busca o efêmero, que já está enraizado em seu âmago e expresso em suas ações, ou como assinalava Baudelaire, em *As Flores do Mal*, tende a preferir prazeres dos sentidos e afeiçoar-se ao que denominava *spleen*, certa melancolia que se interpõe, produzindo anulação do interesse e receptividade. Bergson, em sua filosofia, estabeleceu tentativa de detalhamento acerca de tais aspectos apontados por Baudelaire, a respeito das imagens imediatistas e refratárias formadas no leitor a partir de tal experiência. O autor, ao enquadrar a experiência imediatista do espectador sob análise daquilo a que denominou *duração* – um tempo mais ligado à qualidade e aproveitamento decorrentes de um estado psíquico do que mensurável quantitativamente – salienta que, aos olhos do leitor, estaria, então, somente o escritor numa condição de desprendimento que lhe possibilitasse tal relato das transformações. Na aventura de uma colocação “à prova a teoria da experiência de Bergson”, Proust escreve *Em Busca do Tempo Perdido*, obra em prosa em que tenta reproduzir artificialmente, sob contexto em que se encontrava, a experiência tal como imaginada por Bergson, considerando sua sempre mais impossibilidade de realização natural²².

Seligmann-Silva, analisando Baudelaire e Benjamin, neste processo do *tempo do choque*, como denomina o tempo presente, salienta que “na modernidade o que antes era a exceção- o choque- se torna agora regra. (...) O mundo moderno seria o mundo dos choques e seus habitantes estariam totalmente mobilizados para apará-los e, desse modo, impedir o esfacelamento do Eu²³.”

Ao que se pode acrescentar trecho de Schopenhauer, destacado por Baumer: “o eterno devir, fluxo sem fim, caracteriza a revelação da natureza íntima da vontade. (...) é o desejo de viver, que, cada vez mais amargurado pelos constantes sofrimentos da existência, procura aliviar o seu próprio tormento, causando tormento aos outros²⁴.”

²² BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas III – Charles Baudelaire Um Lírico no Auge do Capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 2000, p.103-105.

²³ SELIGMANN-SILVA, Márcio (org). *História, Memória, Literatura – O Testemunho na Era das Catástrofes*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003, p.399.

²⁴ BAUMER, Franklin Le Van, 1971, p.42.

Esse mesmo indivíduo, no entanto, sempre aparece como figura e figuração no teatro, romance, poesia, pintura, escultura, ópera e cinema, muitas vezes revelando-se mito, ou suscitando mitologia, ocupando o centro das inquietações de filósofos, cientistas e artistas.

Conforme salienta Ricoeur, “(...) a literatura seria incompreensível para sempre se não viesse a configurar o que, na ação humana, já figura²⁵.” Ela não se constitui um mundo a parte, e sim representação deste:

(...) os textos literários contêm alegações relativas ao verdadeiro e ao falso, à mentira e ao segredo, as quais reconduzem inelutavelmente à dialética entre o ser e a aparência. (...) a leitura coloca, de novo, o problema da fusão de novos horizontes, o do texto e o do leitor, e pois a intersecção do mundo do texto com o mundo do leitor²⁶.

O ato de ler, para o homem moderno, permite um acompanhar da trama de forma a jogar com as imposições das narrativas, projetando-as para além de seu sentido, um horizonte que, à semelhança daquele que o leitor também possui em relação ao acolhimento da obra, pode, mesmo que limitado, estar aberto a um horizonte de mundo. Ressalta, por fim, Ricoeur, que: “O texto só se torna obra na interação entre texto e receptor²⁷.”

Isso verificar-se-ia como quando da afirmação da novela diante da população porto-alegrense, noticiada no *Correio do Povo* de 29 de junho de 1897, através de um anúncio assinado pela Editora Livraria Americana, que a publicou: “Em tres dias apenas venderam-se seiscentos exemplares da **Estrychnina**, que era esperada com grande anciedade, sendo recebida com agrado pelo publico e pela critica²⁸”.

Tal fenômeno já se pronunciara na coluna *Malacacheta* do dia 05 de setembro de 1896, um dia após do ato de suicídio de Neco e Chiquita, fato verídico que inspirou a novela:

Tão certo como o successo da Estrychnina, um romance da actualidade, que já começou a envenenar a curiosidade publica, fazendo com que muita gente puzesse a lingua de fôra e arregalasse os olhos, embasbacada. E com razão, porque a obra vale bem uma carêta de admiração, tal é a rêde de seu enrêdo, que se enrêda om redor de um factu conhecido de todos²⁹.

²⁵ RICOUER, Paul, 1994, p.101.

²⁶ Idem, p.121.

²⁷ Ibidem, p.118.

²⁸ *Correio do Povo*, 29 de junho de 1897. Respeitadas grafia e grifo.

²⁹ Tal como fonte citada, respeitadas possíveis convenções gramaticais da época e/ou erros de impressão.

A linguagem, representada aqui pela palavra, a qual, no dizer de Bachelard³⁰, ao buscar sempre seu par, o animus à procura de anima, é múltipla, simbolizadora. Apresenta, para efeito de organização das informações, através da ligação da racionalidade, do conceito e da imagem, a visão idealista, uma possibilidade de conhecimento no amalgamento de opostos. Considerando-se tal dualidade tipicamente moderna, encontram-se, nas palavras, através de uma leitura de seus signos, os contrários, que aparecem como discussão e possibilidade de conhecimento através dos fenômenos espirituais.

Conforme o autor acima assinala, “as palavras são imagens carregadas de significados que se torna difícil, devido à solidez em sua realidade, divagar a respeito de seu nome³¹.” Em diferentes linguagens, estão presentes em narrativas artísticas, científicas e filosóficas. E são símbolos, imagens de uma antinomia essencial da modernidade: ascetismo e hedonismo.

Quando aos olhos de um novo observador ou contador, na singularidade do relato e do contorno de seus traços, as mesmas imagens possibilitarão um vislumbrar de diferentes formas e o preenchimento de espaços fragmentados em como que lapsos. É essa a hora da memória: a da infatigável movência.

Vista como um sistema dinâmico e aberto, a memória, para Henri Bergson³², é a síntese do passado e do presente com vistas para o futuro³³, “prolongamento do passado no presente, isto é, enfim, duração atuante e irreversível³⁴. E o próprio movimento, voltado para ação, onde a sobrevivência de imagens passadas é garantida a partir da utilidade dessas. Através da percepção³⁵, ou seja, do contato do espírito com o objeto presente, as imagens passadas se completam e são interpretadas: prolongando-se em movimento, a percepção torna-se memória, não como “uma faculdade de classificar recordações em uma gaveta ou de inscrevê-las em um registro”, e sim como “estado de alma avançando pela estrada do tempo”, inflando-se “continuamente com a duração³⁶.”

³⁰ BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2000. Ver, ainda, do autor: *A Poética do Devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

³¹ BACHELARD, Gaston. *A Poética do Devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p.29.

³² BERGSON, Henri. *Matéria e Memória*. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

³³ Para o autor, a memória é um devir ininterrupto e flexível. Em Bachelard, “gineceu das lembranças”, diferindo-se da imaginação, por que esta, “ininterruptamente reanima a memória”, ilustra-a, não sendo ela. “A memória sonha, o devaneio lembra.” In *A Poética do Devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p.19-20.

³⁴ BERGSON, Henri. *A Evolução Criadora*. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p.18.

³⁵ É a imagem do todo e se reduz àquilo que interessa ao observador, e vem recheada de afecção.

³⁶ BERGSON, Henri, 2005, p.2.

O imaginário³⁷ é povoado de lembranças, imagens³⁸ que se aglutinam no oceano que é nossa memória. Nela, o sonho, e o devaneio transitam e navegam, tecendo uma trama, uma rede de sinais repletos de sensações. Em pleno movimento, estas imagens ora se unem, ora se desprendem, ficando à deriva e buscando, talvez, algum ancoradouro. Estão em plena movência e andam fora do compasso de um tempo rigidamente estabelecido.

A memória, as imagens, o tempo e o movimento, pretendem como que um deslocar de nossas acomodações, ou um vislumbrar de novas possibilidades. Memória que se confunde em conceitos e se torna objeto da História. Memória das imagens-ação, imagens-afecção, imagens-percepção – e muitas outras -, colocadas num tempo em que diferentes níveis de duração³⁹ coexistem.

Opondo-se às normas historiográficas, preocupadas com a natureza da representação realista, cuja imposição de uma visão de ciência fechada contrapõem, literatura, ficção e história buscam o espaço de manifestação, permitindo, por exemplo, que no romance contemporâneo, os discursos historiográfico e antropológico sejam, por sua imitação, enfrentados, discutidos e corrigidos em suas oposições, criando uma imagem da história diferentemente da apresentada pelo positivismo histórico e fortemente influenciada pela visão de Bergson, em que pese a possibilidade de participação atuante da imaginação, em coexistência com um racionalismo/objetivismo, temperando a História.

As imagens, na memória, se deslocam e seguem um fio contínuo, onde, auxiliadas pela consciência, se alinham. É a consciência, conforme aduz Bergson, que faz a associação de idéias, presidindo a ação e iluminando uma escolha, pela movência de tais imagens passadas e das que nos são apresentadas pelo presente, em movimentos contínuos e infatigáveis.

Lembrando que, se para o referido autor, a matéria constitui um conjunto de imagens vistas antes que o idealismo e o realismo as perceba isoladamente, a consciência atuaria então

³⁷ Compreendido aqui como na percepção de Gilbert Durand: “conjunto das imagens e relações de imagens que constitui o capital pensado do *homo sapiens* - aparece-nos como o grande denominador fundamental onde se vêm encontrar todas as criações do pensamento humano. O imaginário é esta encruzilhada antropológica que permite esclarecer um aspecto de uma determinada ciência humana por um outro aspecto de uma outra.” In *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p.18. Não meramente uma abstração, pois guiada por “regras estruturais da hermenêutica”. Sobre o assunto, ver também, e do mesmo autor, *A Imaginação Simbólica*. Lisboa: Edições 70, 1993. E, ainda, na visão de Gaston Bachelard: “a louca da casa”, expressão recorrente na obra *A Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

³⁸ Um ato dinâmico, que visa uma representação, uma idéia, independente da presença do objeto referido. Para Bachelard, em *A Poética do Espaço*, a imagem “estabelece-se numa cooperação entre o real e o irreal, pela participação da função do real e da função do irreal.” Sobre o tema, sua conceituação e análise crítica, ver também SARTRE, Jean Paul. *A Imaginação*. São Paulo: DIFEL, 1985.

³⁹ Como na visão bergsoniana, entendida a partir de estados de consciência, que desconsiderem estabelecimento e fixidez entre estado presente e os anteriores.

em sua organização, associando idéias e formando a imagem última, uma vez que toda imagem-lembrança fica retida na memória. Apesar de ordenador, tal ato não se constitui a ação mais importante constitutiva da memória: “Seja qual for a idéia que se faça da consciência em si, tal como apareceria se fosse exercida sem entraves, não se poderia contestar que, num ser que realiza funções corporais, a consciência tem sobretudo o papel de presidir a ação e iluminar uma escolha⁴⁰.”

Neste conjunto de imagens, a associação se dá a partir da atenção, que por ter a função de tornar a “percepção mais intensa, destacando seus detalhes⁴¹”, faz fixar nos intervalos que separam os “estados de alma” em uma transição contínua:

(...) não é mais que o ponto mais iluminado de uma zona movente que compreende tudo o que sentimos, pensamos, queremos, tudo aquilo, que enfim, que somos em dado momento. É essa zona inteira, na verdade, que constitui nosso estado. Ora, de estados assim definidos pode-se dizer que não são elementos distintos. Continuam-se uns aos outros num escoamento sem fim⁴².

E Baudelaire complementa: “O passado, conservando o sabor do fantasma, recuperará a luz e o movimento da vida, e se tornará presente⁴³.”

Os protagonistas Neco e Chiquita, no anseio de “se conhecer no íntimo”, buscaram “o seu passado, quase sempre a melhor parte” de suas vidas, na fala dos autores da novela, uma vez que nele apresentava-se o desafio de tornarem-se aquilo que desejavam ser. E em meio ao conjunto de imagens que transparecia, Neco “levou-a como em um confessionário, a entrar em detalhes”.

O relato a seguir assinala as lembranças da protagonista, movida pela ordenação de seu amante, que, ao conduzi-la, selecionava fatos, os quais, ao serem por ela narrados, apresentavam-se envoltos por afecções:

Degrau a degrau, fê-la ir descendo, até onde a reminiscência ajudou-a, quase toda a escada dos seus dezenove anos, e a moça achou-se inesperadamente na quadra grácil e ridente da infância descuidosa e traquinas(...)

E ela recordava-se perfeitamente, com toda a minudência de relevos, da quadra de sua meninice(...)

Lembrava-se de tudo, e sem grande dificuldade descrevia a casinha em que nascera e se criara e se fizera mulher⁴⁴.

⁴⁰ BERGSON, Henri, 1999, p.165.

⁴¹ Idem, p.112-113

⁴² BERGSON, Henri, 2005, p.3.

⁴³ COELHO, Teixeira, selecionador. *A Modernidade de Baudelaire – Textos Inéditos Selecionados* -, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p.161.

⁴⁴ TOTTA, Mário; AZURENHA, José Paulino de; LOBO, José Carlos de Souza, 1998, p.38-39.

A imagem descrita, do passado de Chiquita, extraiu “todo o seu ser da imaginação”, doador de ser, do “ser-aí”, *dasein* - termo utilizado por Heidegger para designar fato, para o homem, de ser o “aí” do Ser, isto é, uma abertura e uma presença a este Ser⁴⁵ -, buscando “o desvelamento do ser em si mesmo”. Naquilo que foi desvendado, o vendado, velado, se anuncia. “A imagem, obra pura da imaginação absoluta, é um fenômeno do ser, um dos fenômenos específicos do ser falante”, como refere Gaston Bachelard, em *A Poética do Espaço*, revelando, refletindo um “estado de alma”, na expressão de Bergson.

A ressonância das imagens vividas, relatadas e recheadas de afecção repercutiam as profundezas do ser, pois é depois da repercussão que podemos experimentar ressonâncias, repercussões sentimentais, recordações de nosso passado⁴⁶.

A consciência, área de ação e luz imanente, atua na escolha, na seleção das imagens que compõem a matéria, “ela não é fundante (constituidora), nem definidora da relação consciência e mundo, pois a consciência representativa é constituída, desde o sensível, pela consciência perceptiva, como assinala Paviani, ao analisar Merleau-Ponty⁴⁷”.

Já Bachelard parece não concordar com esta visão-limite da consciência apresentada por Bergson, ao afirmar que: “toda tomada de consciência é um crescimento de consciência, um aumento de luz, (...). Sua rapidez ou instantaneidade podem nos mascarar o crescimento, mas há crescimento de ser em toda tomada de consciência. (...) A consciência, por si só, é um ato, o ato humano. É um ato vivo, um ato pleno⁴⁸.” É neste ato que Bachelard vê a plenitude da ação humana, local onde o devaneio se encontra com as imagens-lembranças, permitindo expansão. O autor da *Poética do Devaneio* parece, porém, concordar com o fato de ser o sonho o guardador da imensidão das lembranças do passado, pois ambos nele reconhecem a transitoriedade das imagens permeando todas as idades do homem.

A Literatura, em sua ressonância, visão do imaginário, ficcional, apresenta-nos imagens do devaneio que repercutem na História. “As ressonâncias dispersam-se nos diferentes planos da nossa vida no mundo, a repercussão convida-nos a um aprofundamento da nossa própria existência”, destaca Bachelard em sua obra *A Poética do Espaço*, sem jamais sair de seus limites. Considere-se o mundo visto aqui a partir da idéia heideggeriana, como o conjunto de condições geográficas, históricas, sociais e econômicas em que cada pessoa se

⁴⁵ HUSS, Jacqueline. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Scipione, 1994, p.59.

⁴⁶ BACHELARD, 2000, p.7.

⁴⁷ PAVIANI, Jayme. *Formas do Dizer: Questões de Método, Conhecimento e Linguagem*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998, p.29.

⁴⁸ BACHELARD, Gaston, 2001, p.5.

encontra imersa, e não como universo físico dos astrônomos. É uma projeção do mundo, no mundo e com o mundo.

Ao propor uma visão do imaginário como sistema dinâmico, Gilbert Durand⁴⁹ comunga das idéias apresentadas por Bergson e Bachelard. Salienta, todavia, a falta da imagem no imaginário de Bergson - o qual, segundo Durand, apresenta-se como uma imaginação tímida à beira do pensamento abstrato – bem como critica a associação entre sonho e duração⁵⁰ por ele proposta, referindo ser a imagem, quando presente no onírico, vista por ela mesma, e não como uma preocupação de sentido do tempo ou no sentido de tempo dissolvido. Para o autor, a memória é, sim, poder de estruturação de um todo, que é desencadeado a partir de um sinal, imagem vivida. É o ato reflexo que anuncia o espírito, ergue-se contra as faces do tempo e busca nas imagens, já sem vida, *a esperança essencial*. Segundo ele, é contra o nada do tempo que revive a representação, a função fantástica, a fabulação, negada por Bergson.

Em Durand, o idealismo, e o imaginário tornam-se o centro da ação e a gênese da criação: “A memória pertence de fato ao domínio do fantástico, dado que organiza esteticamente a recordação. (...) a memória tem de fato o caráter fundamental do imaginário, que é ser eufemismo; ela é também, por isso mesmo, antidestino, e ergue-se contra o tempo⁵¹.” Durand vê o mito como um arranjo de símbolos e arquétipos que se apresenta através de mitemas, que podem ser um motivo, um tema, um objeto, um cenário mítico, um emblema, ou uma situação dramática. Uma linguagem mítica é sempre uma linguagem literária. Para análise dos mitemas, utiliza a mitocrítica, que é um método de crítica de texto literário, de estilo de um conjunto textual de uma época ou de um determinado autor: “As coisas só existem pela figura que o pensamento objetivamente lhes dá, são eminentemente ‘símbolos’ dado que só se agüentam na coerência da percepção, da concepção, do juízo ou do raciocínio, pelo sentido que os impregna⁵².” O pensar, sinônimo de espaço e abertura, representação mental, jogo de luz e sombra, na visão apresentada por Heidegger apresenta-se, nesse sentido, como uma condição de possibilidade.

Não há, então, ruptura entre o racional e o imaginário, não sendo o racionalismo, “mais do que uma estrutura polarizante particular do campo das imagens”. A imaginação deixa de ser relegada à condição de déficit, uma “pré-história do pensamento saudável”.

⁴⁹ Ver DURAND, Gilbert. *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

⁵⁰ No sentido bergsoniano: característica ou qualidade de nossos estados psíquicos, fundindo-se uns nos outros, sem se justaporem. (RUSS, 1994, p.75)

⁵¹ DURAND, Gilbert, 2002, p.402.

⁵² DURAND, Gilbert. *A Imaginação Simbólica*. Lisboa: Edições 70, s/d, p.54-55.

Também não é simplesmente o “reequilibrar da objetificação científica através da poética” como surge em Bachelard. Mas ela se revela como o “fator geral de equilíbrio psicossocial⁵³”, dinamismo equilibrante, que é o imaginário para Durand, apresenta-se como tensão de duas “forças de coesão”, de dois regimes: diurno e noturno⁵⁴, cada um relacionando as imagens em dois universos antagonistas. As “polaridades divergentes”, as imagens antagônicas guardam a sua individualidade própria, a sua potencialidade antagônica e só se ligam *no tempo*, no fio da narrativa, *muito mais num sistema do que numa síntese*. As imagens, qualquer que seja o regime a que pertencem, em contacto com a duração pragmática e com os acontecimentos, organizam-se no tempo, ou melhor, organizam os instantes psíquicos numa história.

As descrições e explicações podem caminhar do dado ao significado, dos nexos aos movimentos, das continuidades às discontinuidades, da biografia à história, ou da aparência à essência, compreendendo parte e todo, presente e passado, singular e universal. No desenrolar de seus discursos, mesmo quando pretensiosamente descritivos acerca de um ocorrido, deixam-se permear por representações subjetivas.

A novela *Estrychnina*, enquanto representação denotadora do movimento da cidade de Porto Alegre, no final do século XIX, constitui-se, como refere Michelin, “pensamento, o de certa modernidade implícita” (não evidente, mas apontada), (...) dá-se por uma taxonomia do moderno em idéias afirmadas e repetidas⁵⁵, como progresso, crescimento, construção, iluminação, transporte, lazer e informação. Enquanto obra literária, uma imagem de seu tempo recheada de aspectos subjetivos, possibilita afloramento de uma variedade de sensações.

Acontece que o mundo está povoado do visível e do invisível, possível e impossível, real e virtual, consciente e inconsciente, racional e irracional, sagrado e profano, cômico e trágico, dramático e épico; e tudo isso sempre povoado de mediações, fusões, polarizações, desdobramentos e ressonâncias. Nesse sentido é que a loucura pode ser vista como um momento extremo, excepcional, de lucidez, clarividência, iluminismo.

A modernidade, como todos os fenômenos possíveis, leva consigo alguns lemas fundamentais: razão e esclarecimento; ordem e progresso; evolução e racionalização; reforma e revolução; democracia e cidadania, ou razão e emancipação. Também algo de eterno e

⁵³ DURAND, Gilbert. *A Imaginação Simbólica*. Lisboa: Edições 70, s/d, p.75-76.

⁵⁴ O regime diurno é o da antítese. O regime noturno é o da antífrase e está constantemente sob o signo da conversão e do eufemismo, invertendo radicalmente o sentido afetivo das imagens.

⁵⁵ MICHELON, Francisca, 2000, p.12.

transitório; absoluto e particular; realidade e aparência; sujeito e objeto; consciência e natureza e muitos outros de igual importância e derivados.

A emancipação pretendida pela modernidade consistiria numa organização do cotidiano social de modo racional, permitindo não apenas o controle das forças naturais, mas também a compreensão do mundo e do indivíduo, e, por conseqüência, o progresso moral, a justiça institucional e a felicidade humana. A ânsia pelo futuro, pelos momentos porvindouros, nada mais era que uma antecipação do passado que não tinha, na maioria das vezes, a ressonância desejada. Baudelaire, poeta francês do século XIX, registra sua percepção a partir das transformações que observa em Paris, no ano de 1855, que aqui servirá como demonstração de desencanto frente a um projeto de modernidade:

(...) o progresso só lhes aparece sob a forma de uma série indefinida. (...) Deixo de lado a questão de saber se, tornando mais complexa a humanidade na proporção dos novos prazeres que lhe traz, o progresso indefinido não seria sua mais engenhosa e cruel tortura; se, procedendo por uma obstinada negação de si mesmo, ele não seria um modo de suicídio sempre renovado, e se, enclausurado no círculo de fogo da lógica divina, ele não se assemelharia ao escorpião que se pica a si mesmo com sua temível cauda, este eterno *desideratum* que gera seu eterno desespero.

Transportada para a ordem da imaginação, a idéia de progresso (houve audaciosos e fanáticos em lógica quer tentaram fazê-lo) se estabelece um absurdo gigantesco, como um grotesco que beira o terrível⁵⁶.

O desencantamento do mundo é um processo que atravessa os tempos modernos. Não se realiza plenamente, e a modernidade desenvolve-se, reitera-se, diversifica-se e continua. Não termina nunca, envolvendo a filosofia, as ciências e as artes, tanto quanto os modos de ser, pensar, sentir, agir, imaginar e fabular. Traduz-se em formas de sociabilidade, modos de organizar o trabalho e a produção, relações, processos e estruturas de dominação e apropriação, superstições e religiões no que se refere aos diferentes setores do espaço público. Simboliza-se no predomínio da reflexão, envolvendo a compreensão e a explicação, sob o signo da razão. Um processo intrincado, atravessado por impasses e perspectivas, em geral surpreendentes, aterradores ou fascinantes.

A melancolia, o *spleen* baudelaireano, “- Sem música ou tambor, desfila lentamente/ Em minha alma uma esguia e fúnebre carreta; / Chora a Esperança, e a Angústia, atroz e prepotente, / Enterra-me no crânio uma bandeira preta⁵⁷” ressonância do eco carregado de desencanto do mundo, enquadrado pela modernidade, desencadeadora de choques, conduz o

⁵⁶ TEIXEIRA.1988, p.37.

⁵⁷ BAUDELAIRE, Charles. *Spleen*, in *As Flores do Mal*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

indivíduo a uma imagem do volante-volátil que impede a “construção da autêntica experiência”– que nas palavras de Benjamin, citado por Seligmann-Silva em obra já referida-, ocasionando a memorização de certas imagens do passado individual conjuradas com as pertencentes ao passado coletivo⁵⁸. Assim, “o 'passado' é *lido* como uma escritura que não se deixa perceber em um determinado 'agora'⁵⁹, que Baudelaire tão bem poeticamente traduz: “Três mil seiscentas vezes por hora, o Segundo / Te murmura, Recorda! – E logo, sem demora, / Com voz de inseto, o Agora diz: Eu sou o Outrora, / E te suguei a vida com meu bulbo imundo⁶⁰”.

E enfatiza, como se lançasse um prognóstico, um porvir, talvez aos moldes do projeto moderno, porém não com a ilusão da certeza de encontrar a realização plena prometida. Lança a perspectiva de um futuro, nada promissor, então apregoa que “Virá a hora em que o Acaso, onde quer que te aguarde, / Em que a augusta Virtude, esposa ainda intocada, / E até mesmo o Remorso (oh, a última pousada!) / Te dirão: Vais morrer, velho medroso! É tarde⁶¹!”

Parece que os protagonistas da obra *Estrychnina* se apercebem, ainda que de uma forma nebulosa, sem nitidez, do espectro do Acaso, da Virtude e do Remorso, espreitando-os sedentos, ávidos de suas almas.

E assim, ao voltar seu pensamento para Chiquita, Neco Borba demonstra seu desencanto frente ao destino da amante: “Toda a sua tristeza provinha de ver transformado aquele pretérito sereno, tranqüilo, imaculado e feliz, num presente tão triste e tão lutulento, tão agitado e tão miserável⁶².” Ela, por sua vez, também manifestava seu pesar diante do mesmo:

Todo o seu passado, doce e consoladora visão de um sonho de criança, apareceu na sua nitidez imaculada, à evocação daquelas quatro paredes do seu primeiro asilo, que alvejavam ao longe, emergindo brancas das cinzas da noite ou rebrilhando secamente às esplendências do sol.

Ovelha desgarrada do aprisco, lá andava ela perdida no labirinto do seu viver, separada do mundo pelo cordão sanitário das conveniências, só, isolada, desprotegida, sem esperanças e sem destino, inteiramente entregue às incertezas do amanhã⁶³.

O tempo, na visão moderna, é o de Galileu e de Newton, é o senhor da linearidade, da cronologia, do mensurável, modelo de serialidade e simetria. A partir dessa visão, a História

⁵⁸ BENJAMIN, Walter, 2000, p.107.

⁵⁹ SELIGMANN-SILVA, Márcio, 2003, p.398.

⁶⁰ BAUDELAIRE, Charles, 1985, p.313.

⁶¹ Idem, p.313.

⁶² TOTTA, Mário; AZURENHA, José Paulino de; LOBO, José Carlos de Souza, 1998, p. 44.

⁶³ Idem, p.46.

passa a ser ordenada em uma evolução progressiva, de um passado em direção ao futuro. O historiador se vê, então, como fruto deste passado, do qual busca apreensão absoluta, “(...) passa a percepção de que, ao se fazer história, podemos aprender um reflexo exato do passado. Essa interpretação mostra saliências rompendo a superfície e uma temporalidade demasiadamente simétrica⁶⁴.”

O contínuo, o sempre avante e o absoluto do tempo é diluído e relativamente perpassado pela velocidade/aceleração do século XIX. Abrem-se as possibilidades de um olhar para o passado distante da razão moderna, em que a existência de uma única verdade, irrefutável, absoluta, universal e eterna é superada. Em contínuo fluxo temporal, o homem, desencantado com o projeto da modernidade, onde as verdades/realidades são aparentes, “se temporaliza, e o seu acontecer histórico é temporalização⁶⁵.”

A filosofia, as ciências e as artes tanto podem ser vistas como formas de esclarecimento, como constituem formas de fabulação sobre o ser e o devir, o visível e o invisível, a aparência e a essência, o real e o imaginário, o passado e o presente, a nostalgia e a utopia, o dito e a desdita. São distintas narrativas, nas quais predominam figuras e figurações de linguagem, montagens e colagens, mixagens e bricolagens, simulacros e paródias, metáforas e alegorias, conceitos e interpretações, nos quais decantam-se o dado e a representação, o signo e o significado, a compreensão e a explicação, o esclarecimento e a fabulação.

É a tentativa de compreender a situação da sociedade moderna, sem que se a desconsidere nos seus mais diversos aspectos: cultural, religioso, político, artístico, evitando-se uma reflexão unívoca e fundamentalista, compondo uma impressão explicativa. O estudo da História deve ser, em certo sentido, um estudo da linguagem, cruzando fronteiras delimitadoras de um conhecimento imutável e estanque.

Como assinala Gauer:

O tempo dos historiadores não pode ser confundido com o tempo dos homens. Para os primeiros, ele se refere a uma construção, para os segundos ele é uma decorrência do vivido. É, no entanto, possível pensar o tempo em diferentes dimensões desde que se leve em consideração que o tempo não é uma infinidade de fatos, do mesmo modo como uma reta geométrica é uma infinidade de pontos (...)

Para a compreensão da história faz-se necessário ver a sociedade não mais vivida de dentro, mas de modo a sobrevoá-la, como se fosse um espetáculo⁶⁶.

⁶⁴ GAUER, Ruth M. Chittó (coord). *Tempo/História*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998, p.18.

⁶⁵ NOVAES, Adauto. *Tempo e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p.133.

⁶⁶ GAUER, 1998, p.19-26.

No dizer de Gilberto Freyre, “tentar surpreender e interpretar o que houve de mais íntimo no caráter de uma época⁶⁷”, através da leitura de seus símbolos, ritos, ritmos, regras de conduta; enfim, toda e qualquer forma de representação que cada cultura faça de seu tempo.

A tentativa de estar em sintonia com a fluidez da modernidade tenha talvez buscado, na solidez dos marcos, a classificação dos sujeitos em progressão ou moventes no próprio progresso, progresso este que pode não evoluir para um devir, mas quem sabe, para uma liquidez onde as fronteiras se fazem necessárias ao não esvaziamento dos referenciais, eis a mistificação e desmistificação da modernidade.

Assim, a História torna-se criação cada vez que buscamos a memorização destas imagens, sem perder de vista as inúmeras combinações que possam elas constituir, a partir dos mesmos elementos e signos, sob condições diversas. “As interfaces são infinitas na História assim como na percepção da Física⁶⁸.”

É aí que a História determinará os andamentos de uma sociedade em direção a outra, estabelecendo marcos, e, algumas vezes, símbolos próprios. A modernidade rompe, divide, mas o imaginário, visto como conjunto de imagens que compõem o comportamento de um sujeito de desejo, dilui e miscigena os símbolos que dela provêm.

Ao considerar a relatividade dos tempos, o historiador, na seleção das fontes/documentos de uma determinada época, temporaliza-as, transportando-as para o presente. Tal movimento é que irá situar o fato histórico num tempo determinado, já diferente daquele e também do tempo do historiador. A verdade, limitada pela velocidade dos fenômenos, dependerá, assim, do olhar do observador.

O conhecimento histórico não pode ser reduzido a um singular exame de fatos e acontecimentos, mas prescindir das significações a eles atribuída pela sociedade, constituindo “uma solidariedade de todas as formas de saber”, conforme salienta Paviani. Ao que acrescenta: “o real é um tecido sólido, ‘não espera nossos juízos para anexar os fenômenos mais surpreendentes nem para rejeitar nossas imaginações mais verdadeiras’. No ato de descrever, anula-se a distância entre o sujeito e o objeto⁶⁹.”

O historiador, conforme assinala White⁷⁰, seleciona, para seus relatos, elementos, imagens, advindos de acontecimentos já constituídos, muitas vezes encontrados como que em um caos. Ao organizá-los, o faz de modo particular, apresentando-os em um enredo. Deve-se

⁶⁷ SEVCENKO, Nicolau. *A Capital Irradiante: Técnica, Ritmos e Ritos do Rio*. In: *História da Vida Privada no Brasil*, v. 3., São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.522-523.

⁶⁸ CARRICONDE, Rogério L. *A Realidade e o Observador em Pesquisa Histórica ou Um Cego a Vagar nos Tempos quando Encontra Visionários*. In GAUER, 1998, p.138.

⁶⁹ PAVIANI, 1998, p.26-27, 35-36.

⁷⁰ WHITE, Hayden. *Meta-História, A Imaginação Histórica do Século XIX*. São Paulo: EDUSP, 1995, p.22-23.

apropriar de um recurso que possibilite uma compreensão aberta do real. É o narrador quem atribuirá sentido aos fatos e, tanto o historiador como o romancista, partirão de um ato criativo, ou seja, da *poiesis*. Há distanciamento no que se refere à necessidade de comprovação documental, mas a proximidade está na apresentação das imagens fugidias ou esquecidas do passado, já que ambas as formas de representação da reflexão histórica pinçam elementos constituidores de um cenário imagético, sendo, portanto, seletivas.

Não bebemos da água do rio Estige, o rio do esquecimento, da qual Orfeu se negou também a beber, e nem comemos o fruto da terra dos Lotófagos, que fazia as pessoas perderem a memória e a possibilidade de reflexologia das imagens passadas, como diria Bergson, nossa lembrança-pura. Simplesmente conservamos nossos pensamentos - também carregados de arquétipos - que são moventes de imagens, nunca as mesmas já vistas, existentes talvez em um tempo, fora do Tempo mantido por Cronos e personificado por Mnemósina, filha de Urano e Géia.

As imagens que vemos e/ou criamos não são reais. Fazem parte de uma estrutura utilitária em que a morte, o esquecimento, são meras alterações do imaginário. Pois, afinal: “Quanto ao mundo, quando tu saíres, o que ele será ? Em todo caso, nada dessas aparências atuais⁷¹. ”

Segundo Walter Mignolo⁷², literatura e história implicam normas e marcos discursivos que qualquer pessoa educada na tradição ocidental está em condições de compreender e diferenciar. As diferenças e as semelhanças articulam-se num terreno móvel.

A identificação, portanto, de interfaces e pontos de intersecção entre História e Literatura, apresenta-se como possibilitadora de um pensar histórico, de uma interpretação, de uma proposta de compreensão da realidade. A ultrapassagem da oposição convencional entre verdade e ficção faz-se necessária, pois os fatos históricos que até nós chegam, já não são os próprios fatos concretos, e, sim, representações. Dessa forma, o imaginário presente na História e na Literatura constitui-se campo aberto a impressões explicativas.

A construção de realidades possíveis depende do contexto histórico no qual está inserido o narrador dos acontecimentos passados, já que ele os selecionará a partir de seu momento histórico. São formas de linguagem que, mesmo seguindo caminhos distintos, estabelecem intercâmbio, compondo um mundo conhecido e passível, também, de outras

⁷¹ RIMBAUD, Arthur. *Iluminuras*. São Paulo: Iluminuras, 1994, p.87.

⁷² MIGNOLO, Walter. Lógica das Diferenças e Política das Semelhanças da Literatura que Parece História ou Antropologia, e Vice-Versa. in CHIAPPINI, Lígia e AGUIAR, Flávio Wolf de.(orgs.) *Literatura e História na América Latina*. São Paulo: EDUSP, 1993, p.115-135.

tantas interpretações. “Não se trata de um retorno às coisas propriamente ditas, como as primeiras interpretações supuseram, mas ‘ao conhecimento ele mesmo, em sua doação intuitiva⁷³’, isto é, ‘o retorno aos atos através dos quais se tem um conhecimento dos objetos⁷⁴’.”

Isto não significa que as diferenças e características próprias de cada campo de conhecimento desapareçam ou não sejam levadas em consideração, pois o conhecimento científico não se forma a partir do sujeito, mas de uma amálgama entre reflexão e irrefletido.

História e Literatura, como tantas outras áreas de conhecimento, são “formas do dizer”, pertencentes ao âmbito do discurso, tentativas de tradução do mundo vivido, sendo a percepção do real. A linguagem apresentada como expressão ou comunicação utiliza-se de um conjunto de signos que compreende uma transmissão visual que parte de uma certa convenção. São sinais relacionados a determinadas significações.

A solidariedade entre essas formas de saber possibilita um conhecimento, mesmo que se pressuponha sua finalização ou conclusão provisória, nos conduz à interpretação da manifestação do homem como ser no mundo. Constituem modalidades, testemunhos da experiência do homem, pois, mesmo que se tente descrever o que se vê, isto jamais se traduziria naquilo que se diz. Ainda que se torne necessário buscar imagens metafóricas a fim de que se esclareça ou elucide o que nos é apresentado, elas ainda não constituirão o que se projeta aos olhos do observador.

As obras de ficção, e, aqui, a obra *Estrychinina* - que apesar de se constituir narrativa de episódio ocorrido na Porto Alegre de 1896, não deixa de figurar uma representação -, pois o narrador, e no caso da obra em questão, os narradores, remetem a gama de experiências particulares ao fato descrito. É na experiência do homem no mundo, no tempo, que se possibilita e efetua o entrecruzamento entre História e Literatura.

A modernidade instaurou a fragmentação do conhecimento, as polarizações e desdobramentos, envolvendo todos os campos de pensamento; e o homem, em sua angústia, também fruto desta meta/morfose, deglute do veneno e de suas doses.

Assim desagregado da condição de homem arcaico – expressão utilizada por Edgar Morin e Mircea Eliade para designar o oposto ao homem histórico, linear -, e transformado, pela imposição de uma linearidade, em indivíduo histórico, concebe saídas, estratégias para

⁷³ Intuição aqui observada como uma forma de conhecimento superior e privilegiada onde o objeto está intimamente presente. Para Bergson, relação direta ou imediata com a realidade absoluta, ou seja, com a duração da consciência, ou com o impulso criativo da vida, conforme ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p.581-582

⁷⁴ PAVIANI, 1998, p.30.

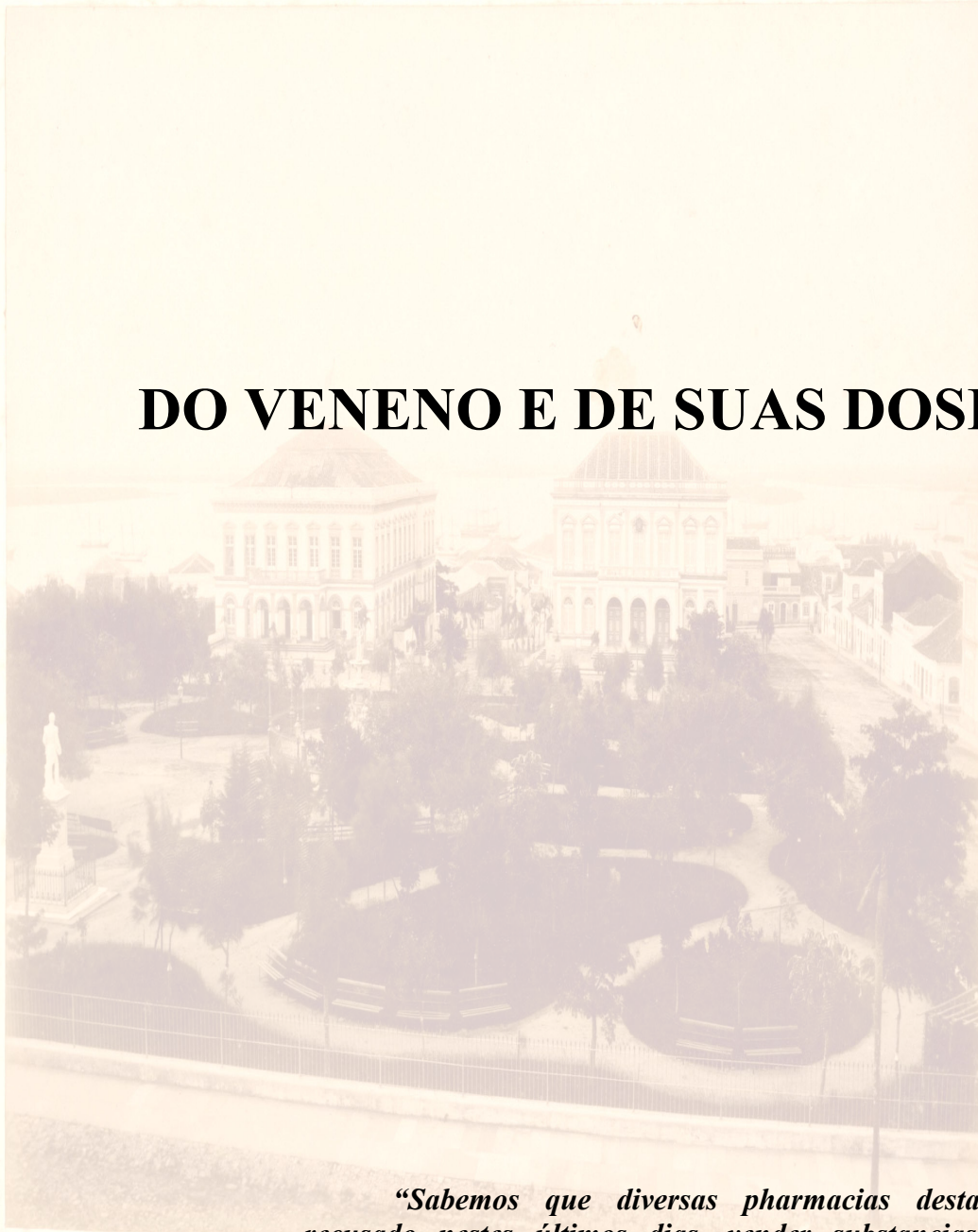
um possível enfrentamento e contraponto a um estar/ser moderno. Dentre estas, a que aponta a morte voluntária enquanto evocação de rompimento com o que estabelecido foi por tal projeto idealizador e em progressão, apresenta-se como libertação, afirmação e onipotência, encaminhamento, pelo homem, de seu duplo⁷⁵, representando o paroxismo da decadência da modernidade.

⁷⁵ Visto aqui não como uma cópia idêntica do homem, e sim dissociada, “não vive ao fio do tempo”, conforme assinala Morin in *O Homem e a Morte*. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p.100. É um reflexo-sombra do ser, é um vir-a-ser. Bachelard assinala, em *A Poética do Devaneio*, p.87, que “O ser humano, considerado tanto em sua realidade profunda como em sua forte tensão de vir-a-ser, é um ente dividido, um ente que se divide novamente mal se entrega por um instante a uma ilusão de unidade. Ele se divide e depois se reúne.”

CAPÍTULO III

PORTO ALEGRE

DO VENENO E DE SUAS DOSES



“Sabemos que diversas pharmacias desta capital têm recusado nestes últimos dias, vender substancias venenosas a pessoas não conhecidas.

Motiva essa precaução a frequencia com que estão se reproduzindo os casos de envenenamento.”

PRAÇA PEDRO II.

De um veneno, pode-se dizer que seja aquilo que corrompe moralmente, má intenção; ou, também, e mais especificamente, o que define e caracteriza as substâncias capazes de alterar ou destruir as funções vitais; peçonha, tóxico, conforme encontrado em Dicionário de Língua Portuguesa, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. Ainda segundo Código Penal em vigor para o período que compreende a ocorrência do suicídio de Neco e Chiquita e o lançamento da obra *Estrychnina*, no capítulo denominado *Do Homicídio*, Art. 296, parágrafo único, pode-se ler, tal qual fonte: “veneno é toda substancia mineral ou orgânica que ingerida no organismo ou applicada ao seu exterior, sendo absorvida, determine a morte, ponha em perigo a vida, ou altere profundamente a saúde¹.”

Causador de mal-estar, desconforto, aniquilamento e desacomodação, o veneno, diluído, ingerido, torna-se instrumento de controle e ameaça a um *continuum* pré-estabelecido. Suas doses, enquanto fragmentos, em sua dispersão ou diluição, garantem-lhe, por vezes, contenção, reação àquilo que, exteriormente, imponha dominação.

A dialética apresentada pela imposição de dominação exterior e pulsão interior, “do sim e do não que tudo decide”, faz com que nos ceguemos “tão logo a introduzamos em âmbitos metafóricos”. Faz com que, sem que se perceba, uma base de imagens que comandem “todos os pensamentos do positivo e do negativo” nos permita passar a pensar o ser e o não-ser².

A estriçnina, *Stychnos nux-vomica*, droga que apresenta acentuada estimulação do sistema nervoso central, compõe o conjunto de substâncias tóxicas que, apesar de já ter sido utilizada, no século XVI, no trato gastrointestinal, constipação atônica, passa, no século XIX, a ser indicada somente para eliminação de ratos e outros animais daninhos. Muitas vezes, figurava como desencadeadora de mortes voluntárias, e/ou, como nas palavras do protagonista da novela, “bilhete de passagem³.” Neste período, as farmácias vendiam, sem restrição, o afamado néctar de eternidade:

Há muito quem fale da crise da falta disto e daquillo, da falta de tudo.
De tudo. Protesto.
Que nada falta de dinheiro - vá, que o dizem todos: mas falta de tudo - não,
que todos hão de concordar.

¹ ARAÚJO, Dr. João Vieira de. *O Código Penal – Interpretado segundo as fontes, a doutrina e a jurisdição e com referência aos projectos de sua revisão*. Volume II. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1902, p.1.

² BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 215.

³ TOTTA, Mário; AZURENHA, José Paulino de; LOBO, José Carlos de Souza. *Estrychnina*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1998, p.14.

De assumpto para os chronistas e escândalos para o *Zé Povo* a safra é das mais fartas.

Raptos, defloramentos, envenenamentos, suicídios, *contos do vigário*, incestos, infanticídios, taponas e tiros – tudo isso anda por ahi á ufa, em penca.

É só haver ouvido fino e língua afiada.

--

E não é sinão para cortar vasas aos abelhudos que as pharmacias andam precavidas com a venda de venenos.

Descansem os pharmaceuticos: mesmo sem quererem facilitar a venda de drogas, não faltará quem lhes ponha aos olhos a venda de uma embaçadella.

Demais, os poetas, quando não puderem arranjar um revólver, ou um canivete, que os ferragistas lhes recusarem vender, terão a vasta bacia do Guahyba e terão até os olhos das suas amadas, que, para os bardos, têm sempre os clássicos vidros venenosos do amor com que elles enchem e rimam os decasyllabos⁴.

Concentrava-se, a esta época, à rua dos Andradas, significativa quantidade de farmácias, o que podia ser constatado a partir dos anúncios publicados no *Anuário de Graciano Azambuja*, do ano de 1896, verificados quando da pesquisa e coleta de dados. Estes estabelecimentos podiam fornecer alguns compostos venenosos e capazes de oferecer conforto e alívio às dores da alma, apesar de suas indicações e utilidades designarem-se a outros fins. Às farmácias, tais usuários também acorriam, no desespero de sua agonia, buscando atendimento e/ou antídotos que possibilitassem reparo aos danos causados pela ingestão de substâncias tóxicas - muito embora estes se apresentassem já irremediáveis - no auge de seu arrependimento. Tal episódio pode ser verificado em trecho de *Estrychnina*, no momento em que Ramalho Muniz, amigo do protagonista Neco Borba, ao chegar à casa de pavimento térreo de um sobrado “à rua da Ponte, número 169, entre as ruas Clara e do Arroio⁵”, aterrorizado, constatou que “aqueles dois infelizes tinham de fato ingerido a estricnina! Era preciso salvá-los⁶.” E ordenou: “É preciso ir já à farmácia. Enquanto é tempo.” E continuou a ordenança: “(...) a minha idéia é te levar a uma farmácia qualquer; enquanto te prestarem os primeiros socorros, correrei em busca de um médico para a tua amante, e assim vocês se salvarão⁷.”

O fato foi assim reproduzido pelo *Correio do Povo*, de 04 de setembro de 1896, e é aqui citado, em conformidade com a fonte:

⁴ *Correio do Povo*, 11 de setembro de 1896, in *Malacachetas*. O registro é tal qual a fonte.

⁵ Observa-se que, neste período, já consolidada a República, ainda viam-se nomes de ruas à época do Império – esta, citada por Neco em entrevista ao repórter que lhe perguntava, em pleno suplício, quem era e onde morava a outra vítima de envenenamento. Em tal notícia, do dia 04 de setembro de 1896, no *Correio do Povo*, a denominação desta aparece também como Riachuelo, quando referida pelo narrador do fato.

⁶ TOTTA, Mário; AZURENHA, José Paulino de; LOBO, José Carlos de Souza, 1998, p.143.

⁷ Idem, p.144.

Hontem, ás 9 ½ horas da noite, quando um dos nossos companheiros de trabalho passava pela pharmacia Firmiano, á rua dos Andradas, notou-se que alguma cousa de extranho ali se passava.(...)Achava-se na pharmacia, sentado a uma cadeira, o jovem Antonio Borges Lima, de 21 annos de idade, empregado, até dois dias antes no escriptorio da Companhia de Fiação e Tecidos.

E o repórter, tido então como detetive e farejador de “fatos emocionantes”, dá seguimento ao desvendamento do ocorrido, travando um minucioso diálogo com o “infeliz”, que dentre várias indagações, lhe interroga: “E como obtiveste o veneno?”. Ao que lhe responde o moribundo: “Roubei-o numa pharmacia.”

A novela *Estrychnina*, por sua vez, já aborda o ato de aquisição do veneno de forma um pouco diferente, e sendo ambas fontes, jornal/notícia e livro/“página romântica”, discursos, e, por assim constituírem-se, “movem-se para cá e para lá” entre as codificações recebidas da experiência e a acumulação de fenômenos que não se podem incorporar a noções convencionalizadas de “realidade”, “verdade”, ou ‘possibilidade’. Constituem uma forma de modelo dos processos que conduzem à apreensão da experiência apenas como fenômeno, necessitando a ação da compreensão para serem assimilados⁸.

Um discurso normativo também provinha da Sociedade de Medicina, ao lançar seus preceitos, como que um ditame regulador da ordem. As funções de atendimento ambulatorial e de emergência incluíram-se, por muito tempo, como atividades prestadas pelos estabelecimentos farmacêuticos, situação esta que a Sociedade de Medicina recriminava, por acreditar que o médico, “essa nobre classe”, único responsável por diagnosticar e prescrever medicamentos, deveria ocupar o espaço especificamente designado a consultas e que comportasse a importância merecida àqueles que “salvaguardam a sociedade dos males fisiologicos”.

Nos exemplares do Correio do Povo dos dias 15 e 21 de janeiro do ano de 1897, era possível acompanhar alguns movimentos da agremiação:

Assumptos Médicos

Há em Porto Alegre uma Sociedade de Medicina, cujos estatutos, em seu artigo primeiro, dizem que a sabia instituição *tem por fim tratar dos interesses da classe medica*.

Também mal feito fora que uma Sociedade Medica tivesse por fim tratar de outros interesses, que não os da nobre classe, de modo que, até certo ponto, tem sua razão os olhos profanos em considerar uma superfluidade a disposição do supracitado artigo.

(...)

Sem pretensões a entrar em indagações mais largas, fomos apanhados de principio por um facto, uma irregularidade, incorrecção, anomalia, ou como melhor

⁸ WHITE, Hayden. *Trópicos do Discurso – Ensaio sobre a Crítica da Cultura*. São Paulo: EDUSP, 2001, p.16-17.

queiram appellar, o habito inveterado entre nos, desde o Amazonas ao Rio Grande, de darem os médicos consultas nas pharmacias⁹.

“(…) A sociedade, no dizer dos sociologistas, é um organismo, e, como o organismo, humano, tem a sua physiologia e a sua pathologia tambem.

Tem as suas doenças agudas e chronicas, as suas diatheses e os seus microbios¹⁰.

O Correio do Povo, periódico aqui analisado nas edições que compreendem os meses de janeiro de 1896 até dezembro de 1897 – exceção feita àquela que circulou em 1º de outubro de 1895, dia em que lançou-se o jornal – dedicava um espaço para publicação de artigos referentes a causas médicas, podendo incluir descrição de anomalias, enfermidades, curas, inventos e divulgação de encontros e pauta de discussões realizadas na recém criada Sociedade de Medicina. A partir de 1897, com a fundação de um periódico assinado por tal agremiação, a população obteve mais uma forma de acesso a tais informações.

A Sociedade de Medicina, e para ser mais exata, a Medicina, já se consumara como grande ordenadora da sociedade de então. Encarregada de gerenciar não só os espaços urbanos, procurava normatizar e legislar sobre os movimentos da urbe. Imbuída de poder representativo, como é possível perceber a partir da análise de algumas notícias reproduzidas no decorrer desta dissertação, presentifica-se mesmo em estando invisível ou ausente, prescindindo, certas vezes, até mesmo da figura do médico. Adentra o privado do cidadão, demonstrando que o cidadão necessita ser saudável, regrado e liberto do flagelo e desordem causados pela doença, para demonstrar sua civilidade. É um atributo do indivíduo.

Preocupada com o que denomina um contágio promovido pela exacerbação de anúncios de suicídio publicados pela imprensa, a Sociedade de Medicina posiciona-se e solicita aos veículos controle do mesmo pela omissão de tais notícias, percebendo, entre os leitores, receptores sem vontade própria e capacidade reflexiva, absolutamente influenciáveis e sugestionados, incapazes de, sozinhos, cuidarem-se a si próprios, pressuposto para a construção do indivíduo dentro do projeto moderno:

(…) Contra as notícias de suicidio já de uma feita a *Sociedade de Medicina* fez finca-pé, querendo que a imprensa passasse véu espesso de sigilo sobre os desgraçados que, do pé para a mão, resolvem arrebenatar a cabeça com uma bala de revólver.

Era inconveniente a noticia de suicidio, porque está provado que o contagio é forte e que, atraz de uns miolos espedaçados, outros miolos se espedaçam sempre.

⁹ Correio do Povo, 15 de Janeiro de 1897.

¹⁰ Idem, 21 de Janeiro de 1897.

(...)

Portanto, a bem dos miolos dos desesperados; da moral pública e privada; da integridade das virgens; da tranquilidade dos lares e do Tesouro – seja a imprensa arrolhada a sete rôlhas , respeito a tudo quanto possa alastrar pelo contágio¹¹.

Jogo de sombra e ambivalência, a Medicina se apresenta com suas técnicas de poder, formando uma cadeia ou um sistema de controle com ramificações relacionais desiguais e móveis entre ela, o meio social – a partir da distinção entre saudável e enfermo, normal e anormal , o Estado e os meios de comunicação. O que é pressuposto como ausente torna-se presente através do discurso normativo e higienista, conforme assinala Foucault: “O poder está em toda a parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares, (...) uma prática médica insistente e indiscreta, volúvel no proclamar suas repugnâncias, pronta a correr em socorro da lei e da opinião dominante, mais servil ante às potências da ordem do que dócil às exigências da verdade¹²” se impunha como detentora de saber e fixadora de convenções.

Em certa cena de *Estrychnina* percebe-se a evocação de tal poder, quando Neco Borba é aconselhado por um amigo:

Tu enveredaste por um péssimo caminho. (...) Amanhã terás filhos, talvez, e estarás comprometedoramente ligado a Chiquita, que todos nós conhecemos e que por mais que faças, que te descabeles, que te enciúmes, que a laves, que a purifiques, não deixará jamais de ser ou ter sido uma mulher pública, senão pelo presente e de futuro, pelo passado ao menos, pelo passado que é irremissível!

- Mas que prazer encontras em mortificares-me?

- A satisfação de te curar. Sou como um cirurgião, e estou desencarnando a chaga que te pode matar. Acredita-me: não se deve pedir nem aceitar da mulher perdida senão um amor breve, bem feito e aseado. É entrar e sair de mãos lavadas¹³(...)

A Medicina era vista como libertária dos males/doenças que assolavam a sociedade e a boa saúde era evidência de um corpo moderno. A possibilidade de intervir na vida do cidadão a ela delegou um poder de mobilização, “uma vontade para quem o homem não é um sujeito regulador, mas um objeto instrumentalizado, mobilizado, acelerado em função de um processo que já não é humanamente determinado¹⁴”. Forma de poder usuária de dispositivos

¹¹ Correio do Povo, 20 de Setembro de 1896, in *Malacacheta*, e tal como fonte.

¹² FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade- vol I – A vontade de Saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2001, p. 89 e 54.

¹³ TOTTA, Mário; AZURENHA, José Paulino de; LOBO, José Carlos de Souza, 1998, p.60-61.

¹⁴ SÁ, Alexandre Franco de. *Metamorfose do Poder*. Coimbra: Ariadne Editora, 2004, p.47.

atentos que são incorporados ao indivíduo, através do discurso manipulador de controle dos impulsos espontâneos.

E é este homem moderno – ser moral, indivíduo-no-mundo, segundo Dumond, que adquire consciência individual através da racionalidade, sendo predestinado a exercer incansavelmente sua vontade na ação sobre este mundo e não fora dele -, fruto da imediatez, do enquadramento do modelo único, da secularização, diluição do coletivismo e depositário da razão¹⁵, que “reduz progressivamente o cultivo da palavra, do argumento e do próprio pensamento”, tornando-se cada vez mais suscetível “à imediatez acrítica e propagandística de imagem¹⁶.”

O privado, a vida privada, passa a anular o que de público nela pode parecer, no que diz respeito a deliberações, discussões, partilha de argumentos relativos a decisões concernentes ao movimento do cidadão em seu espaço, havendo assim uma ausência de relações entre quem determina a norma e o normatizado.

Em contraposição, a vida pública tem como principal ponto de interesse a vida privada, que aqui é o espetáculo, “uma relação social entre as pessoas, mediatizada pelas imagens”, havendo então “uma espectacularização da vida íntima e privada¹⁷.” O compartilhamento do privado, enquanto público, pelos periódicos do século XIX e, em questão, o Correio do Povo, fonte utilizada para coleta de dados, demonstrava este espetáculo a um público ávido por narrativas de tal constituição.

Sob este enfoque, as narrativas detalhadas a respeito de suicídio, engordavam o corpo do periódico, garantindo venda certa de seus exemplares¹⁸. Estes, por sua vez, impressos em grandes tiragens, proporcionavam ao leitor a informação imediata de forma sucinta, dispersa, sem muita ou nenhuma reflexão a respeito do fato; refratária, à medida que não objetivava causar desconforto ou qualquer outra ação, senão somente sua passagem pelo receptor. A formatação das notícias, o modelo de paginação e estilo lingüístico narrativo jornalístico refletiam, propositadamente, ou, talvez, apenas o *modus vivendi* da urbe, que na ânsia de sentir-se dentro da atualidade - mera ilusão -, dissecava aquilo que julgava veículo da verdade/realidade circundante.

¹⁵ Sobre a discussão indivíduo e sociedade, ver ELIAS, Norbert. *A Sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994., bem como DUMONT, Louis. *O Individualismo – Uma Perspectiva Antropológica da Ideologia Moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

¹⁶ SÁ, Alexandre Franco de, 2004, p.48.

¹⁷ Idem, p.78.

¹⁸ Para observação das mesmas e das minúcias que incluíam, basta recorrer aos Anexos A desta dissertação, e às narrativas inseridas no transcurso dos capítulos.

Benjamin, refletindo sobre a dificuldade e possibilidade de tais leitores adquirirem imagem de si mesmos ao se defrontarem com sua própria experiência – ato não manifesto dentro de uma “vida normatizada, desnaturada das massas civilizadas” – destaca e busca na obra de Proust a análise do sentido privado que as inquietações da vida interior, por natureza, não possuem. Afirma que estas só o adquirem depois que se reduzirem as chances dos fatos exteriores se integrarem à sua experiência, pois “o passado encontrar-se-ia em um objeto material qualquer, fora do âmbito da inteligência¹⁹ e de seu campo de ação” e é a partir dele que se torna possível a aquisição, pelo indivíduo, de uma imagem de si mesmo, mas quando e como isso ocorrerá, não há como prever, fica por conta do acaso²⁰.”

Infeliz daquele que passar a vida sem ter visto a si mesmo! Viverá refratário de sua própria imagem, veneno da modernidade servido em pequenas doses pelos interlocutores do projeto do ser moderno.

Os jornais e periódicos, sem intenção de fazer com que aquele que os lesse incorporasse à própria experiência as informações que lhes forneciam, isolavam “os acontecimentos do âmbito onde pudessem afetar a experiência do leitor”, faziam com que a informação não integrasse ou se descolasse da “tradição”²¹. A falta de conexão entre uma notícia e outra, bem como a constante novidade, objetividade e precisão da informação jornalística constituíam o êxito da imediatez. Como a circulação de exemplares era intensa, subentende-se que a eles muitos se dirigissem não deixando margem ou espaço de penetração a outra forma de acesso, devido à prontidão com que tal meio estabelecia comunicação. Nenhum leitor disporia tão fácil de algo que pudesse informar a outro, constituindo-se, então, parte de “uma multidão amorfa de passantes” – termo utilizado por Walter Benjamin - onde o indivíduo, em seu isolamento, vive seus interesses privados.

No decurso de 1896, mensalmente, a informação a respeito de óbitos – em meio a anúncios de normas ordenadas pelo novo Intendente, corridas realizadas no Prado Independência, avisos marítimos, folhetins, comemorações, dentre outros tantos – e sua *causa mortis*, gênero e, algumas vezes, origem do féretro, bem como a quantidade de nascimentos,

¹⁹ “Todo conhecimento empírico fornece meros fenômenos: apenas estes são por isso atingidos pelo processo temporal do nascer e perecer, mas não aquilo que aparece neles, o ser-em-si. (...) O intelecto (...) é um fenômeno secundário e condicionado pelo cérebro.” SCHOPENHAUER, Arthur. *Metafísica da Morte*. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p.116-117. Por esta razão, é que não há possibilidade de se encontrar a experiência na inteligência, na consciência, e, sim, fora dela.

²⁰ BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas III – Charles Baudelaire Um Lírico no Auge do Capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 2000, p.104 e 106.

²¹ BENJAMIN, Walter, 2000, p.106-107.

ocupava espaço fixo no periódico²², sendo acompanhada, muitas vezes, dos avisos fúnebres de encomendação do corpo. A dor privada era, então, pública e anunciada. Assim se deu, aos cinco dias do mês de setembro de 1896, no jornal *Correio do Povo*, quando do publicado a respeito dos atos fúnebres de Antônio Borges Lima e Francisca Gama, notícia na qual também se pode perceber enfoque para os detalhes que possibilitariam o deslocamento de um referencial condutor de um possível encontro, pelo leitor, de uma imagem-reflexo acerca de sua própria experiência:

Effectuaram-se hontem as cerimônias do enterramento dos “2” suicidas.
O de Borges Lima saiu da casa do sr. Bento Silveira Martins, á rua S. Rafael, sendo muito concorrido.
O corpo de Chiquinha saiu da Santa Casa de Misericórdia, sendo as despesas do enterro feitas a expensas do sr. Affonso Ramos, intimo amigo de Borges.
Sobre o cadáver de Chiquinha foi deposta uma coroa funebre, levada ao necroterio da Santa Casa por um conductor de bonds da Companhia Carris Urbanos.
Borges pedira que os 2 corpos fossem inhumados na mesma sepultura.
Não sendo isso possivel , ficaram elles depositados em carneiras contiguas, uma sobre a outra, num dos muros do cemitério²³.

Ao par dessas informações sensacionalistas, atraentes somente aos sentidos, camuflava-se a afronta do ato suicida, tão freqüentemente citado, porém pouco entendido como rompimento ou insatisfação frente a um modelo projetado, normatizado, promessa de um futuro apregoado e tido como de realização plena.

O desejo pela morte, não significando necessariamente uma oposição à vida, pode ser visto como condição promotora de encontro com a realidade absoluta, através de uma vida mais completa, em que se inclui a experiência da morte. Num crescendo de sua individualidade, à medida em que se aproxima sempre mais de uma imagem de si-mesmo, desprendida da temporalidade linear determinada pela modernidade, que convencionou e modela os indivíduos em imagens fugidias, o homem é capaz de direcionar sua vida, numa opção pela morte. Assim concebida, anseio por uma transformação rápida, ela se afirma como parada e fim de qualquer processo; mais instigante, por demandar resposta vitalmente completa; representação de embate com a tragédia:

²² Conforme se observa na tabela constante dos Anexos B, p.126, assim organizada pela pesquisadora para melhor visualização, não sendo encontrada originalmente dessa forma no jornal *Correio do Povo*.

²³ *Correio do Povo*, 05 de Setembro de 1896, respeitada a fonte no que diz respeito à grafia convencionada à época e/ou a possíveis erros tipográficos ou de impressão.

A tragédia é o salto para fora da história e para dentro do mito; (...) A experiência da morte oferece a cada vida a abertura à tragédia, pois, conforme encaravam os românticos, a morte extingue o meramente pessoal e transporta a vida para a chave heróica, onde soa não apenas a aventura, a experimentação e o absurdo, porém mais ainda – o sentido trágico da vida. A tragédia e a morte estão necessariamente entrelaçadas, de modo que a experiência da morte tem o toque da tragédia e o sentido trágico é a consciência da morte²⁴.

E este indivíduo-no-mundo, espectralmente atuante, possuidor de um desejo de eternidade e imortalidade, perceptível na preocupação com os monumentos sepulcrais – a concretude pretensiosa de interligação do invisível (morto) com o visível – memória - está destinado a desaparecer. A sociedade, que também comunga deste mesmo anseio de perenidade, não vê com bons olhos a busca pela ruptura deste projeto por aqueles que o irrompem, ou seja, por aqueles que morrem, todos nós. Já que não há como evitar este mal, esta inquietação, a sociedade a eles associa ritos, gestuais, não raro padronizados, muitas vezes “codificados e institucionalizados, que exigem um *tempo*, um *espaço cênico* e um certo tipo de actores: Deus, os oficiantes e os fiéis participantes do espectáculo²⁵.”

O rito funerário se propõe a conduzir o *duplo* – reflexo/sombra do ser, o vir-a-ser, pois o “duplo, que vive integralmente da vida da pessoa viva, não morre da morte dela. A morte só é uma doença da pele. (...) Enquanto o corpo apodrece, o outro corpo, incorruptível, imortal, vai se libertar e continuar a viver (...) É a vida quotidiana que é projetada no morte²⁶.” A desordem causada pela morte, e aqui em destaque o suicídio, morte voluntária, representa o fim do projeto, e necessita ser revestida de um simbolismo que torne possível a rejeição da ruptura. Segundo Catroga, a ritualística criada em torno da morte é uma forma de “negociar a alteridade, a fim de infecti-la em sentido positivo, e a morte representa a 'alteridade por excelência', uma vez que ela é a não-vida²⁷”, o outro.

A morte romântica, assim denominada por Catroga, é caracterizada como aquela que necessita e se utiliza de expressões iconográficas, e nesse sentido situa-se a dos suicidas Neco e Chiquita, que solicitaram a colocação, em sua sepultura, de uma fotografia, representativo dos “dissimuladores da morte e simuladores da presença” – termo do autor -, ausente, do morto. Em uma das cartas deixadas por Neco, publicada no Correio de Povo do dia cinco de setembro de 1896, pode-se ler: “- A meus paes – Peço-vos ainda que mandeis reproduzir um

²⁴ HILLMAN, James. *Suicídio e Alma*. Petrópolis: Vozes, 1993, p. 87.

²⁵ CATROGA, Fernando. *O Céu da Memória Cemitério Romântico e Culto Cívico dos Mortos*. Coimbra: Livraria Minerva Editora, 1999, p.11.

²⁶ MORIN, Edgar. *O Homem e a Morte*. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p.137.

²⁷ CATROGA, 1999, p.12.

meu retrato que está neste lavatorio e uma trancinha e que com o della seja collocado, em um gancho em nossa sepultura.”

O desespero, a angústia frente à morte do outro faz parte do espírito romântico, que vê na morte, e também no suicídio, a aproximação com o infinito. Consideram a morte e o refletir sobre ela um ato humano necessário à sobrevivência, reflexão feita através dos símbolos, ritos e, muitas vezes, a partir dos discursos/relatos encontrados nos periódicos. Relatos encontrados nestes, e em romances, que apresentam como características do estilo a conversação com a imortalidade e finitude, e em novelas literárias como a em questão, no presente trabalho.

Há um paradoxo: o de inevitabilidade do tempo findo e o desejo de sua infinitude, que marca o indivíduo, e cabe salientar aqui o descrito por Schopenhauer:

Começar, findar e perdurar são conceitos que emprestam o seu significado única e exclusivamente do tempo e que, conseqüentemente, valem apenas sob a pressuposição do mesmo. Ora, o tempo não possui uma existência absoluta, ele não é a maneira do ser-em-si das coisas, mas meramente a forma de *conhecimento* que nós temos de nossa existência e do nosso ser, assim como de todas as coisas, conhecimento que é por isso mesmo bastante imperfeito e limitado aos meros fenômenos. Só em relação a estes encontram portanto aplicação as noções de cessar e persistir, não em relação ao que neles se expõe²⁸.

O conhecimento é uma representação que não é necessariamente idêntica ao que é conhecido. Enquanto este estiver na consciência do que conhece, é um reflexo do ser, um algo diverso deste, um fenômeno, e não a coisa-em-si. Somente através da Vontade – elucidada por Schopenhauer – é possível reconhecer a coisa-em-si. A morte é o fim da existência temporal e o eterno permanece na Vontade, que é liberta das formas do fenômeno, indestrutível e condicionante. “Toda Vontade de vida encontra-se no indivíduo, tal como no gênero, e por conseguinte a perduração da espécie é apenas a imagem da indestrutibilidade do indivíduo²⁹.”

É na morte do *outro*, com que se defronta, que antevê a sua própria morte, seus desejos e angústias de perpetuação, o seu não-ser, e na memória dos vivos este conjunto de imagens surgirá como “protesto compensatório” à falta de compreensão do morrer: “O suicídio é uma violência cometida contra si mesmo e contra o outro, o suicida se eterniza no outro; além da morte e suas implicações traz a condição de levar o outro a infundáveis questionamentos”, tanto quanto à sua recusa e/ou tentativa de encontro para sua expiação, como segue analisando Lazzarin: “Embora o suicida não seja punido, a sociedade estabelece o

²⁸ SCHOPENHAUER, Arthur. *Metafísica da Morte*. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p.112-113.

²⁹ Idem, p.118-119.

terror e o tabu em torno da discussão do tema, é como se o suicida traísse alguma coisa, 'uma espécie de pacto tácito dos vivos.. Suicidar-se é indigno... É covardia... É preferir o mal ao bem³⁰.'”

Assim é, também, quando aos treze de setembro de 1896, a coluna intitulada *Semanario* – tal como fonte – indaga: “(...) A propósito: o suicídio é um acto de coragem ou de covardia? Meu circunspecto amigo, o commendador Conrado opina pelo segundo modo de qualificação e gaiatamente, espirituosamente diz aos que pensam ao contrario que tirem cria dos suicidas para melhoramento da raça humana”, ou como quando em passagem de *Estrychnina*, em meio à cena em que o pai de Neco encontra-se em desespero diante do corpo do filho, se pode ler:

O tocante daquela cena aflitíssima tinha impressionado vivamente a todos que a presenciaram, e fez-se então na farmácia um silêncio estrangulado de catástrofe, apenas quebrado pelos soluços do velho Borba e pela voz esganiçada de dois oradores de uma sociedade literária, que, citando o *mestre* Camilo³¹ e outros suicidas ilustres, ainda discutiam à porta da botica a velha tese secular e sóbria: *O suicídio é um ato de covardia ou um ato de heroísmo*³²?

E quanto a isto, parecia ter respondido Neco, em conversa com Chiquita:

Deve haver alguma cousa de superior e heróico no suicídio, nesse ato que muitos condenam, mas que atrai irresistivelmente as organizações predestinadas, que a ele se abalançam como ao descobrimento de um novo mundo. Aparentemente, pode parecer que tu ou dificuldades momentâneas e perfeitamente contornáveis da vida levaram-me à decisão que tome; porém, a verdade é que uma força misteriosa, uma atração oculta, uma tendência irresistível arrasta-me para o suicídio, como o ferro para o ímã. Há muito que, pensando na possibilidade da morte voluntária, nessa faculdade que só o homem tem de exercê-la, cheguei a convencer-me de que o suicídio é a mais bela demonstração da superioridade humana, o ato pelo qual o homem afirma a independência de sua vontade, apesar da complicada e férrea cadeia com que o cinge a própria natureza³³.

³⁰ LAZZARIN, Sonilde Kugel. *A Repercussão o Suicídio de pacientes na Vida Pessoal e Profissional dos Psiquiatras*. 2004. 170 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Criminais) - Faculdade de Direito, PUCRS, Porto Alegre, 2004.

³¹ Camilo Castelo Branco, escritor romântico português (1825-1890), suicidou-se com um tiro na cabeça. Nota do autor.

³² TOTTA, Mário; AZURENHA, José Paulino de; LOBO, José Carlos de Souza, 1998, p.147.

³³ Idem, p.114.

Tal dor causada pela perda, observada não só na figura do pai como na da multidão, atinge sua essência, uma vez consideradas suas relações, com o morto, não apenas de espectadores, mas de participantes da angústia que a morte do outro e o reflexo da sua própria podem ocasionar. Estudos feitos por Damatta salientam que, no Brasil, se fala mais dos mortos do que da morte, o que já é um jeito sutil de negar a morte propriamente dita, entendendo “a memória do morto e dando àquela pessoa que for viva uma forma de realidade³⁴.” Ao que também refere Veneu:

Numa época em que as atitudes diante da morte orientam-se pelo modelo da “morte do outro”, a adesão voluntária do personagem à morte supõe que sua ausência passe a ser sentida pelo outro como uma falta, simétrica à que sente em si mesmo. A morte permite-lhe tornar-se o “outro” de seu “outro”, ser plenamente aceito em seu mundo interior através da memória, e comutar assim a falta do outro em si pela sua presença indelével no outro³⁵.

É o culto dos túmulos e cemitérios, a própria exaltação da morte observada na literatura, bem representada pelo Romantismo, que levará, juntamente com a saudade e a lembrança, a tradução da recusa exasperada da *morte do outro*. O homem é “um ser-para-a-morte”, - como mencionou Heidegger em sua obra *O Ser e o Nada* – e por saber ser sua existência transitória, passa a aspirar pela perpetuação, cuja realização procura nos cultos e rituais funerários, uma como que eternização do morto na memória dos vivos.

O sofrimento causado pela morte do outro, expressão tão bem demonstrada pela sensibilidade romântica, será uma tentativa de amparo à compreensão da finitude, conduzindo o indivíduo a desejar e idealizar o seu túmulo e a forma de enterro como se sendo o último ato de libertação para a eternidade: “as atitudes perante a morte, que a modernidade foi gerando, acentuaram a monumentalidade funerária ao enfatizarem a memória como um *segundo além imortalizador*. Este foi-se impondo em coexistência ou em sincretismo com a crença na ressurreição final, afirmando-se como uma espécie de compensação³⁶ No caso do passamento dos suicidas enfocados na novela romântica aqui analisada, a ordem ficou claramente expressa nas cartas deixadas por estes, que não só pediam perdão pelo ato de ruptura e reconciliação suprema com o mundo que foi a morte voluntária por eles assumida, como solicitavam, quase que ordenavam, a montagem do cenário onde seriam depositados seus

³⁴ DAMATTA, Roberto. *A Casa e a Rua: Espaço, Cidadania, Mulher e Morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987, p.153.

³⁵ VENEU, Marcos Guedes. *Ou Não Ser Uma Introdução à História do Suicídio no Ocidente*. Brasília: Editora UnB, 1994, p.115.

³⁶ CATROGA, Fernando, 1999, p.31.

corpos, situação já verificada em carta deixada por Neco e citada anteriormente, e nas que seguem:

Peço para quem fôr me vestir que me vista com um vestido de cazemira que está dependurado, casaco do mesmo, enfeitado de encarnado, botinas e roupa branca é como que eu estiver no corpo³⁷.

(...) Conserve-me com a roupa branca que estiver no corpo assim como as botinas, vistam-me com a minha roupa preta.

Enterrem-me no chão, junto com ella.

(...) Peço-lhes meus paes que façam meu enterro mais modesto possível, assim como o della e que seu corpo seja enterrado junto com o meu, na mesma ocasião.

Caso não queiram cumprir os pedidos que vos faço, então considerem-me como um estranho não devendo chamar-me de filho.

Se for uma realidade a immortalidade da alma...

A minha vos perseguirá eternamente caso meu corpo não seja enterrado com o della, que me amou muito e que morreu por mim.

(...) Quero, repito, que meu corpo seja enterrado com o della na mesma sepultura³⁸.

Os suicidas incluem, normalmente, em sua ritualística, teatralmente preparada, a escritura de cartas, as quais, muitas vezes, podem ser lidas como preces evocadoras do perdão daqueles para quem são dirigidas, mesmo que contenham, não raro, em seu interior, principalmente os desejos, revelações, consolo e ordens, com autoridade de quem fala a partir do sagrado. E é baseado no reconhecimento dos poderes de sua nova condição que o suicida dispõe sobre seu corpo e acerca das providências de seu funeral e rituais.

A execução da morte voluntária representa um sacrifício pelo qual seu autor, em mantendo autonomia, ressurgue no nível do sagrado, em cuja plenitude a vítima alcança apogeu pelo caráter da imolação³⁹.

Sentindo-se impotente frente à convenção estabelecida e bem demarcada pela sociedade, percebe-se fadado à falência do que projetado nele foi. Este indivíduo, fruto de um vazio social, enigma da modernidade, não se sente autorizado à posse plena do mundo e de si mesmo, uma vez que a seu interior e da vida social e da natureza foi transferido o caráter de outro, alteridade. Tentando encontrar a sublevação longe dos limites da finitude, que lhe acena com uma reconciliação e integração possível com o mundo, evoca o suicídio, consagração “total, individual e do cívico”:

³⁷ Carta de Chiquita, in *Correio do Povo*, dia 04/09/1896, conforme fonte.

³⁸ Carta de Neco, in *Correio do Povo*, dia 05/09/1896, conforme fonte.

³⁹ Sobre isso, ver VENEU, Marcos Guedes. *Ou Não Ser Uma Introdução à História do Suicídio no Ocidente*. Brasília: Editora UnB, 1994.

Quando o suicídio se manifesta, não apenas a sociedade foi incapaz de expulsar a morte, não apenas ela foi incapaz de dar ao indivíduo o gosto da vida, mas também foi vencida, negada; ela não pode fazer mais nada nem em favor nem contra a morte do homem. A afirmação individual obtém sua vitória extrema, que é, ao mesmo tempo, desastre irremediável. Portanto, quando a individualidade se liberta de todos os seus laços, quando aparece só e fulgurante, a morte não menos só e refulgente se ergue como seu sol⁴⁰.

O suicídio evidentemente representa um rompimento com os laços sociais, podendo ser entendido como anomia, pois o normativo regulador de comportamento nele vê sua validade perdida, “avesso do projeto de modernização⁴¹.” É conceituado por Durkheim como “todo caso de morte que resulta direta ou indiretamente de um ato, positivo ou negativo, realizado pela própria vítima e que ela sabia que produziria esse resultado”, e é por ele também analisado, uma vez que visão corrente no século XIX, como uma espécie de loucura, que o autor destaca ao assinalá-lo enquanto entidade mórbida, *sui generis*, uma loucura especial. Em suas reflexões, Durkheim critica, no romantismo, a busca da imortalidade no infinito, ao afirmar que tal perseguição, a de um fim - a seus olhos - inacessível hipotético, pode vir a condenar o homem a um perpétuo estado de descontentamento⁴², uma visão destacadamente imbuída e reflexo da modernidade vivida pelo autor.

O transporte do homem daquilo que é para o que não é, satisfeito provisoriamente pela morte, condição de libertação e felicidade, pode encontrar um seu paralelo no prazer proporcionado pelo ato sexual. Tal movimento verifica-se nas reflexões que Neco Borba, um dos protagonistas de *Estrychnina*, faz no decorrer da obra, quando o suicídio sempre se lhe apresenta “como solução fácil aos seus tormentos”, chegando a comparar a morte à “grande mãe que nunca repele o filho que lhe busca o gélido regaço”:

A estriçnina tem sobre os demais tóxicos vantagens que eu descobri. É verdade que o sofrimento que produz torna-se dolorosíssimo, mas não dá os engulhos repulsivos causados por outros venenos que atacam o estômago. Atuando diretamente sobre o sistema nervoso, é a medula principalmente que sofre o seu ataque vigoroso e brutal. Alguma coisa de esquisitamente sensual, de extraordinariamente voluptuoso, como no enforcado, há de provir da brutalidade

⁴⁰ MORIN, Edgar, 1997, p.49.

⁴¹ Charles Monteiro discute a questão da legitimação deste ideário moderno em dissertação de mestrado, quando abre espaço para reflexão acerca dos opositores, contraventores, das circunstâncias representativas do “avesso do projeto da modernidade”, em capítulo homônimo. Mesmo apresentando uma análise de período posterior ao demarcado nesta pesquisa, serve de importante referencial para um pensar na “inserção da modernidade no espaço urbano de Porto Alegre. As citações dos periódicos lançadas pelo autor, tratam de uma época em que a cidade, aqui destacada, está em plena atividade, preocupada com a práxis do que lhe é projetado. Reflexão que pode ser feita, ainda como desejo latente, a partir das notícias que circulavam no Correio do Povo, no período definido para esta dissertação.

⁴² DURKHEIM, Émile. *O Suicídio*. São Paulo: Martins Fontes, 2004, prefácio, introdução, p.32-33, 314-315.

perversa, de ação veemente e enérgica desse tóxico. A medula é a sede das sensações animais: a animalidade há de desenvolver-se intensamente na relação direta desse poderosíssimo agente. Quanto maior a dose, maior o efeito; quanto maior o sofrimento, maior o prazer... Mas que prazer! Que prazer de morte! (...) Tu deves saber que a maior dor é a da sensualidade: é a do prazer do desvirginamento, é a do despedaçamento das entranhas maternas pelo primeiro feto, ao nascer. Infelizmente, o que a estricnina fornece só é dado gozar-se um momento e à custa da vida: é o prazer da morte⁴³!

O prazer encontrado no ato sexual, como na morte, podem ser, para uma sociedade racional ditada pelos ditames da modernidade, veneno, transgressão, arrebatadores do homem de sua vida cotidiana, da monotonia de seu trabalho, possibilitando e submetendo-o a uma experiência que o aproxima de um outro mundo, o irracional, conforme assinala Philippe Ariès em sua *História da Morte no Ocidente*, que ainda refere o Marquês de Sade e sua visão de ato sexual enquanto ruptura⁴⁴, “nas duas situações opostas, de paixão intensa e de suicídio, o ego⁴⁵ é dominado pelo objeto, embora de maneiras totalmente diferentes⁴⁶.”

Não é possível que se pense no ser fora dos movimentos da paixão, ou como referiria o próprio Marquês, citado por Bataille: “Não existe melhor meio de se familiarizar com a morte que o de ligá-la a uma idéia libertina⁴⁷.” Tal idéia deve ser entendida a partir da própria visão dos libertinos, enquanto, por opção, não seguidores de normas convencionadas, enfrentadores do *modus vivendi* estabelecido.

Na morte, então, e no prazer atingido através do ato sexual, encontrar-se-ia a singularidade, estado de salvação, ou a universalidade do homem, um estado de “nirvana”, ou o *id* freudiano, onde estão o pólo pulsional, as pulsões, e o inconsciente da personalidade. Nesse estágio, a pulsão de vida encontra-se desligada, e a idéia de morte passa a ser obsediante, podendo conduzir à morte voluntária. Bataille ainda considera a existência, na passagem de uma atitude normal ao desejo, de um fascínio recorrente pela morte. O homem, em sendo descontínuo, vê na morte o sentido de continuidade do ser, pois, como já anteriormente citado por Schopenhauer, a Vontade, a coisa-em-si, a essência, encontra-se na espécie, e esta é eterna. A morte pode ser, novamente segundo Bataille, abertura para a negação da duração individual, “a imortalidade é só uma espécie de equivalente geral ligado à abstração do tempo linear⁴⁸.”

⁴³ TOTTA, Mário; AZURENHA, José Paulino de; LOBO, José Carlos de Souza, 1998, p. 115.

⁴⁴ Ver, a respeito, ARIÈS, Philippe. *História da Morte no Ocidente*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

⁴⁵ Entendido como o eu, consciência que, sob influência do mundo exterior, parte do que traz o indivíduo ao nascer, e é elaborada, passando a servir como intermediária entre o *id* e o mundo exterior.

⁴⁶ FREUD, Sigmund. *A História do Movimento Psicanalítico- Artigos Sobre Metapsicologia e Outros Trabalhos*, vol XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1974, p.285.

⁴⁷ BATAILLE, Georges. *O Erotismo*. São Paulo: Arx, 2004, p.20.

⁴⁸ BAUDRILLARD, Jean. *A Troca Simbólica e a Morte*. São Paulo: Edições Loyola, 1996, p.176.

Demarcando-se, a partir do século XIX, o suicídio no terreno pertencente ao inconsciente – *id* -, transferiu-se o controle dessa ação do Estado, - concebido à época anterior a tal período como regulador e responsável pelo encaminhamento dessa atitude voluntária, criador de leis às quais se atrelavam punições tais quais a exposição do corpo do suicida ao público; retirada de bens do domínio familiar; não permissão de consideração de testamentos; aquisição da posse do corpo, destituindo-o dos familiares, dentre outros⁴⁹ – à Medicina, nas funções do psiquiatra e na do tratamento relativo a possíveis patologias. Acontece uma disposição em torno do estabelecimento, por esta, de duas categorias de suicídio: o consciente, considerado erro intencional, voluntário, e o inconsciente, que por ela - e tão somente - deverá ser diagnosticado e referido como laudo final. À ela, enquanto detentora do discurso científico, visto como verdade irrefutável, caberá também a classificação da “tentativa de suicídio como resultado de um estado patológico anulador da vontade⁵⁰”. Jakobs, interpretando a função do Estado em relação ao ato suicida, refere que cada indivíduo decide por si mesmo, isto não é assunto do Estado⁵¹.

A Igreja aliançou-se ao Estado no período que compreende o século XVIII, e a ela pertencia o direito de determinar que o corpo do suicida – propriedade do Estado – não fosse reconhecido, a partir dos preceitos cristãos, merecedor de encaminhamento de sua alma ao paraíso, privando-o de uma sepultura nos campos santos. Ressalva aparece, entretanto, no Código de Direito Canônico, de 1918: “levado em conta o modernismo ambiente, a privação da sepultura, aliás reduzida à interdição do *décorum* e da missa cantada, não se aplicava mais aos suicidas que teriam agido 'num momento de loucura ou que manifestavam sinais de arrependimento antes da morte⁵².’”

A valorização da vida privada, centro de difusão das condutas individualistas e de independência em relação ao grupo ao qual pertence o indivíduo e/ou as instituições às quais está subordinado relaciona-se com um “tomar para si próprio como objeto de conhecimento e campo de ação para transformar-se, corrigir-se, purificar-se, e promover a própria salvação⁵³, o que não imprime, necessariamente, a certeza de se alcançar o fim pré-determinado por quem

⁴⁹ Sobre isso, ver mais em ARIÈS, Philippe, 2003.

⁵⁰ A respeito da discussão suicídio, eutanásia, seus trâmites legais e outras referências ao assunto, ver BONNIEC, Yves Lê e GUILLON, Claude. *Suicídio Modo de Usar*. São Paulo: EMW Editores LTDA, 1984 e também LAZZARIN, Sonilde Kugel. *A Repercussão o Suicídio de pacientes na Vida Pessoal e Profissional dos Psiquiatras*. Dissertação de Mestrado. PUCRS, Faculdade de Direito, Programa de Pós-Graduação em Ciências Criminais, Porto Alegre, 2004.

⁵¹ JAKOBS, Günther. *Teoria da Pena e Suicídio e Homicídio a Pedido*. São Paulo: Manole, 2003, p.31.

⁵² BONNIEC, Yves Lê e GUILLON, Claude, 1984, p.65.

⁵³ FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade O Cuidado de Si, Vol. 3*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985, p.48.

ou o que o organizou. O século XIX representou a intensificação do reconhecimento e esplendor da vida privada, mecanismos foram criados para organizá-la e protegê-la. O Estado, a Igreja, a Medicina, imbuídos do valor que o projeto moderno apregoava, buscaram demonstrar, a seu modo – dadas as devidas distinções, que a própria individualidade previa e delimitava – à sociedade, em que se incluíam e para quem serviam de modelo, a importância da “cultura de si”, no dizer de Foucault, em obra anteriormente e acima citada.

O “cuidado de si”, a ocupação consigo mesmo, demonstrarão e levarão adiante a possibilidade das relações de si para consigo. A conquista da felicidade, a realização dos desejos individuais, seria um exercício permanente que não envolveria somente o corpo, mas também a alma. Esta “arte da existência” não apregoa o desenvolvimento da solidão. A vida social, a participação no grupo fazem parte de um “sistema de obrigações recíprocas” que, como que um “jogo de trocas com o outro”, desencadeia o conhecer-se a si próprio pelo olhar do outro⁵⁴.

O corpo, visto como máquina e prescrito como atuante conforme técnicas a ele submetidas, é o determinante e determinado pelas condutas por ele expressas. O corpo possui uma dupla tarefa, a de receber a norma e a de reproduzi-la:

é o corpo que faz a lei para o corpo. Contudo a alma tem seu papel a desempenhar, e os médicos a fazem intervir: pois é ela que incessantemente se arrisca a levar o corpo além de sua mecânica própria e de suas necessidades elementares; é ela que incita a escolher momentos que não são apropriados, a agir em circunstâncias suspeitas, a contrariar as disposições naturais⁵⁵.

Neste universo cerceador se encaixa a morte voluntária como uma delinquência, anomalia, o próprio desvio da alma. A alma está doente, perdida de seu centro de orientação, voltada somente para a realização de desejos desprendidos do corpo, que, aparentemente, para a concepção da época, já deveria estar impregnado de elementos ordenadores oriundos de uma racionalidade reguladora:

A alma racional tem, portanto, um duplo papel a desempenhar: ela terá que fixar para o corpo um regime que seja efetivamente determinado pela natureza do corpo, suas tensões, o estado e as circunstâncias em que se encontra; mas ela só poderá fixá-lo corretamente com a condição de ter operado sobre si mesma todo um trabalho: ter eliminado os erros, reduzido as imaginações, dominado os desejos que lhe fazem desconhecer a sóbria lei do corpo⁵⁶.

⁵⁴ Idem, p.59.

⁵⁵ FOUCAULT, Michel, 1985, p.136.

⁵⁶ Idem, p.136.

É preciso ajustar este corpo e esta alma, pois “assim como o corpo não deve se deixar levar sem o correlativo de um desejo na alma, esta não deve ir além daquilo que exige o corpo e do que ditam suas necessidades⁵⁷.”

O suicídio, desejo de encontrar a imortalidade e/ou cura/salvação dos males desse mundo, passando para uma “realidade complementar”, “*outro mundo*”, uma outra realidade social imaginada, marcada por:

esperanças, desejos e vontades que aqui ainda não puderam se realizar pessoal ou coletivamente, (...) é um mundo de esperanças e de potenciais que a história e o rumo dos acontecimentos não fez com que se realizassem (...) o 'mundo do *outro lado das coisas*', e como virtualmente tudo para nós tem o outro lado, o *outro mundo* pode aspirar à posição de ser esse outro lado revestido num tempo de eternidade⁵⁸, mesmo que no campo imaginário; afinal, “o evento real da morte refere-se ao imaginário⁵⁹”.

O ato de troca é já uma relação social, que subentende um outro, uma certa alteridade. Esta troca simbólica entre os vivos e os mortos não tem fim, há uma continuidade desta efetivação de permuta, mesmo que não presentes, corporificados, no meio dos vivos, a angústia mortal. A morte se troca de qualquer forma: quer seja no processo de luto individual, quer em um ritual funerário, conforme ainda assinala Baudrillard, negociamos com nossos mortos sob nossas espécies de melancolia. O inconsciente se encarregará deste processo simbólico, demonstração da vida que se entrega à morte.

Do veneno, o homem, num movimento de procura e encontro de seu verdadeiro ser, se utiliza quando, possuído pela angústia – sentimento possibilitador e desencadeador da reflexão acerca de sua condição de indivíduo – para afrontamento e ruptura com o destino prescrito pela modernidade.

As doses, o indivíduo – formatado dentro de uma linearidade, polarizado por uma sociedade perversa que o desaloja, impedindo o encontro com seu auto-conhecimento ou uma *imagem de si mesmo* – serve ao projeto racional do devir moderno, ou delas se utiliza como possibilidade para tornar-se *si mesmo* enquanto agrega sua própria experiência. As inquietações provenientes deste mundo moderno, porvir em fluxo contínuo, não pertencendo mais ao homem, o elevam à condição de público e a viver no anonimato que, cercado de referenciais refratários, o faz perder sua experiência individual.

⁵⁷ FOUCAULT, Michel, 1985, p.138.

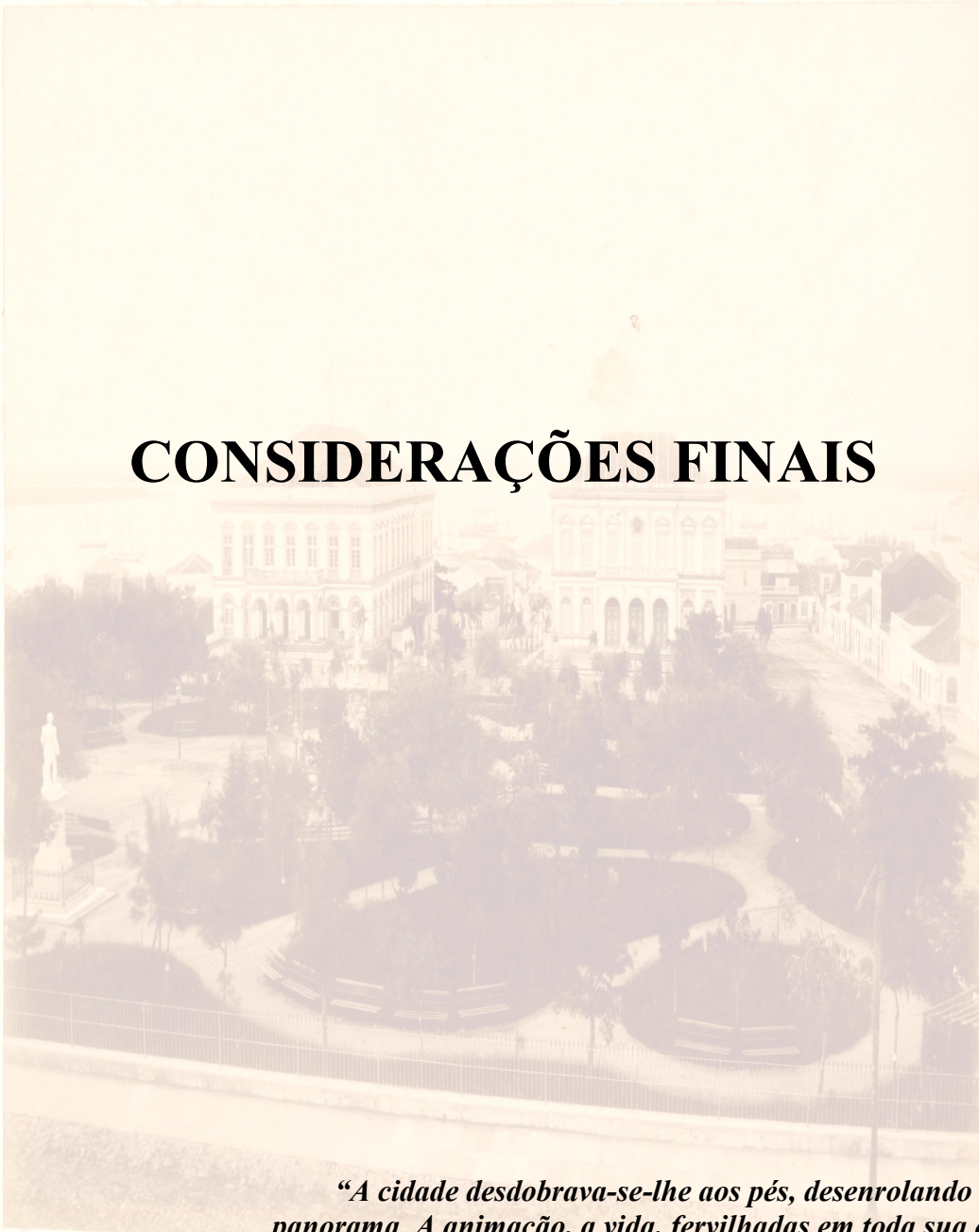
⁵⁸ DAMATTA, Roberto, 1987, p.165.

⁵⁹ BAUDRILLARD, Jean, 1996, p.183.

O suicídio, desejo de busca da imortalidade, onde a vida em sua plenitude poderá ser encontrada, significando o fim do existente, constitui-se, então, enquanto veneno do moderno.

PORTO ALEGRE

CONSIDERAÇÕES FINAIS



“A cidade desdobrava-se-lhe aos pés, desenrolando um vasto panorama. A animação, a vida, fervilhadas em toda sua extensão, como em um corpo putrefato as larvas em plena atividade.”

Estrychnina

PRAÇA PEDRO II.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

O moderno se envenena de desejo na Porto Alegre do final do XIX: *Estrychnina*, novela de 1897, uma imagem da cidade em direção à modernidade.

Nas tramas discursivas de *Estrychnina*, o drama dos protagonistas, enredados na angústia da modernidade, representavam o desejo, envenenando o ser moderno, como figurativo de ruptura de um projeto.

A tentativa de estar em sintonia com a fluidez da modernidade faz com que um sustentador aparato se desenvolva, estabelecendo, na solidez dos marcos, a classificação dos sujeitos em progressão, ou moventes no próprio progresso.

A cidade, vasto panorama da modernidade, palco das tramas do discurso normativo, é reflexo deste jogo de sombra e ambivalência constituinte da construção do ideário da época. Este espaço urbano, “corpo putrefato” que se mantém em pleno movimento, direciona os passantes a seguir uma “vida fervilhada”, como que “larvas em plena atividade”. Tudo caminhando para a vida e busca da felicidade, que os aguarda no porvir, até que o desejo do encontro com o não-ser – poderia se dizer o não-ser moderno – os conduza à realização plena, fora do estabelecido.

Construir a imagem de uma Porto Alegre situada ao final do século XIX, em direção à modernidade, quando fronteiras da tradição são diluídas, ou deslocadas, e onde os desdobramentos de idéias, comportamentos e atitudes que caracterizam a época convivem, não é ação de ou para um único olhar. Os discursos presentes na Literatura, aqui cit a novela *Estrychnina* - que, por suas características de gênero e poder de penetração e aceitação à época - , já denotam um andar nas trilhas da linearidade, pelos elementos que nela se inserem, bem como o discurso histórico, engendrados e amalgamados ao que também apresentado pela imprensa jornalística, são possibilitadores de um desvelar do habitante da urbe, do homem-ser-moderno, que, mesmo em fluxo contínuo, deixa-se ler nas entrelinhas das narrativas, por quem a ele lançar um olhar de busca.

A imprensa escrita, aqui representada pelo jornal Correio do Povo, fonte verificadora da realidade presente na literatura, demonstra velocidade das transformações não só a partir dos relatos dos fatos, mas principalmente através das modificações realizadas, por conta das demandas, nos espaços destinados aos anúncios publicitários, cartas dos leitores e comunicações internacionais, bem como em relação à tiragem do periódico, que aumentava de um ano para outro.

A modernidade, já tão enfatizada pela sua como que desconstrução de uma tradição, fragmentação e ao mesmo tempo emaranhado de subjetividades e objetividades, tão dicotômicas e polarizadas, deixa impressa parte de sua passagem em quem nela se quer relatar. Através de tal partilha do conhecimento, o observador, mesclando sua experiência aos discursos provenientes deste movimento, poderá compor uma imagem do comportamento do cidadão. A palavra desencadeia uma pluralidade de interpretações que, entrecruzadas como que em uma teia, possibilitaram a leitura do espírito do tempo vivido ao final do século XIX.

O Romantismo, em sua tentativa de fusão daquilo que compartimentado fora pelo projeto racionalista, refletiu a ânsia causada pelo *continuum* do modelo, mas não foi suficiente para engendrar o que partido se encontrava. Continuava moderno em sua linearidade. A concepção do urbano é deslocada da tradição, e os românticos, na angústia desencadeada pelo viver individualista, vislumbram, em seus desdobramentos, unir-se a partir de uma identidade carregada de tradição com pinceladas de modernidade. Não há como fugir do espírito do seu tempo.

Do veneno, figurado na morte voluntária, o indivíduo se pode utilizar, como possível solução ao desencontro provocado pela marcha em direção ao progresso. Quer se constitua busca ao Infinito, encontro com a imortalidade, ou salvação dos infortúnios desse mundo e chegada a um tempo/espaço sem as angústias do destino pré-formado. O suicídio desacomoda a todos os atores da sociedade moderna, formatada que foi para pensar no homem como passante, transeunte de uma realidade fugidia, que assim deve ser para não estabelecer vínculos e/ou comportamentos de enraizamento de referenciais os quais não contemplem ou se identifiquem com aqueles determinados e reconhecidos pelo processo da modernidade.

No limite da condição humana, fronteira que nem a Ciência e a técnica, em seus ditames racionalistas e regulares conseguiram apreender, o suicídio entra em cena, mesmo quando projetado e detalhadamente organizado, como foi possível constatar no decorrer da dissertação. Apesar de conter um certo sopro moderno, na ação de ordenamento, constitui manifestação de cisão com o corpo social, a sociedade que acreditou e creditou a ele a obrigação da busca de um porvir promissor e utilitarista.

Este teste da condição humana sempre apareceu como doença do viver moderno, sendo, ainda hoje, assim visto, por romper com a crença de continuidade do bem, ao encontro da felicidade. O homem, ao cometer o suicídio, usa de seu corpo independentemente do que lhe foi determinado como ideal, propondo-se um escape à passividade da visão limitada e atrofiada pela Ciência, mito da modernidade, que se dizia detentora do verdadeiro saber. Ele define o seu trânsito.

A morte, contada em verso, prosa, tragédia ou comédia, cheia de significados e significantes, sempre descrita por quem vivo está, consagra o deslocamento/desacomodar do indivíduo, que a alimenta com seus anseios de encontro e salvação. Apelo para ultrapassagem ao não-ser, quando clamada pelo ato suicida, morrer é, entretanto e ao mesmo tempo, lei comum a todos os homens, que a encontram a cada dia, pois viver é viver para a morte.

Nas tramas do drama de viver no e ao descompasso de um pré-determinado projeto, a ânsia de ficar à margem se transformará em ressonância condutora a um refletir sua própria existência. Do veneno utiliza-se, a fim de efetuar o rompimento, e de suas doses bebe a cada manifestação de angústia que pressuponha o não-ser como incompatibilizador do destino prescrito pela modernidade.

E a cidade de Porto Alegre, ao final do século XIX, envenenada por tal desejo, segue em trânsito em direção à sua modernidade.

REFERÊNCIAS:

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- ARAÚJO, Dr. João Vieira de. *O Código Penal – Interpretado segundo as fontes, a doutrina e a jurisdição e com referência aos projectos de sua revisão. Volume II*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1902.
- ARIÈS, Philippe. *História da Morte no Ocidente*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- AZAMBUJA, Graciano. *Anuário 1896*. Porto Alegre, 1896.
- BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- _____. *A Poética do Devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BAKOS, Margareth Marchiori. *Porto Alegre e Seus Eternos Intendentes*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.
- BATAILLE, Georges. *O Erotismo*. São Paulo: Arx, 2004.
- BAUDELAIRE, Charles. *As Flores do Mal*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BAUDRILLARD, Jean. *A Troca Simbólica e a Morte*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- _____. *Da Sedução*. São Paulo: Papirus, 2001.
- BAUMER, Franklin Le Van. *O Pensamento Europeu Moderno. Séculos XIX e XX. Vol. II*. Lisboa/Portugal: Edições 70, 1977.
- BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas III – Charles Baudelaire Um Lírico no Auge do Capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- BERGSON, Henri. *A Evolução Criadora*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- _____. *Matéria e Memória*. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BONNIEC, Yves Lê e GUILLON, Claude. *Suicídio Modo de Usar*. São Paulo: EMW Editores LTDA, 1984.
- CATROGA, Fernando. *O Céu da Memória Cemitério Romântico e Culto Cívico dos Mortos*. Coimbra: Livraria Minerva Editora, 1999.
- CENTURIÃO, Luiz Ricardo Michaelson. *A Cidade Colonial no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.
- CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CÉSAR, Guilhermino. *História da Literatura do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora Globo, 1971.

CHIAPPINI, Lúgia e AGUIAR, Flávio Wolf de. (orgs.). *Literatura e História na América Latina*. São Paulo: EDUSP, 1993.

COELHO, Teixeira, selecionador. *A Modernidade de Baudelaire – Textos Inéditos Selecionados* -, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

CORREIO DO POVO, Porto Alegre, exemplares publicados em 1º de outubro de 1895 e entre 1º de janeiro de 1896 e 31 de dezembro de 1897, microfilmes 1 e 2 , acervo do Museu de Comunicação Hipólito Jose da Costa.

DASTUR, Françoise. *A Morte: Ensaio sobre a Finitude*. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

DA MATTA, Roberto. *A Casa e a Rua: Espaço, Cidadania, Mulher e Morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.

DECCA, Edgar Salvadori de e LEMAIRE, Ria (orgs.). *Pelas Margens, Outros Caminhos da História e da Literatura*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2000.

DOMINGUES, Beatriz Helena. *Tradição na Modernidade e Modernidade na Tradição*. Minas Gerais: COPPE/ UNRJ, 1998.

DOUGLAS, Mary. *Pureza e Perigo*. Lisboa: Edições 70, s/d.

DUMONT, Louis. *O Individualismo – Uma Perspectiva Antropológica da Ideologia Moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

DURAND, Gilbert. *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. *A Imaginação Simbólica*. Lisboa: Edições 70, s/d.

DURKHEIM, Émile. *O Suicídio*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ELIAS, Norbert. *A Sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

_____. *O Processo Civilizador , vol. I e II*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

FERREIRA, Athos Damasceno. *Colóquios com a Minha Cidade*. Porto Alegre: Globo, 1974.

_____. *Imprensa Literária de Porto Alegre no Séc.XIX*. Porto Alegre: Edições Urgs, 1975.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1ª edição, s/d.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade- vol I – A vontade de Saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

_____. *História da Sexualidade- vol III - O Cuidado de Si*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

_____. *Um Diálogo sobre os Prazeres do Sexo. Nietzsche, Freud e Marx*. São Paulo: Landy, 2000.

_____. *Vigiar e Punir*. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

_____. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

FRANCO, Sérgio da Costa. *Porto Alegre Guia Histórico*. Porto alegre: editora da Universidade, 1988.

FREUD, Sigmund. *A História do Movimento Psicanalítico- Artigos Sobre Metapsicologia e Outros Trabalhos, vol XIV*. Rio de janeiro: Imago, 1974.

GAUER, Ruth M. Chittó (coord). *Tempo/História*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

_____. *Conhecimento e Aceleração (Mito, Verdade e Tempo)* . in Revista de História das Idéias, v. 23. Coimbra: 2002.

_____. *O Reino da Estupidez e o Reino da Razão*. Rio de Janeiro: Editora Lumen Juris, 2006.

_____. (org.) *A Qualidade do Tempo: Para Além das Aparências Históricas*. Rio de Janeiro: Editora Lumen Juris, 2004.

GOODMAN, Louis S., GILMAN, Alfred Goodman. *As Bases Farmacológicas da Terapêutica*. Ed. Guanabara, 7ª edição. Rio de Janeiro: 1987.

GRÜNEWALD, José Lino. *Poetas Franceses do Século XIX* .Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

HILLMAN, James. *Suicídio e Alma*. Petrópolis: Vozes, 1993.

HUSS, Jacqueline. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo:Scipione, 1994.

JAKOBS, Günther. *Teoria da Pena e Suicídio e Homicídio a Pedido*. São Paulo: Manole, 2003.

LAZZARIN, Sonilde Kugel. *A Repercussão o Suicídio de pacientes na Vida Pessoal e Profissional dos Psiquiatras*. 2004. 170 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Criminais) - Faculdade de Direito, PUCRS, Porto Alegre, 2004.

LYOTARD, Jean-François. *O Inumano. Considerações sobre o Tempo*. Lisboa: Estampa, 1990.

MAUSS, Marcel. *Ensaio Sobre a Dádiva*. Lisboa: Edições 70, s/d.

MICHELON, Francisca Ferreira. *Cidade de Papel: A Modernidade nas fotografias impressas de Pelotas (1913-1930)*. 2001. 547 f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de História, PUCRS, Porto Alegre, 2001.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de Termos Literários*. São Paulo: Cultrix, 1995.

MONTEIRO, Charles. *A Inscrição da Modernidade no Espaço Urbano de Porto Alegre: 1924-1928*. 1992. 273 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de História, PUCRS, Porto Alegre, 1992.

MORIN, Edgar. *O Homem e a Morte*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

NESTROVSKI, Arthur e SELIGMANN-SILVA, Márcio. (orgs) . *Catástrofe e Representação*. São Paulo: Escuta, 2000.

NOVAES, Adauto. *Tempo e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. *O Desejo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

PAVIANI, Jayme. *Formas do Dizer: Questões de Método, Conhecimento e Linguagem*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

PESAVENTO, Sandra J. *O Imaginário da Cidade*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

_____. *Uma Outra Cidade – O mundo dos Excluídos no Final do Século XIX*. São Paulo Companhia Editora Nacional, 2001.

PORTO ALEGRE, Achylles. *Jardim de Saudades*. Porto Alegre: Oficinas Graphics Wiedemann & Cia, 1921.

_____. *Noutros Tempos (Chronicas)*. Porto Alegre: Livraria Globo, 1922.

PRIGOGINE, Ilya. *O Fim das Certezas. Tempo, Caos e As Leis da Natureza*. São Paulo: UNESP, 1996.

PRIORE, Mary Del (org). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: UNESP/ CONTEXTO: 2000.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Cultura, Sociedade Rural, Sociedade Urbana no Brasil*. São Paulo: Livros Técnicos e Científicos Editoras S.A., EDUSP, 1978.

RAMA, Angel . *A Cidade das Letras*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

RICOUER, Paul. *Tempo e Narrativa*. São Paulo: Papyrus Editora, 1994.

_____. *O Conflito das Interpretações*. Porto: Rés-Editora, 1998.

RIMBAUD, Arthur. *Iluminuras*. São Paulo: Iluminuras, 1994.

- SÁ, Alexandre Franco de. *Metamorfose do Poder*. Coimbra: Ariadne Editora, 2004.
- SANHUDO, Ary Veiga. *Porto Alegre - Crônicas da Minha Cidade*. Porto Alegre: Editora Movimento, 1975.
- SARTRE, Jean Paul. *A Imaginação*. São Paulo: DIFEL, 1985.
- SCHOPENHAUER, Arthur. *Metafísica da Morte*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- _____. *O Mundo como Vontade e Representação*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.
- SCHUCKING, Lewin L. e CÂNDIDO, Antônio. *Arte, Literatura e Sociedade*. São Paulo: USP, 1971.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio (org). *História, Memória, Literatura – O Testemunho na Era das Catástrofes*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1999.
- _____. *História da Vida Privada no Brasil, v. 3*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SILVA, Jandira M. M. da; CLEMENTE, Irmão Elvo; BARBOSA, Eni. *Breve Histórico da Imprensa Sul-Riograndense*. Porto Alegre: CORAG. 1986.
- STEIN, Ernildo. *Pensar é pensar a diferença - Filosofia e Conhecimento Empírico*. Ijuí: UNIJUI, 2002.
- TARNAS, Richard. *A Epopéia do Pensamento Ocidental – Para compreender as idéias que moldaram nossa visão de mundo*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- TOTTA, Mário; AZURENHA, José Paulino de; LOBO, José Carlos de Souza. *Estrychnina*. Porto Alegre, Artes e Ofícios, 1998.
- TOURAINÉ, Alain. *Crítica da Modernidade*. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.
- VENEU, Marcos Guedes. *Ou não Ser: Uma Introdução à História do Suicídio no Ocidente*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.
- WHITE, Hayden. *Trópicos do Discurso – Ensaios sobre a Crítica da Cultura*. São Paulo: EDUSP, 2001.
- _____. *Meta-História, A Imaginação Histórica do Século XIX*. São Paulo: EDUSP, 1995.
- ZILBERMAN, Regina. *A Literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

Imagens constantes da apresentação em DVD, conforme aparição no Crédito de Imagens:

Foto 1: Calendário Santos e Festas da Igreja, in *Anuário Graciano Azambuja*, setembro/1896. Acervo do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

Foto 2: Praça da Matriz, sem autor, 1890. Acervo do Museu Joaquim José Felizardo/Fototeca Sioma Breitman.

Foto 3: Bico de pena de Marta Schidrowitz, in *Portfolio Porto Alegre Antigo (177-1972)* . Prefeitura Municipal de Porto Alegre, Porto Alegre: Editora Paniel, 1972, p.79.

Foto 4: Vista Riachuelo, in *Portfolio Porto Alegre Antigo (177-1972)* . Prefeitura Municipal de Porto Alegre, Porto Alegre: Editora Paniel, 1972, p.31-32.

Foto 5: Mapa Edificação da cidade, em destaque Rua Riachuelo, 1893, folha 2, Acervo Arquivo Moyses Vellinho.

Foto 6: Vista do Arraial do Menino Deus e um bonde puxado a burro, final do século XIX, Virgílio Calegari. Acervo do Museu Joaquim José Felizardo/Fototeca Sioma Breitman.

Foto 7: Rua dos Andradas, século XIX, Irmãos Ferrari. Acervo do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

Foto 8: Rua dos Andradas com Praça D. Feliciano, 1895, in HACK, Carlos Alberto de Almeida. *CD Porto Alegre Foi Assim!*

Foto 9: Rua dos Andradas, 1871, sem autor. Acervo do Museu Joaquim José Felizardo/Fototeca Sioma Breitman.

Foto 10: Praça da Alfândega, 1871, sem autor, in HACK, Carlos Alberto de Almeida. *CD Porto Alegre Foi Assim!*

Foto11: Rua dos Andradas, 1890, sem autor, in HACK, Carlos Alberto de Almeida. *CD Porto Alegre Foi Assim!*

Foto12: Banda Municipal de Porto Alegre, in *Portfolio Porto Alegre Antigo (177-1972)* . Prefeitura Municipal de Porto Alegre, Porto Alegre: Editora Paniel, 1972, p.92-93.

Foto13: Rua dos Andradas esquina Praça da Alfândega, 1890, sem autor, in HACK, Carlos Alberto de Almeida. *CD Porto Alegre Foi Assim!*

Foto 14: Sobrado localizado à Rua Riachuelo, início do século XX, Virgílio Calegari. Acervo do Museu Joaquim José Felizardo/Fototeca Sioma Breitman.

Foto 15: Acendedores de Lampião, início do século XX, Virgílio Calegari. Acervo do Museu Joaquim José Felizardo/Fototeca Sioma Breitman.

Foto 16: Praça XV de Novembro, 1900, sem autor, in HACK, Carlos Alberto de Almeida. *CD Porto Alegre Foi Assim!*

Foto 17: Docas ao lado do Mercado Público, século XIX, sem autor, in HACK, Carlos Alberto de Almeida. *CD Porto Alegre Foi Assim!*

Foto 18: Docas e parte do Mercado Público, 1892, sem autor, in HACK, Carlos Alberto de Almeida. *CD Porto Alegre Foi Assim!*

Foto 19: Pelotas início do século XX, in <http://curipalacehotel.com.br/pelotas.asp>, coletada em 04/05/2006.

Foto 20: Frasco de estricnina, sem data, in <http://estel.bib.4b.es/pharmakotreka/fotos>, coletada em 04/05/2006.

Foto 21: Vegetal que contém estricnina, in www.bvsalut.coc.fiocruz.br/html/pt/static/trajetoria/volta_brasil/imagens/chalmugra_mini.jpg, coletada em 04/05/2006.

Foto 22: Cia. Carris João Pessoa, 1895, sem autor, in HACK, Carlos Alberto de Almeida. *CD Porto Alegre Foi Assim!*

Foto 23: Rua Voluntários da Pátria, esquina com Praça XV, vendo-se um bonde puxado a burros e algumas caretas, final do século XIX, Ferrari e irmãos. Acervo do Museu Joaquim José Felizardo/Fototeca Sioma Breitman.

Foto 24: Arraial do Menino Deus, final do século XIX, Virgílio Calegari. Acervo do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

Foto 25: Mapa Edificação da cidade, em destaque Rua 13 de Maio, 1893, folha 14. Acervo Arquivo Moyses Vellinho

Foto 26: Igreja Nossa senhora das Dores final do século XIX, sem autor. Acervo do Museu Joaquim José Felizardo/Fototeca Sioma Breitman.

Foto 27: Igreja Nossa senhora das Dores final do século XIX, sem autor. Acervo do Museu Joaquim José Felizardo/Fototeca Sioma Breitman.

Foto 28: Rua Andradas, 1900, sem autor, in HACK, Carlos Alberto de Almeida. *CD Porto Alegre Foi Assim!*

Foto 29: Rua Riachuelo, 1895 sem autor, in HACK, Carlos Alberto de Almeida. *CD Porto Alegre Foi Assim!*

Fotos 30 e 31: Notícia veiculada no jornal Correio do Povo, como manchete Última Hora: *Envenenamento e Duas Mortes*, no dia 04 de setembro de 1896. Microfilme número 1. Acervo Museu Hipólito José da Costa.

Foto 32: Praça Dom Feliciano, Vista da Santa Casa e Igreja Senhor dos Passos, 1888. Irmãos Ferrari. Acervo do Museu Joaquim José Felizardo/Fototeca Sioma Breitman.

Foto 33: Vista da Santa Casa, in *Portfolio Porto Alegre Antigo (177-1972)*. Prefeitura Municipal de Porto Alegre, Porto Alegre: Editora Painel, 1972, p.23.

Foto 34: Mapa de Edificação da Cidade, com destaque para o Cemitério da Santa Casa, 1893, folha 13.

Fotos Cemitério (35 e 36): Vista do portão principal do Cemitério da Santa Casa e dos nichos ocupados pelos corpos dos suicidas, à época de 1896. Atualmente, os restos mortais não mais ocupam esse espaço. Imagem coletada pela autora do presente trabalho, em maio de 2006.

Fotos 37 e 38: Registros de óbitos de Antônio Borges Lima e Francisca da Gama, Livro de Óbitos número 20. Acervo CEDOP, Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre.

Foto 39: Rua Marechal Floriano, esquina com Praça XV de Novembro, final do século XIX, sem autor. Acervo do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

Foto 40: Rua Marechal Floriano, final do século XIX, sem autor, in HACK, Carlos Alberto de Almeida. *CD Porto Alegre Foi Assim!*

Foto 41: Anúncio de futura publicação da novela *Estrychnina*, em coluna intitulada *Diversas*, Correio do Povo, publicada nos dias 09 e 10 de setembro de 1896. Microfilme número 1. Acervo Museu Hipólito José da Costa.

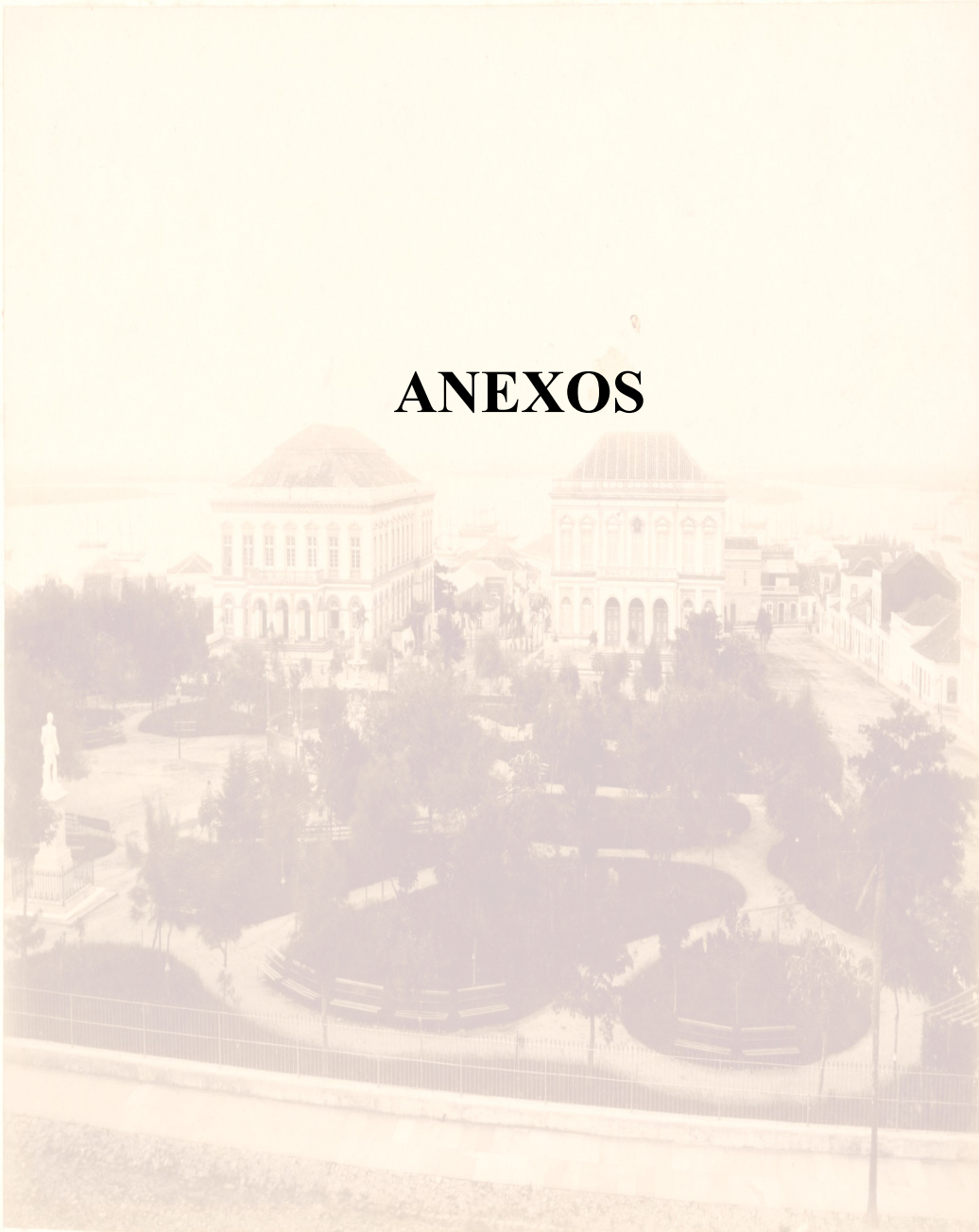
Foto 42: Anúncio de lançamento da novela *Estrychnina* e publicidade em torno da mesma, pela Editora Livraria Americana, Correio do Povo, 1º de junho de 1897. Microfilme número 1. Acervo Museu Hipólito José da Costa.

Foto 43: Vista do Edifício da Livraria Americana, final do século XIX, sem autor. Acervo do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

Foto 44: Capa da edição comemorativa no centenário de lançamento do livro *Estrychnina*. Foto da pesquisadora.

Foto 45: Francisca Gama, sem data e autor. Imagem reproduzida a partir de publicada in jornal Zero Hora, 10 de agosto de 2003.

PORTO ALEGRE



ANEXOS

PRAÇA PEDRO II.

PHOT. FERRARI & IRMÃO.

Rua Duque de Caxias 247 B.

ANEXOS A – Notícias publicadas no jornal
Correio do Povo, no período compreendido entre
1º de janeiro de 1896 e 31 de dezembro de 1897

APRESENTAÇÃO:

Os anexos daqui constantes representam acervo de reportagens publicadas no jornal *Correio do Povo*, no período que compreende os dias que vão de 1º de Janeiro de 1896 a 31 de Dezembro de 1897, abarcando a variedade de abordagens e estilos a que se dedicavam os repórteres e jornalistas de então. Assim é que, neles, poder-se-ão ler notícias, comunicados, piadinhas, comentários, cartas e até publicações de notícias recebidas de outros periódicos, de dentro e de fora do país.

A seleção contemplou aqueles que estivessem relacionados diretamente com o tema do suicídio, a partir do entendimento da consideração das reportagens a respeito do suicídio de Antonio Borges Lima e Francisca Gama, pelos autores do romance *Estrychnina*, como elemento motivador para escritura da novela, e também o enfoque estabelecido pela pesquisadora quando da definição de seu objeto de pesquisa e encaminhamentos para análise, no decorrer da elaboração do projeto e da dissertação.

No processo de coleta, percebeu-se que, conforme já citado no decorrer do trabalho, o periódico costumava apresentar notícias referentes aos mais diversos assuntos e abordagens num formato que já demonstrava certa preocupação com suas categorizações e/ou ordem de importância - mesmo quando mesclados numa mesma página -, pelo espaço que costumavam ocupar, ainda que sem uma divisão criteriosa de seções, ou até de colunas que se mantivessem com regularidade. Exceções aqui devem ser feitas às colunas *Última Hora*, *Diversas* e *Malacacheta*, a qual circulou no decorrer de certo período compreendido entre os anos de 1896 e 1897, cujo conteúdo dava conta, como já citado no decorrer do capítulo I – *As Tramas do Drama* – do comentário de fatos locais ou de repercussão nacional ocorridos no dia anterior a sua publicação, uma espécie de *caricatura escrita* da época, por seu caráter irônico, satírico e transparente – alusão ao nome da coluna, cujo nome define mineral brilhante, muito transparente -, e também a alguns espaços que delimitavam notícias locais, nacionais, internacionais, avisos marítimos, anúncios comerciais, nascimentos e óbitos, divulgações de normas e, algumas vezes, editoriais.

Cabe salientar que sua reprodução é fidelíssima, enquanto grafia, à fonte consultada, considerados possíveis erros de tipografia e impressão – há palavras que foram encontradas ora escritas de uma ou outra forma, com ou sem algum sinal demarcador de acentuação – e também a convenção ortográfica válida para a época. Pelo presente crédito e facilitação de sua

leitura, pretende-se compreender todo acervo constante destes anexos, dispensando notas a cada vez que observados.

A leitura de suas entrelinhas pode constituir-se farta fonte a outros pesquisadores que demonstrarem interesse pelo tema, auxiliando-os em suas reflexões e considerações, lançando um olhar diferenciado a respeito do que aqui foi desenvolvido.

Notícias referentes a suicídios, publicadas no Correio do Povo¹,
no período situado entre 1º de Janeiro de 1896 e
31 Dezembro de 1897

07 de Janeiro de 1896

Suicidou-se hontem o jovem Adelino de Miranda Ferreira Campello, empregado no escriptorio da fabrica de vidros do Caminho Novo e alferes honorario do exercito.

Como de costume, apresntou-se elle hontem, na fabrica, as 6 ½ horas da manhã, para começar o trabalho dia io. Não dava indício de que o atormentasse qualquer preocupação, mostrando-se, pelo contrario, tranquilo e jovial como sempre.

Momentos depois, porém, deixando o escriptorio, foi á officina, e ahi ingeriu 200 gramas de acido sulphurico, preparado corrosivo que é ali utilizado no trabalho da fabricação do vidro e que se achava em copo.

O acido sulphurico é um corrosivo poderosíssimo, e d'ahi o martyrio atroz que desde logo começou a sentir o desventurado moço.

(...) Interrogado por varias vezes Adelino apenas dizia que o desejo decidido de morrer o levára á pratica do suicidio.

(...)

O suicida deixou grande numero de cartas e cartões, entre os quaes o seguinte, que nada esclarece o caso, sendo apenas digno de nota pela sua originalidade:

Á IMPRENSA – Peço-vos o obsequio de, no meu necrologio, não me chamarem louco, sympathico, co-religionario, amigo, etc. – essas pomadas todas que vocês usam.

Nem digam tambem que foi um acto de desespero, porquanto eu nunca estive mais calmo e reflectido do que hoje.

Não digam tambem que é covardia, porque quem é covardia, porque quem é covarde não se suicida. Saúde e assignantes – Ferreira Campello

¹ Tais notícias foram coletadas a partir de leitura de dois microfílmes, o primeiro contendo o período compreendido entre 1º de Outubro de 1895 e 29 de Junho de 1896, e o segundo, os periódicos publicados entre 1º de 1897 e 31 de Dezembro de 1898. Os documentos encontram-se arquivados no Museu de Comunicação Social Hypolito José da Costa.

30 de Abril de 1896

Suicídios Infantes

A respeito deste agitado fim de século reflexionava, em uma de suas últimas crônicas na imprensa parisiense o illustre escriptor francez Arsênio Houssayc, ha pouco fallecido:

O suicidio faz parte dos nossos costumes – dizia o impeccavel M. Prudhomme.

Não só os namorados de vinte annos succumbem ou fazem-se succumbir ao peso do amor, mas ainda os pequenos que vão á escola entre um thema de traducção e uma analyse de versos, arrojam-se ao Senna, porque o professor lhes fez má cara.

Em relação ás meninas, esse hysticismo de desespero, essa especie de vertigem do nada, origina-se no absurdo de exigências com que pretendem sobrecarregal-as, as quaes, começando por tocar ao ridículo, acabam por transformar-se no martyrio que as victima, pondo de parte os tratos que costumam inflingir a essas creanças sob o pretexto de fazel-as sabias.

05 de Agosto de 1896

Circunstancias do Facto

Temos a registrar caso de suicidio rodeado de circunstancias que o tornam curioso.

(...)E, ainda no goso da lua de mel desse segundo consorcio vivia o homem, quando tomou a deliberação de pôr termo á existencia.

O que parece fora de duvida é que Frank se suicidou com receio de ser punido pelo crime de bigamia.

04 de Setembro de 1896

Última Hora
Envenenamento e 2 mortes

“Hontem, ás 9 ½ horas da noite, quando um de nossos companheiros de trabalho passavam pela pharmacia Firmiano, á rua dos Andradas, notou que alguma cousa de extranho ali se passava.

E não se enganou, pois teve logo de assistir ao emocionante desenvolvimento de um tragico drama de amor.

Achava-se na pharmacia, sentado a uma cadeira, o jovem Antonio Borges Lima, de 21 annos de idade, empregado, até dois dias antes no escriptorio da Companhia Fiação e Tecidos.

Foi elle o primeiro a chamar o nosso companheiro, que, se lhe acercando, com elle travou o seguinte dialogo:

- Então, Borges, que é isso?

- Tomei estrychnina, e estou envenenado.

- Como? por que?

- Uma loucura de moço: cousas do coração.

- Alguma paixão?

- Sim, amo uma mulher, e não posso viver com ella extensivamente, porque a sociedade não o consente. Por isso resolvemos morrer. Mas peço-te que não noticies cousa alguma para não assustar minha família.

- Então trata-se de dois envenenamentos?

- É exacto. Tomamos estrychnina eu e a minha amante.

- Quem é ella? Onde mora?

- Chama-se Francisca da Gama e mora na rua da Ponte nº 169, entre as ruas Clara e do Arroio.

- Mas não eras tu que, há pouco ás 7 horas da noite, conversavas com uma mulher, á esquina da rua do Arroio, quando por ali eu passei?

- Era eu sim, e a mulher a minha amante.

- E o que faziam vocês?

- Combinavamos o envenenamento.

- E como obtiveste o veneno?

- Roubei-o numa pharmacia.

- Não sente dôres?

- Nenhuma: sinto apenas contracções dos nervos, symptoma da morte. E só lamento morrer longe della, que tanto estimo.

- E não estás arrependido?

- Estou. Não devíamos ter feito isto. Mas... já agora, que remedio?

- Mas...

- Faze-me um favor: vae ver como está a Chiquinha, e procura um medico para que salve a coitadinha!

- Mas...

- Se és meu amigo, faze o que te peço. Vae.

.....

Sáímos, e fomos ter á casa da rua Riachuelo n. 169, pavimento terreo do sobrado em que reside o sr. Carlos Coelho de souza, empregado aposentado do Thesouro do Estado.

Lá, o quadro era diverso:

Francisca Tavares da Gama, rapariga apenas de 19 annos de idade, physionomia sympathica, jazia extendida sobre o leito, labios descerrados, lhos abertos, parados numa fixidez impressionadora.

(...)

Sobre a mesa, havia um vidro de estrychnina, um de ammoniaco, e dois calices, num dos quaes restos insolvidos daquela substancia venenosa.

(...)

Apoderámo-nos do vidro de estrychnina, vasio, para entregal-o á autoridade que comparecesse.

(...) Borges Lima ahi entrou, contando calmamente o occorrido, mas desjeso de não abandonar a vida.

Quando com elle conversamos, como acima ficou dito, a sua physionomia não apresentava alterações notáveis, e, no correr do dialogo, muitas vezes sorria.

(...) Do acontecido de algumas das cartas parecer transparecer que Borges Lima resolveu suicidar-se por não contar com os recursos pecuniários de que carecia para o sustento de sua amante.

(...)

O vidro de estrychnina não tinha o rótulo da pharmacia a que pertencera, mas apenas o da casa importadora do artigo: a casa Eduardo Sequeira, de Pelotas.

05 de Setembro de 1896

(...)

No seio de sua família, o desventurado moço não manifestava intenções de suicídio, embora fosse certo que ultimamente manuseava com frequência o manual therapeutico de Chernoviz, demorando-se no estudo da secção relativa a venenos.

Sobre essas substancias e seus varios effeitos discorria elle com prazer, dizendo mesmo que havia de se suicidar, mas sempre o fazia em tão accentuado tom de gracejo, que jamais alguém com isso se preocupou.

Carta

(...)

Declaramos que nossa morte foi em consequencia de termos engerido forte dose de estrychnina, fizemos esta para que não suspeitem um crime – Porto Alegre 1 de Setembro de 1896

Antonio Borges Lima – Francisca Gama

Carta

Estamos satisfeitos, como si nada houvesse, temos gosado muito, chegou o momento, adeus mundo - 2 de Setembro

O Retrato de Chiquinha

“Um dos nossos reporters, depois de porfiadas diligencias, conseguiu hontem obter o retrato de Chiquinha, em moderna e fiel reprodução photographica.

Acha-se elle em nosso escriptorio, onde podem vel-o as pessoas que se interessarem pela desventurada infeliz suicida.”

Malacacheta

“Não há dúvida que os tempos vão ferteis em casos, que por ahi apparecem ao acaso, quase todos os dias, causando emoções aos povos e occasionando bons lances de *reportagem*, para gáudio da imprensa indígena.

Há casos que dão simplesmente em casamento, como os ha que acabam apenas em causas do fôro, onde fora excepções, muito se entorta o direito tratando-o com assombroso descaso.

(...) passar boçal de couro fresco em muita pomba ingênua que lhe ouviu os arrulhos, protocolos no casarão do Itamaraty e que teve repercussões em são Paulo, Bahia, Sabará.

Caso do duplo suicidio, que é ainda a nota do dia nestes dias em que tanta causa digna de nota vae registrando a imprensa.”

08 de Setembro de 1896

“Ainda perdura vivida na alma popular a funda impressão causada pelo duplo suicidio de 2 do corrente (...).

Mais um caso de suicidio na Rua da Várzea, com um golpe no pulso com o intuito de seccionar as artérias.

09 de Setembro de 1896**Outro Envenenamento?**

peão da barraca de couros ingeriu dose de arsenico e “tomando um copo de caxaça”.

“Immediatamente para lá se dirigiu um companheiro nosso, que tomou sobre o caso as seguintes informações:

o suicida arrepende-se de ato e pede ao farmacêutico que salve sua vida..

repórter se coloca como amigo do peão a fim de obter informações para compor a notícia.

motivo do ato: “andava aborrecido da vida, amolado”

o peão encontra-se com um amigo e diz-lhe que irá suicidar-se no dia seguinte e pede para este comparecer a seu enterro. O amigo fazendo troça da situação, retruca salientando que irá para fora e sugere que realize o ato no outro dia. O peão sem pestanejar disse que se mataria então”depois d'amnhã”

(...) Temos em nosso poder um bilhete escripto por Chiquinha a Borges, em mados de agosto último, depois de lhe haver declarado verbalmente que se suicidaria se elle casasse com A.V.

Nessa ocasião, Chiquinha mostrou-lhe um vidro que dizia conter veneno.

Carta

(...) Quero que meu enterro, seja o mais simples possível, e até unicamente com acompanhamento de quatro pessoas que possam conduzir o caixão.

Pecço a meu padrinho, monsenhor Pinheiro, para encomendar meu corpo.

Os três retratos que encontrardes junto a esta, de Francisca Gama, serão enterrados junto commigo e a um amor perfeito de cabellos que está no armarinho.

P.S. Encontrareis alguns pedidos sem nexo, mas é desculpável, por eu estar debaixo de horrível impressão. – Neco

11 de Setembro de 1896

Piadinha

“Entre litteratos:

- De que vae morrer a *amante*?

- Ora, da *Estrychnina*.”

Última Hora

Tentativa de Suicídio

- Um moço de 18 annos ingere boa quantidade de acido phenico.

“Sabemos que diversas pharmacias desta capital têm recusado nestes últimos dias, vender substancias venenosas a pessoas não conhecidas.

Motiva essa preocupação a frequencia com que estão se reproduzindo os casos de envenenamento.”

Malacacheta

A proposito vá lá um desproposito:

- Então, foi-se o ministro do exterior?
- É exacto. E a morte foi causada...
- Pela estrychnina?
- Não, pela protocollina².

“Nem só a mania dos suicidios é contagiosa: tambem a dos raptos póde generalisar-se, como temos visto nestes ultimos dias em que já registrámos até um caso suspeito de incesto.”

12 de Setembro de 1896

Serviço telegráfico

Pelotas, 10

Tentou hontem suicidar-se vibrando uma facada no pescoço, um preto de nome José Feliciano Palmeiro, empregado no armazém do sr. Alberto Rosa.

Suppõe-se que José Feliciano está soffrendo das faculdades mentaes.

O seu estado não inspira cuidados.

² A piada refere-se ao caso dos protocolos que envolvia o Dr. Prudente de Moraes e o ministro do exterior, Dr. Carlos de Carvalho, filiado ao Partido Republicano- insatisfeito com a actual presidência-, que aproveitando-se do escândalo dos protocolos se desfz do ministro com mais facilidade, já que este articulava o abandono do cargo de presidente por Prudente de Moraes. Nota da autora, a partir de dados obtidos no jornal Correio do Povo, edição do dia 10 de Setembro de 1896.

20 de Setembro de 1896

Malacacheta

A imprensa está ameaçada de uma crise, não originaria da indômita bravura com que ella por ahi se xinga, mas por um verdadeiro *krak de reportagem*.

Agora que o Povoas e todo o rapazio do jornalismo diario deu sebo aos calcanhares da actividade, é que, justamente por isso o freio das conveniencias quer fazel-os esbarrar a meia-cancha.

É o caso que os rapazes estão bisbilhotando de ais, e a sua mexeriquice vae produzindo resultados funestos, por effeito do contagio. Nada menos que isto:

A imprensa começou a noticiar suicídios, os suicídios começaram a apparecer em tal profusão que só elles davam para encher os noticiários dos jornaes:

A imprensa entrou a registrar os raptos e foi um *chover de gatinhos*: era aos bandos que batiam azas as classicas pombas mansas dos poetas; (...)

(...) Contra as notícias de suicidio já de uma feita a *Sociedade de Medicina* fez finca-pé, querendo que a imprensa passasse véu espesso de sigilo sobre os desgraçados que, do pé para a mão, resolvem arrebentar a cabeça com uma bala de revólver.

Era inconveniente a noticia de suicidio, porque está provado que o contagio é forte e que, atraz de uns miolos espedaçados, outros miolos se espedaçam sempre.

(...)

Portanto, a bem dos miolos dos desesperados; da moral pública e privada; da integridade das virgens; da tranquillidade dos lares e do Thesouro – seja a imprensa arrolhada a sete rôlhas, respeito a tudo quanto possa alastrar pelo contagio.

Perfeitamente.

Mas então que hão de fazer d'ahi por diante o Povoas, o Daniel, o Renato, o Duarte, o Baptista, o Germaninho, o Souza e tantos outros que hoje têm praça na legião dos bisbilhoteiros?

De duas ama: ou os proprietários de jornaes terão de poensionar empregados para nada a fazerem, contra o que protestará logo o Eduardo: ou teremos a vagas pelas ruas mais uma boa dúzia de desocupados, contra o que protestará o código penal.

E a imprensa, que vae ser della, hoje em dia, si o phenomeno do contagio e o risco da imitação perigosa podem ter elasterio inda maior que a borracha do Pará, em suas múltiplas applicações?

Última Hora

Tentativa de Suicidio

Á ultima hora chega-nos a noticia de que Abrelina Teixeira, moradora na Azenha, tentou suicidar-se, ingerindo cabeças de phosphoros de pau.

(...)

A hora adiantada em que tivemos conhecimento do facto não nos permite adiantar mais detalhes sobre o occorrido.

Suicidou-se em Uruguayana, desfechando um tiro de revólver na cabeça, a jovem Mauricia Vilhalba, de 18 annos de idade, filha do sr. Remisio Vilhalba.

23 de Setembro de 1896

Três Suicidios

O sapateiro Leão Guilherme, de cincoenta e dois annos de idade, sua mulher, de trinta e oito, um filhinho de sete annos, suicidaram-se, por meio de asphyxia, em Paris, cões da Fournelle, 27, onde residiam.

(...)

O infeliz Guilherme deixára sobre a mesa duas cartas, uma dellas dirigida a um parente, outra ao commissario do bairro. Com palavras commovedoras declarava o pobre Guilherme as causas do seu acto de desespero e pedia que lhe perdoassem por não ter coragem para deixar viver, lançado na miseria certa, o seu querido filhinho. (...) Guilherme incapaz de continuar a lutar, pagou as dividas que tinha e dispoz-se a executar o funesto projecto que formára.

Este pungente drama produziu viva commoção em todo bairro.

26 de Setembro de 1896

Mais um suicidio acaba de dar-se em Santa Maria, segundo nos é referido em carta que d'ali recebemos.

A suicida chama-se Generosa Ufflacher, moça de 19 annos de idade. (...)desfechou ella na frente um tiro de pistola.

A morte foi instantanea.

Chamado o medico-militar (...) este apenas teve de attestar o obito.

Segundo se diz, o móvel do suicidio foi o ciume.

1º de Outubro de 1896

Neste dia, noticia-se o suicídio, com sal de azeda, de um empregado marmorista³.

08 de Outubro de 1896**Malacacheta**

Eis que voltou a pasmaceira: nem mais suicídios, nem mais raptos, nem mais divorcios.

Tudo como d'antes...

³ Aqui, não se lê a notícia em sua íntegra, devendo ser, entretanto, considerada como um dos tantos dados obtidos.

05 de Dezembro de 1896

O Suicida

Préstito em fitas passa atrás do esquite
 dum naufrago da vida, no recife
 do infortunio fatal

Viandante, uma lagrima silente
 para quem affronta, cego e demente
 o derradeiro umbral
 (...)

Na primavera em flores ser suicida
 armado de revolver homicida,
 compunge, e nada mais!
 Por que tentaste o salto de Lencate
 alma em delirio, miserando vate,
 Em tão verde estação?
 No cárcere terrestre não se tange
 tua lyra divina, e se confrange
 teu nobre coração
 (...)

Sim, és senhor da terra e de ti mesmo
 calculas tudo, nada é feito a esmo,
 o teu arbítrio é lei;
 o mundo marcha, marcha sempre, é certo:
 cada dia povôas um deserto
 dominas tudo, eu sei.

Sim, sem duvida assiste-te o direito
 dum arma util voltares contra o peito,
 que de ti és senhor.
 Mas quem foge e deserta o combate
 cumpre a nobre missão? E não se abate?

É um batalhador?

Quando o corpo está são, quando ha saude,
lutar, sempre lutar – eis a virtude:

O viver é lutar

Quem abaixa a cerviz ao soffrimento
calca o dever no próprio pensamento,
posterga a patria e o lar

O mundo é mau? É o homem tredo, infame?

Que te importa isto? Deixa que elle trame:

prepara-lhe o revez.

Ruge a gosto, leão, que tens a juba:

emboca no furor a épica tuba,

tral-o humilde a teus pés.

Apollinario Porto Alegre

06 de Abril de 1897

Publicação de um suicídio e assassinato noticiado no Rio de Janeiro e relatado no periódico, neste dia⁴.

⁴ O registro aqui aparece, sem descrição de toda notícia, como dado coletado, dentre tantos que procediam de outras fontes e eram reproduzidos no Correio do Povo.

08 de Abril de 1897

Drama de Sangue
Assassinato e Suicidio

Na Republica, da capital federal, encontramos estes detalhes sobre mais um crime alli praticado em dias do mez passado: Não ha três dias, um rapaz ingenuo tentava matar a moça que queria para esposa, e suicidava-se em seguida; e eis que hontem outro mata a rapariga alegre que amava e, perseguido, suicida-se!

(...)

A vitima quem é? Quem o sabe? É uma das muitas entregues ao minotauro da prostituição.

16 de Maio de 1897

Ao necroterio da Santa Casa foi recolhido hontem o cadáver do súbdito italiano José Arivetti, que pôz termo á vida, degolhando-se com um profundo golpe de faca.

O facto deu-se á rua Riachuelo n. 45, no hotel *La Cerva*.

Pela manhã, momentos antes da execução do seu fúnebre designio, Arivetti esteve á porta do estabelecimento, amolando pachorrentamente, em uma lagea de passeio, a faca com que devia cortar o fio da existencia, cousa por outros tão preciosamente zelada.

Um conductor de carroça de lixo, que por ali passava, viu o todo embebido nesse trabalho.

Concluída a tarefa, Arivetti entrou para casa citada onde, dahi a instantes, fez se o reboliço denunciador dos successos inesperados.

Acudido promptamente o chamado o subintendente Lozanda, este ainda o encontrou com vida, embora já nos estertores da agonia.

Perguntando se havia sido elle o autor voluntario daquelle acto, respondeu que sim, com um aceno de cabeça.

Foi encontrada, ainda ensanguentada a faca de que se utilisara, bem como um revolver.

Arivetti orçava pelos seus 52 annos de idade e exercia o officio de armeiro no arsenal de guerra.

Ao secretario do consul italiano a referida autoridade da policia municipal fez entrega de um pequeno bahú contendo roupas de uso, todo o espolio do suicida.

28 de Maio de 1897

Venda de armamento e munições

(...)

Attendendo que na attribuição ampla conferida á policia administrativa pela lei do Estado sob n. 11 de 4 de janeiro de 1896 no art. 4, de prevenir a pratica de crimes mediante uma vigilancia systematicamente exercida: e na de impedir o uso de armas (código penal, art.377) se contem implicitamente a facuidade de prover sobre o commercio de armas e outros petrechos de guerra, estabelecendo restricções, que a bem da ordem e tranquillidade publica, forem reclamados⁵.(...)

01 de Julho de 1897

Chamava-se Paulino Luiz Correa o creoulo que ante-hontem noticiamos haver-se suicidado.

Para levar a effeito o suicidio, serviu-se elle de uma pistola de dois canos que pedira emprestada a um peão do cidadão João Maria, dizendo que ia fazer uma caçada.

O projectil entrou pela bocca indo sair no alto da cabeça.

O suicidio foi praticado junto ao forno de incineração, na Azenha, á 1 hora da tarde do dia 28.

O suicida contava 20 annos de idade, era solteiro e morador á rua São João.

Ignora-se a causa desse acto de desespero.

O corpo foi entregue á familia, que o pediu, afim de lhe fazer o enterro.

⁵ Pode-se entender, na clara referència a tal attribuição, nas reclamações que a motivaram e a tal publicação, a preocupação com a onda de crimes em que se passa a fazer uso de armamentos, em especial entre os suicidas.

Suicidio ...Abortado

Phosphoro e estrychninja

Em uma carta anonyma tivemos de quem em a noite de domingo para segunda feira tentara suicidar-se um jovem, pertencente a distincta familia desta capital.

Immediatamente, e recomendando toda a direcção, encarregamos um dos nossos *reporteres* de se pôr no campo e tratar de descobrir o que havia de veridico nessa delação.

Como pela repartição da policia nada constasse a respeito, o nosso *repórter* teve de se valer dos seus próprios recursos de perspicacia e habilidade, afim de poder encontrar a ponta do fio que devia conduzir o através do dedalo de dificuldades que offerecem empresas da ordem dessa a que se abalançava.

Com felizes passos andou elle, e tanto que ante-hotem já estava senhor de todos os pormenores do mysterioso caso.

De facto, houvera a tentativa de suicidio que nos chegara ao conhecimento. Era, porém, de certa forma melindroso o succedido, não tanto pelas condições da victima, que felizmente se achava quasi livre de perigo, como pelas consequencias que podia acarretar a terceiros irremediavelmente envolvidos no tragico lance.

Bem andáramos, portanto, recommendando toda a discreção no esmerilhamento do successo.

Fora o caso que certo moço, alto e louro, filho de bôa familia, mas de vida um tanto bohemia, se apaixonara por uma senhora casada e de suas relações.

Si essas relações chegaram ou não a tornarem-se pecaminosas, não nos cumpre dizer.

O que aconteceu, porém, foi que a paixão do moço alto e louro, ou porque não encontrasse a desejada expansibilidade, ou porque soffresse qualquer momentaneo contratempo, explodiu ruidosamente, primeiro em lamentosas e mal veladas queixas e recriminações e depois resvalou para os desvios do espirito em que frequentemente se encontra por unica saida honrosa a porta do suicidio.

(...) o desorientado moço ingeriu uma infusa de phosphoros na qual lançou algumas gotas de estrychnina. Desta ultima e terrivel substancia venenosa elle obtivera apenas um restinho de certa quantidade que fora empregada como medicamento, e, devido a insufficiencia da dose foi que o infeliz rapas pôde ser salvo após ingentes esforços do medico italiano De Paoli(...).

Mais difficil ainda de tornou a missão dsse medico, em vista da decidida relutância do moço em tomar os antidotos que lhe eram ministrados.

(...)

Pedimos desculpa aos nossos leitores, por lhes havermos aguçado a curiosidade e não podermos, por não devermos, adiantar-lhes mais nada.

20 de Julho de 1897

Suicidio de uma noiva

(...)

De origem alemã, a jovem Emilia Hagel, 17 annos, filha de um alemão de mesmo nome, morador da colônia Javary(...).

De familia pobre, dirigiu-se á capital a fim de conseguir trabalho. Apaixonou-se por um operário morador da Rua Aurora. O pai não consentiu o casamento, mas acaba cedendo. Trabalhou como criada (...) vendo que lhe era aberto o seio daquela familia generosa, Emilia esmerava-se em retribuir a urbanidade com que era tratada.

Ingeriu veneno – Bisulphato de Mercúrio – que lhe dava convulsões. Foi attendida por mais de uma semana na casa da familia em que trabalhava, indo após para o hospital, onde veio a falecer.

31 de Julho de 1897

Tentou hontem suicidar-se o major Joaquim A. de Miranda Castro, residente no campo da Redempção, esquina do Caminho do Meio.

Aquelle cidadão foi levado a esse extremo por uma excitação nervosa, proveniente de prolongada molestia que o tem retido no leito e reclamado varias intervenções operatorias.

(...)

Mesmo por baixo das cobertas foi que elle se feriu gravemente desfechando enorme golpe no pescoço, e em seguida três no peito, um dos quaes perfurou lhe o pulmão esquerdo.

Para esse fim serviu-se de um bisturi que ha muito possuía e qu trazia occulto nas próprias vestes.

Chamados immediatamente os drs. José Carlos Ferreira e Sebastião Leão, procederam esses distinctos medicos aos necessarios curativos.

Mais tarde, tambem compareceu o dr. Ignácio Loureiro, delegado de policia, que procedeu ás diligencias legaes.

É bastante melindroso o estado em que se acha o sr. Mirande de Castro.

21 de Agosto de 1897

Diversas

Mais um suicidio

Ante-hontem, cerca do meio-dia, Angelina Rodrigues da Silva, residente á rua da Concórdia e amasia de João Ferreira Pinto, tentou contra a própria existencia, ingerindo certa quantidade de manteiga do Pará.

Apesar de promptamente soccorrida, Angelina pouco aturou, vindo a fallecer em meio de atrozes sofrimentos.

Motivou o suicidio o seguinte:

Por uma qualquer negligencia de seus deveres domésticos, angelina deixou nesse dia de servir a tempo o café de seu homem.

Esse, que tinha afazeres a cumprir, repreendeu-a por essa falta.

Angelina entrou para o quarto e d'ahi a pouco, Pinto, ouvindo o barulho da queda de uma chicara, nelle entrou, encontrando Angelina extremamente agitada.

Perguntando-lhe que succedera? Que tinha? Que significava aquilo? A rapariga lhe respondeu que queria morrer e confessou que ingerira veneno.

Pinto chamou immediatamente diversas pessoas, que testemunharam as declarações de Angelina e trataram de socorrel a, sendo, porem, improficuos todos os esforços para salvá-la, em vista da rapidez com que o veneno desenvolveu a sua destruidora acção.

O facto foi communicado á policia, que procedeu ás necessarias indagações, chegando ás mesmas conclusões acima.

Consta que Angelina por diversas vezes já tentara suicidar-se.

08 de Outubro de 1897

Suicidio

Deu-se hontem, nesta capital tristissima occorrenca que consternou a todos que della tiveram conhecimento.

Foi o caso que o sr. Sebastião Eleutherio de Medeiros, antigo artista typographo, homem de uma probidade intocavel, de uma vida exemplarissima já alcançado em annos, disponde de regular fortuna, gosando de justa consideração a que o seu correcto procedimento lhe dava direito, suicidara-se de uma maneira horrorosa, encharcando as suas próprias vestes em kerosene e incendiando-as.

De manhã cedo, Medeiros levantava-se subitamente do leito conjugal e em trajas menores dirigindo-se ao quintal da casa em que morava, á rua Riachuelo n.256, e de sua propriedade, levou a effeito o suicidio pelo modo terrivel que tinha imaginado.

Mais tarde, sua esposa tendo despertado, e dado pela falta, levantou-se e saiu á sua procura, indo enconral-o junto a umas bananeiras ao fundo do quintal ja cadaver e completamente assado!

Ante-hontem á tarde Medeiros dirigira-se ao armazem em que fazia suas compras e saldara a respectiva conta, mostrando-se então um tanto perturbado.

Contava cerca de 60 annos e ha apenas doois era casado, deixando desse enlace uma creança de pouco mais de um anno de idade.

Tinha ainda mãe o infeliz Medeiros, uma velhinha nonagenaria, ha muito tempo entrevada, e para quem aquelle filho unico era o unico alento de sua amortecida velhice.

Em toda sua vida, Medeiros nunca se apartara daquella que lhe dera o ser, retribuindo em cuidados de toda sorte, todo o entranhado e estremecido amor que ella lhe dedicara. E talvez por isso foi que atravessára a mocidade sem se desposar.

Ultimamente, porem, as faculdades mentaes do infeliz Medeiros entravam a acusar certo enfraquecimento, certa desorganização...

Quando melhor desse estado de espirito, procurou uma jovem senhora e casou-se inesperadamente.

Agora, também inesperadamente, dá cabo de si, d uma maneira tão barbara e horrorosa que bem demonstra lamentavel estado de suas faculdades intellectuaes.

Eleutherio Sebastião de Medeiros era um dos typographos mais antigos desta capital. Trabalhára muitos annos no *Jornal do Commercio*, enquanto de propriedade do finado Luiz

Cavalcanti, depois no *Mercantil*, até ao fallecimento seu amigo, proprietário daquela folha, João Canelo Gomes, e ultimamente nas officinas typographicas da casa Wiedemann e da Agencia Litteraria, onde se achava por ultimo.

Como dissemos acima, era de uma austeridade de costumes e de character a toda a prova, e mesmo em sua mocidade não deixou lembrança desses pecadilhos que são o apanagio da juventude tropega e áacre.

Pobre honrado Medeiros, a terra te seja leve! Que, poucas vezes, esta phrase tem uma applicação tão justa.

Á sua desolada familia nossa condolencias.

5 de Outubro de 1897

Diversas

Suicidou-se em São Leopoldo, terça-feira ultima, o cidadão Felipe de Oliveira Pinheiro, moço muito estimado, ali onde era conhecido por Felipe Serrano.

Cousas do amor foram a causa do lamentável successo.

Felipe de ha muito amava certa jovem filha de um negociante daquela cidade, sendo o seu amor correspondido pela moça, porém encontrando franca opposição da parte dos paes desta.

O infeliz enamorado esperou por muito tempo que o seu profundo amor, aliado a um correcto procedimento, vencesse a resistênciam que lhe era opposta.

Como, porém, nada conseguisse, desesperou (e dizem que quem espera sempre alcança) e resolveu pôr termo á existencia, que se lhe tornava insuportável.

Ás 2 ½ horas da tarde de terça-feira tomou de uma pistola de dois canos, calibre doze, e desfechou-a sobre o coração.

O projectil varou-lhe esse orgão saindo nas costas e foi aljar-se na parede do quarto.

Felipe era um moço muito sympathico e trabalhador.

Era perito sapateiro, e ha tres ou quatro annos exercia a sua profissão na fabrica de calçados dos srs. Bier & C.

Ao correr a noticia do suicidio, sua casa encheu se de grande numero das pessoas mais consideradas da cidade, comparecendo tambem as autoridades locais, que procederam ao auto de corpo delicto.

Felippe deixou escriptas apenas algumas linhas, declarando ter sido o autor de sua morte e pedindo que lhe fizessem um caixão bem grande.

De São Leopoldo enviaram a um amigo nosso, o seu retrato, que o representa um moço em pleno vigor physico, de physionomia bastante agradável, mas denotando espirito um tanto concentrado.

17 de Novembro de 1897

Diversas

Suicidou-se no dia 2 do corrente, disparando um tiro de revolver no ouvido direito, a jovem Maria Luiza, que residia em casa de uma filha do cidadão Maximo Irigaray, morador no município de Santana do Livramento.

Á muito tempo que a inditosa jovem affirmava que havia de se suicidar.

Naquelle dia, estando com uma creança ao colo, em um quarto onde se achava um revolver sobre um movel, passou a creança a outra pessoa, dizendo que ia acender uma vela, visto estar anoitecendo.

Desembaraçando-se da creança, a jovem Maria Luiza tomou rapidamente o revolver e, recostando-se sobre um bahú, disparou a arma.

A morte foi quasi instantanea.

08 de Dezembro de 1897

Diversas

A 1 hora da noite de ante-hontem pôz termo á existencia o inspector da guarda administrativa, João Ferreira Martins.

O infeliz suicida era solteiro, de 21 annos de idade e residia com sua mãe, na Avenida Aurora.

Momentos antes do suicidio, Oão Martins estivera de patrulha na praça Senador Florencio.

Serviu-se, para pôr termo á existencia, da pistola com que havia feito a patrulha, disparando sobre o peito um tiro que produziu a morte instantanea.

Amores mal correspondidos deram causa ao delito.

30 de Dezembro de 1897

Em São Sepé tentou suicidar-se o pharmaceutico pratico Justo Ignacio da Silva, que ali era estabelecido com pharmacia e casa de negocio.

Esse pharmaceutico quebrara fraudulentamente e os seus credores requerem a sua prisão, que foi effectuada.

O preso pediu *habbeas-corporis* ao juiz da comarca da Cachoeira que a negou, e recorreu para Superior Tribunal, que tambem negou a ordem impetrada.

Então, sendo o cidadão Justo sabedor desta decisão que naturalmente julgou injusta, resolveu suicidar-se, para o que se feriu com um canivete, dando duas ou tres punhaladas sobre o peito e tres ou quatro sobre o ventre.

Ocorreu este facto a 20 do corrente.

O estado do cidadão Justo, á principio grave, tem declinado melhoras.

ANEXOS B – Tabela de nascimentos e óbitos,
em Porto Alegre, no ano de 1896

APRESENTAÇÃO:

Constitui-se a tabela a seguir, em que se apontam os dados relativos a nascimentos, óbitos e gêneros, situados no ano de 1896 e publicados no jornal Correio do Povo, numa organização de tais dados pela pesquisadora, com a finalidade de oferecer sua melhor visualização, bem como o fornecimento, para o leitor, da estatística levantada à época, em que se pode observar destaque, como *causa mortis*, para apenas quatro suicídios, enquanto que o próprio jornal dava conta de noticiá-los, no decorrer de tal período, com frequência bem mais significativa.

Os dados relativos aos óbitos, quanto a seu gênero, no mês de janeiro, e os relativos, em sua totalidade, ao mês de março, não constavam de publicação no periódico, assim como os dados referentes ao ano posterior, de 1897, também aqui analisado.

Tabela 1 – Ocorrência de Nascimentos e Óbitos em Porto Alegre/ 1896

Mês	Data da Publicação	Nascimentos Masculinus	Nascimentos Femininos	Nascimentos Total	Óbitos Masculinus	Óbitos Femininos	Óbitos Total
Janeiro/1896	07 de Fevereiro	104	84	188	-	-	175
Fevereiro/1896	03 de Março	98	78	176	95	63	158
Março/1896	-	-	-	-	-	-	-
Abril/1896	06 de Maio	108	124	232	106	78	184
Maio/1896	06 de Junho	93	111	204	93	62	155
Junho/1896	03 de Julho	101	101	202	86	69	155
Julho/1896	06 de Agosto	81	83	164	81	77	158
Agosto/1896	11 de Setembro	73	75	148	107	95	202
Setembro/1896	14 de Outubro	66	72	138	124*	101*	225

Outubro/1896	11 de Novembro	50	67	117	102	99	201*
Novembro/1896	09 de Dezembro	81	82	163	105	102	207*
Dezembro/1896	27 de Janeiro de 1897	95	102	197	131	98	229

* Aqui assinalam-se, no mês de Setembro, um óbito masculino e um feminino cuja causa apontada foi a morte voluntária, e nos meses de Outubro e de Novembro, um óbito por morte voluntária, sem discriminação de gênero.

Fonte: Jornal Correio do Povo, exemplares citados na lacuna referente aos dias de publicação dos dados.

ANEXOS C – DVD Envenenamento e Duas Mortes

Estrychnina: uma novela de sensação

APRESENTAÇÃO:

O DVD que acompanha o presente trabalho, em seus anexos finais, pretende oferecer ao leitor um resumo da novela *Estrychnina*, escrita por Mário Totta, Paulino Azurenha e Souza Lobo, a partir da leitura da edição comemorativa aos cem anos de sua publicação, em 1997. Acompanhando o mesmo, e servindo como pano de fundo, o assistente visualizará imagens da cidade de Porto Alegre ao final do século XIX e virada para o XX, destacando e/ou reforçando aspectos abordados pela novela, ou, em sua falta, material o mais fiel possível ao citado – uma imagem da cidade de Pelotas, no início do século XX, para ilustrar a aquisição da estriçnina em farmácia pelotense, pelo suicida, e outra das catacumbas do Cemitério da Santa Casa na atualidade. Cabe salientar que tal fato se deveu à dificuldade e impossibilidade de se terem localizado imagens da época no decorrer da pesquisa e coleta de dados. A trilha sonora – trecho da ópera *La Traviata*, de Giuseppe Verdi - faz alusão à peça *A Dama das Camélias*, assistida pelos protagonistas no Theatro São Pedro, cuja cena, no discurso da obra literária, descortina a história e o enredo que permearam e, de certa forma, conduziram e orientaram as reflexões contidas nesta dissertação de mestrado.

